

Do autor best-seller da Amazon
J h o n a t a s N i l s o n

A person is submerged in water, with their head and shoulders visible. The water is filled with bubbles, and the entire scene is tinted with a blue and purple hue. The person's eyes are closed, and their expression is serene. The background is a soft, out-of-focus blue.

SUBMERCIR

*Sua vida fora destruída pelas águas.
Agora era hora de recomeçar.*



Submergir

Copyright © 2018 Jhonatas Nilson.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão total ou parcial, sob qualquer forma. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Capa: LA DESIGN

Revisão: Alice Martins

Contato: www.jhonatasnilson.com

Querido leitor,

Este não foi um ano fácil. Durante os últimos meses, a vida deu inúmeras reviravoltas e passei por perdas irreparáveis. Perdas tão grandes que ainda me fazem sangrar por dentro. Mas eu não estava sozinho. Tive a oportunidade de ter pessoas grandiosas ao meu lado que me ajudaram a enxergar um novo caminho. E me impulsionaram na direção de um recomeço.

A ideia para *Submergir* surgiu durante uma das minhas conversas com os meus dois ex-colegas de dormitório, que são asiáticos. Eu estava em um momento de completo torpor, inteiramente destruído por dentro e encontrei neles um apoio imensurável. Morávamos juntos, portanto, o apoio vinha de todos os lados, desde a palavra mais simples até os sorrisos sinceros.

Como é possível notar, as inspirações surgem das mais diversas formas. Os personagens ganham vida em situações inesperadas e permeiam a minha cabeça até que, por fim, possam encontrar os próprios finais felizes.

Tive que esperar voltar ao Brasil até que Tae-il e Sophie ganhassem vida através das palavras, de fato. Agora, sinto que este é o momento certo para finalizar esta história.

Se você é um leitor que nunca teve a chance de conferir uma das minhas obras, espero que goste do que encontrará aqui. E se você for um leitor que já conhece a minha escrita, gostaria de agradecer por se permitir sonhar mais uma vez ao meu lado.

Bem, sei que não é possível agradar a todos os leitores. Alguns não irão gostar da minha escrita, outros não vão se apaixonar pelos personagens. Reações diversas são comuns. Cada leitor é um leitor. No entanto, entre todas as coisas, eu espero, de verdade e com toda a alma, que este livro sirva para fazer com que você, caro leitor, nunca se esqueça de que é especial.

Eu não sei a sua história, não sei pelas coisas que você está passando. Mas te peço que nunca se esqueça da sua grandiosidade e da sua força. E nunca permita que alguém te faça acreditar o contrário.

Desejo-lhe uma excelente leitura!

Com carinho,
Jhonatas Nilson.

Dedicatória:

*Para Chris, Asli, Oat, Dillys, Fernanda e Lluvia.
Nunca vou me esquecer da semana do meu aniversário
Quando eu tinha acabado de sofrer
A maior perda da minha vida
E eu pretendia apenas me isolar
E vocês não aceitaram a minha tristeza
E me compraram um bolo
E me escreveram cartas
E fomos para uma discoteca
E dançamos bêbados sem ter ideia do que estávamos fazendo.
Obrigado por me fazerem sorrir quando eu estava
Prestes a desmoronar.*

PARTE I

Capítulo 1

Amber Fraire não o amava. Na verdade, se fosse bem sincera consigo mesma, podia afirmar, com todas as palavras, que o odiava. Não que ele fosse um homem ruim, pois não era. Tinha um coração bom. Bom demais. E definitivamente ela não suportava homens excessivamente bonzinhos.

Tinha a impressão de que nascera para estar nos braços de alguém com a força e a capacidade de dominá-la, fazendo-a chegar ao ápice apenas com o poder do descontrole controlado. Portanto, Tae-il certamente não era capaz de sequer chegar perto de ser alguém assim.

O grande problema era que ela precisava de dinheiro. Manter uma vida repleta de regalias não era algo exatamente fácil, ainda mais quando era praticamente impossível conseguir um emprego minimamente agradável sem possuir experiência alguma. Por essa razão, o melhor a se fazer era simplesmente estar com um homem rico. Alguém como Tae-il.

— Eu estava muito ansiosa! — disse ela com um sorrisinho falso ao beijá-lo.

Jung Tae-il tinha vinte e cinco anos e era um fotógrafo em ascensão extremamente talentoso. Apesar de ter nascido em Seul, capital da Coreia do Sul, vivia em Nova York há cerca de dez anos.

Seu pai, Jung JiMin, precisara de um tratamento muito específico na parte anterior ao encéfalo. Por isso, toda a família fora obrigada a mudar-se de país e começar uma nova vida. Mesmo com tantos esforços, o homem morreria sete anos antes, depois de realizar uma cirurgia delicada que resultara em sua morte cerebral.

Não fora fácil para Tae-il observar seu pai definhando aos poucos, vítima de um tumor que aparecera de uma hora para outra, de maneira completamente sem sentido. E quando ele morreria, uma mistura de alívio e horror tomara toda a sua alma. Sabia que seu pai já estivera cansado de lutar quando enfim perdera a batalha, e talvez descansar, de fato, fosse a melhor opção.

Sua mãe, Jung Seul-ki, era uma mulher forte. Apesar das dificuldades que enfrentara nos últimos anos e de ter envelhecido mais rápido por conta das preocupações, ainda assim, era uma mulher jovem e bela, com pouco mais de cinquenta anos.

Mãe e filho viviam juntos em um apartamento luxuoso localizado no Upper East Side. De lá, era possível chegar facilmente ao Central Park e também ao Rio East. Tratava-se de uma área agradável e cara, onde poucos tinham a possibilidade de viver.

Com os cabelos negros repicados e curtos, olhos cor de azeviche, pele branca e um corpo magro, mas definido, ele não podia ser considerado um jovem feio. Tinha uma aparência comum para um asiático, mas costumava chamar a atenção de algumas garotas.

Obviamente, por vir de uma família abastada, tinha certo ar de aristocracia e elegância, ainda que fosse gentil e agradável. No entanto, Amber era considerada extremamente bela. Seus cabelos ruivos e lisos davam-lhe certo ar de rebeldia, e os olhos verdes sempre faiscavam em vivacidade.

Se Tae-il era tímido e caseiro, Amber adorava festas e clubes. Por conta disso, discutiam quase a todo instante. A verdade era que Tae-il vinha de uma família ultraconservadora, onde bebidas, drogas e tatuagens faziam tintilar um alarme fictício, que aparentemente representava o início de desgraça na vida de um jovem.

— Eu também estive muito ansioso para podermos viajar juntos. — Respondeu ele ao se aproximar, beijando-a nos lábios. Seu inglês era perfeito, mas ainda era possível notar certo sotaque.

Haviam se conhecido há sete meses, e Tae-il sentia que era necessário ser capaz de qualquer coisa para agradá-la, ainda que não estivesse inteiramente feliz. Aprendera com o passar das semanas que às vezes amar muito não bastava. Descobrira que era necessário diminuir a si mesmo para fazê-la feliz. E já não tinha certeza se aquilo o cativava.

Não sabia, realmente não sabia, até que ponto tudo aquilo o que fazia era saudável. Mas, quanto mais imaginava uma vida com Amber, menos se enxergava capaz de suportar.

A verdade era que nunca havia se apaixonado até então. Nunca estivera com alguém, de fato. E ao vê-la, tão bela em cada detalhe, entregara-se por completo.

Não sabia muito bem o que estava fazendo, apenas se permitia seguir em frente, acreditando no próprio coração.

Naquele fim de semana, viajariam de carro para Pittsburgh, para que Amber pudesse rever alguns amigos que moravam naquela região. Tae-il detestava estar preso em um avião, por isso, decidiram que o melhor seria que ele dirigisse até lá.

Não que Amber tivesse ficado feliz com o resultado, afinal, para ela o melhor seria, obviamente, viajar de avião, para que assim pudessem ganhar tempo e não ficar muito na estrada. Mas, conhecendo-o como conhecia, sabia que seria impossível fazê-lo mudar de ideia, portanto, optara por simplesmente

não dizer nada.

Após colocar as duas malas grandes no carro, Tae-il deu partida e ligou o rádio. Uma música eletrônica começou a tocar e ambos ficaram em silêncio, apenas ouvindo.

Parecia estranho para ele que apesar de estarem juntos há seis meses, ainda não tivessem tantos assuntos em comum. Em momentos como aquele, sequer conversavam. Quando ele tentava iniciar algum tipo de tópico, ela simplesmente o mandava calar a boca.

Vez ou outra se perguntava se na verdade encontrava-se em um relacionamento abusivo. Porém, como todos bem sabiam, usualmente eram mulheres que sofriam abusos psicológicos, e não os homens. Ou ao menos era nisso que ele acreditava. Por essa razão, concluía que tudo não passava de paranoia e que certamente perceberia caso algo de errado estivesse ocorrendo.

Não se sentia feliz. Apesar de amá-la, era como se nunca fosse capaz de ser bom o suficiente para ela. Recebia críticas intermináveis e era tratado como se fosse odiado.

— Você dirige devagar demais — comentou ela, sempre com péssimo humor. — Eu quem deveria estar dirigindo. Não vamos chegar nunca!

— O que você quer? Que eu passe por cima dos outros carros?

— Se você prestasse mais atenção, talvez pudesse avançar mais rápido. Você é um idiota, Tae-il.

Ele apenas suspirou. Sabia que se continuasse com a discussão, tudo continuaria. Detestava brigas, ainda mais quando se tratava de Amber.

Talvez, quando criasse coragem, fosse melhor terminar com tudo aquilo. Certamente existiam outras garotas melhores do que ela. Precisava apenas tentar aprender a lidar com a ideia de que um relacionamento como aquele, muito provavelmente, estava fadado ao fracasso, ainda que ele seguisse lutando.

— Eu não entendo o motivo pelo qual brigamos tanto. — Ele de fato gostaria de entender. Gostaria, acima de tudo, de poder fazer a relação dar certo. Mas quanto mais tentava, menos avançava. Aquilo o desesperava.

— Brigamos porque você é um idiota, simplesmente não serve para nada. — Ela revirou os olhos e abriu um sorrisinho maldoso. — Você é o tipo de cara que não vale a pena. Nem sei porque ainda insisto em tudo isso.

Fazê-lo se sentir inferior e fingir estar pensando em abandoná-lo eram duas das táticas que Amber usava para deixá-lo perdido. Não sabia exatamente quando conseguira manter tanto poder, mas, pouco a pouco, Tae-il se apaixonara perdidamente, sem sequer conseguir enxergar que ela nunca o amara de fato.

Apesar de tudo, não era difícil para ela admitir que ele, muito provavelmente, seria capaz de fazer feliz alguma outra garota, afinal, era gentil, extremamente educado e carinhoso. Além disso, tinha um sorriso que parecia preencher todo o rosto.

Era um fato que ela tentara se apaixonar de verdade por ele, mas tudo o que conseguia sentir era preguiça. Preguiça da voz calma, dos assuntos irritantes e do carinho que parecia excessivo.

Quando se conheceram em um curso de fotografia profissional sete meses atrás, decidira que Tae-il seria um bom investimento. Tratara de conhecê-lo melhor e demonstrar interesse em cada um dos tópicos que ele abordava. Não fora difícil, pois apesar de ser mais velho do que ela, ele ainda não conhecia a maldade do mundo. Ou simplesmente preferia acreditar no melhor das pessoas.

Tae-il tivera praticamente tudo o que Amber nunca pôde sequer sonhar em ter. Uma família bem estruturada, uma casa enorme e grande quantidade de dinheiro. Do que mais ele precisava?

Mas ela, aos vinte e três anos, conhecia a miséria. Sabia que só era possível crescer através dos jogos de poder. Crescera e aprendera que manipular era o melhor a se fazer para chegar exatamente onde queria.

Sua mãe morrera no parto, deixando-a completamente sozinha nas mãos de um pai bêbado que, anos depois, decidira vendê-la para outros homens bêbados e doentes, dispostos a pagar qualquer coisa por uma noite com uma adolescente.

Foram anos de abusos, de lágrimas e dor. Por muitas vezes, acreditara que o melhor seria simplesmente acabar com a própria vida para que enfim pudesse ter paz.

O pior momento da sua vida fora em seu aniversário de quinze anos, quando seu pai, sob o efeito de algum alucinógeno que ela não conhecia, entrara em seu quarto durante a noite. Mesmo que tanto tempo tivesse passado, ela ainda podia sentir o odor horrível de suor que se impregnara em suas narinas.

Ele a espancara até quase a morte e em seguida a abusara. Ao terminar, deixara o corpo feminino e magro atirado ao piso de linóleo, sangrando.

E fora exatamente após aquela noite horrível que Amber decidira que nunca mais deixaria que alguém a machucasse. Fugira de casa e encontrara um cowboy viúvo. O seduzira e em seguida o matara aos poucos, colocando doses homeopáticas de uma substância nociva ao coração.

Ao final, recebera uma boa herança, mas ainda não era o suficiente para que tivesse uma boa vida. Por isso, Tae-il fora o seu foco durante muito tempo.

Mas não era mais.

Há mais ou menos quatro semanas começara a se encontrar com um empresário rico do ramo alimentício e este já fora capaz de dar um horizonte muito mais amplo do que o que Tae-il oferecera durante o tempo em que estiveram juntos.

Naquele mesmo dia, terminaria com ele e seguiria em frente. Esperava que nunca mais voltasse a vê-lo.

— Você é complicada demais, Amber — disse ele e ficou em silêncio logo em seguida.

Ela não respondeu. E assim, passaram praticamente todo o caminho sem dizer uma palavra sequer, até que, horas mais tarde, Tae-il estacionou no acostamento logo na entrada da cidade. Abriu a mochila que estava na parte de trás do carro e pegou a câmera que sempre trazia consigo.

— O que vai fazer? — perguntou ela, sem paciência.

— Vou fazer uma foto daquele pássaro. — Ele abriu um sorriso gigante e apontou na direção de uma ave ao longe.

— Caralho, vamos embora! Não estou disposta a perder tempo com isso! — Ao descer do carro, ela colocou as duas mãos na cintura e bufou.

— Sabe de uma coisa? — o rosto dele se fechou. — Estou cansado do que você se tornou. Quer ir embora? Então vá. Eu vou fazer as minhas fotos.

— Eu tenho vergonha de estar com você! — Ela tentou usar a tática outra vez. Nunca o vira tão furioso. — Pois você é um riquinho mimado e estúpido!

— E, como eu disse, estou cansado do que você se tornou. — Ele não queria brigar, por isso, apenas encerrou a discussão. Com passadas lentas e silenciosas, simplesmente deu-lhe as costas e caminhou na direção do pássaro, fazendo várias fotos em poucos segundos.

Quando terminou de fotografar e olhou para trás, viu Amber com uma mochila nas costas e arrastando a própria mala.

— Para onde diabos pensa que está indo? — gritou ele.

— Para qualquer lugar em que eu não precise ver você. — Ela fez uma pausa e logo voltou a falar. — E não, não me ligue.

Assim, como se o relacionamento deles não representasse nada, ela partiu sem olhar para trás.

Estranhamente, Tae-il não reagiu de forma exagerada. Apenas entrou no carro, mudou a estação de rádio e passou a ouvir músicas lentas. Ficou ali, no acostamento, por várias horas, até que a noite chegou e uma chuva leve de

outono começou.

Depois de tanto pensar, ligou o carro e decidiu que voltaria para Nova York.

Desejava, com total sinceridade, que Amber fosse feliz. No entanto, sabia que por mais que a amasse com toda a sua alma, ainda sim não seria suficiente. Nunca seria.

E assim, depois daquele momento, Tae-il não voltou a ver a mulher que pensou ser o amor de sua vida.

Capítulo 2

Tae-il sabia que não estava preparado para separar-se de Amber. Contudo, sabia também que continuar com ela tratava-se de um erro. Cada vez que relembrava os momentos em que esteve ao lado dela, sentia que às vezes, algumas dores eram necessárias para que outras angústias pudessem desaparecer.

Enquanto dirigia pela estrada, refletia sobre os meses em que estivera com ela. No início, tudo parecia simplesmente perfeito ao seu lado, mas em seguida, quando enfim pegou-se apaixonado, cada detalhe entre eles passou a representar um motivo para que discutissem.

Ao contrário do que imaginara pouco tempo antes, começava a concluir que estivera em um relacionamento abusivo. Mesmo que doesse admitir, ele estivera sofrendo violências psicológicas da única mulher que pensara amar em toda a vida.

Seus olhos sonolentos encheram-se de lágrimas. Queria poder dormir e esquecer. Precisava simplesmente não pensar para que pudesse seguir em frente.

Não voltaria a procurá-la. Sim, sentia que seu coração doía ao imaginar-se sem tê-la ao seu lado, mas compreendia que o melhor a se fazer era deixá-la ir. Para sempre. E caso Amber tentasse voltar, seria forte e não a aceitaria de volta.

Antes de amar a qualquer outra pessoa, era necessário que amasse a si mesmo. Que redescobrisse as próprias fraquezas e não sentisse vergonha de ser quem era.

Sua família sempre fora extremamente orgulhosa por possuir um sobrenome de peso na Coreia do Sul. Por muitos anos, os Jungs foram sinônimos de poder e controle. Por isso, Tae-il poderia ter qualquer coisa que necessitasse aos seus pés sem que precisasse pensar muito.

Talvez, por isso, se recusara por tanto tempo a aceitar que Amber não era a mulher certa. Pois estava ciente de que entre todas as coisas que queria ter para si, ela era a única que podia partir a qualquer momento.

E, como ele imaginara, Amber partira. Sem olhar para trás.

Apesar de tudo, Tae-il não estava surpreso. Honestamente, estivera se preparando para isso por um bom tempo. Agora, era hora de seguir em frente, de tentar encontrar alguém que pudesse entendê-lo e amá-lo sem brigas constantes e sentimentos de culpa.

Com tais pensamentos em mente, concluía que na verdade, estava bem consigo mesmo. Triste, mas inteiramente consciente de que aquela relação precisara, de fato, terminar.

Tinha um futuro brilhante pela frente. Mesmo tão jovem, já começava a se tornar, aos poucos, um profissional competente e respeitado.

Não que precisasse do dinheiro, afinal sua família herdara uma grande fortuna advinda dos negócios das gerações passadas. Mas o fato era que amava a fotografia. Amava poder enxergar as cores, os tons e os detalhes. Buscar o enquadramento perfeito e eternizar um sorriso inesquecível eram algumas das suas maiores paixões.

Portanto, não devia sentir-se triste por perder uma mulher que não soubera valorizá-lo. Se avaliasse muito bem, podia ver com clareza que tinha milhares de motivos para ser grato ao invés de reclamar.

Por ter tantos pensamentos silenciando-se aos poucos em mente, Tae-il não percebeu quando seus olhos se fecharam enquanto dirigia. Sentia muito sono, pois acordara cedo para realizar uma série de fotos com algumas modelos para uma revista importante. Depois disso, ainda precisara preparar os detalhes para a viagem com Amber e dirigira por várias horas de forma ininterrupta.

Já era noite e as estradas estavam basicamente vazias, com movimentações esporádicas de caminhoneiros ou pessoas que voltavam de viagem. E apesar de ser outono, o clima parecia agradável e não fazia frio nem calor.

Rapidamente, o volante virou para o lado e o carro, que estava em alta velocidade, saiu da estrada. Obviamente, ele estava em uma velocidade maior do que a adequada, fazendo com que o veículo capotasse no ar inúmeras vezes. Quando Tae-il enfim despertou outra vez, já era tarde demais.

O desespero pareceu tomar sua alma, como se de uma hora para outra nada mais importasse, apenas o fato de que precisava sair dali para que pudesse ser salvo. Milhares de pensamentos giraram em sua cabeça naqueles pouquíssimos segundos, mas nada substancial conseguiu ser rápido o suficiente para fazê-lo escapar.

Os estilhaços de vidro das janelas entraram em seus olhos e cortaram suas bochechas de forma violenta. Com um impacto estrondoso, o carro adentrou o rio Monongahela, que ficava localizado no caminho de volta para Nova York.

Lutando contra o tempo e contra o medo que paralisava seus músculos, ele se desprende do cinto de segurança. Porém, como garras que pareciam puxá-lo para baixo, estava cada vez mais difícil se movimentar.

Estranhamente, sua visão se embaçava. De maneira lenta, a escuridão se apossava de tudo, deixando-o completamente perdido.

Abriu a porta amassada do veículo e se atirou para fora, chutando o que quer que estivesse prendendo um dos seus pés. Quanto mais tentava respirar, menos conseguia.

Tic. Tac. Tic. Tac.

Quase podia ouvir o som dos segundos se esvaindo em uma mensagem clara de que na hipótese de que continuasse preso, morreria. Sentiu-se tonto, inteiramente perdido. Seu corpo doía, tudo doía. Era impossível respirar.

Em um átimo de extremo cansaço, ele desistiu. Aceitou a ideia de que não podia resistir. Lutar era inútil. Ou, sendo sincero consigo mesmo, era irreal. Seus braços estavam frágeis e sequer conseguiam voltar a se mover.

Aparentemente, em momentos como aquele, o cérebro decidia que o melhor a se fazer era guardar as próprias energias para manter-se vivo. Dessa forma, mover-se já não era uma opção.

Ao perder a consciência, Tae-il simplesmente não percebeu quando seu corpo começou a submergir, segundo após segundo, preso às engrenagens. As águas o dominavam, lentamente. Se em um instante havia a insegurança e a dor de perder a mulher que acreditara amar, no outro já não havia coisa alguma. Apenas escuridão.

No entanto, quase como em um milagre, o pé que estava preso se soltou. Aos poucos, o corpo inerte voltou a emergir. Havia uma esperança ali. Pequena, mas ainda existente.

E, sem dúvidas, caso ele sobrevivesse, sua vida nunca mais voltaria a ser a mesma.

Capítulo 3

Sophie Horton aumentou o volume do rádio quando uma música antiga de rock começou a tocar. Com uma voz completamente desafinada, cantou sem se preocupar com o ritmo ou com a letra. Sentia-se feliz.

Passara a última semana viajando completamente sozinha. Não adorava estar sozinha, mas era maravilhoso poder ouvir os próprios pensamentos e aproveitar a própria companhia.

Passar praticamente toda a infância cercada de garotas conflituosas e problemáticas em um abrigo para moças fizera com que o silêncio se tornasse uma das coisas mais doces em sua vida.

Não que não tivesse boas lembranças do abrigo, pois tinha. Quando enfim ganhara uma bolsa e partira para a universidade, chorara como uma garotinha, despedindo-se das supervisoras e da sua assistente social.

Ainda podia se lembrar, com muita clareza, das noites frias de inverno em que todas se reuniam no grande salão. Em um círculo, aproximavam-se da lareira enquanto alguém lia uma história e distribuía cookies com chocolate quente.

Muitas pessoas acreditavam que viver em um abrigo podia ser algo terrível. E talvez de fato até fosse, caso os que ali viviam não estivessem dispostos o suficiente a fazer dar certo. Por isso, apesar da sobrelotação de garotas e das dificuldades que vez ou outra encontravam pela falta de verba, Sophie podia afirmar, sem dúvidas, que fora feliz naquele lugar. De fato feliz.

Não se lembrava exatamente quando fora para o abrigo. Talvez aos três ou quatro anos, segundo diziam. Portanto, praticamente todos os seus ideais de família e amizade haviam sido forjados com aquelas garotas órfãs. Como ela.

Sua mãe havia morrido pouco após o seu nascimento. Até onde sabia, a pobre mulher sofrera de uma depressão severa e fora encontrada morta no banheiro, com os pulsos cortados. Seu pai, que pelas fotos parecia ser um homem forte e feliz, morrera após sofrer em uma batalha contra uma infecção no fígado. Pelo que disseram, o médico não tratara o problema como deveria, resultando na morte do paciente.

Esses eram os únicos detalhes que Sophie sabia acerca da própria família. Não tentara buscar mais além daquilo e preferira simplesmente seguir em frente. Tinha um belo futuro, conseguira um diploma como jornalista e realmente não estava disposta a se prender aos fantasmas do passado. Sentia que estava vivendo o seu melhor momento, aos vinte e quatro anos. Fora contratada há poucos meses pelo *Right Now*, um grandioso jornal em Nova York.

Nunca imaginara que um dia conseguiria chegar exatamente onde queria estar. A garota órfã, que crescera em um abrigo e ganhara uma bolsa de estudos nunca seria, de fato, um motivo de aposta. Provavelmente, tivera tudo para dar errado. Mas, nem por um segundo, acreditara nas possibilidades. Considerava-se uma vitoriosa por ter um diploma, por ter um apartamento alugado e poder viver em Nova York. E, acima de tudo, por ser feliz.

Enquanto cantarolava, Sophie se assustou ao avistar a estrada repleta de marcas de pneu. Diminuindo a velocidade, olhou ao redor e avistou a ribanceira. Bem ao longe, enxergou as partes do que aparentava ser um carro dentro do rio.

Dois fatores soaram em sua cabeça: O primeiro, advindo do seu lado jornalista, gritava para que fosse até o local do acidente e tentasse conseguir algum tipo de notícia bombástica. O segundo, e este era mais intenso, surgia do seu lado humano, ordenando que salvasse quem quer que fosse.

Sem pensar muito, estacionou o carro no acostamento. De forma prática, segurou firme o celular e literalmente correu na direção do rio, levando um bom tempo até chegar lá.

Não tinha uma lanterna, por isso acendeu a luz do aparelho e, enquanto buscava o ar pelos pulmões por haver corrido tão rápido, lançava o olhar de um lado para o outro.

Foram necessários apenas alguns segundos até que avistasse um corpo imóvel boiando no rio. Seu coração retumbou no peito em nervosismo. Com mãos trêmulas, ligou para a emergência. Alguns segundos se passaram até que uma atendente enfim respondesse com voz nasalada.

— Acaba de acontecer um acidente, aparentemente gravíssimo, próximo ao rio Monongahela, no sentindo Nova York advindo de Pittsburgh. Por favor, enviem auxílio!

Ao desligar minutos depois, Sophie sentiu-se extremamente nervosa ao pensar que teria que aguardar até que alguém chegasse para ajudar. Não conseguia ficar parada, sem fazer nada.

De maneira impulsiva, tirou as sapatilhas que calçava, largou o celular no chão, caminhou lentamente na direção do rio e saltou. Era grandioso e a possibilidade de que ambos morressem era imensa, por isso, enquanto nadava, tentava manter o controle e a positividade.

Tudo vai dar certo, dizia para si mesma. Você não pode deixar aquela pessoa morrer.

Demorou um longo tempo até que ela conseguisse, enfim, alcançar o corpo. Tratava-se de um homem jovem. Havia cortes em seu rosto e ele parecia

estar morto.

Com muita dificuldade, trouxe-o de volta para a terra e quase desmaiou de exaustão quando enfim pôde se atirar ao chão, sentindo os braços tremerem. Gastara toda a sua força e energia, e sabia que com um pouco menos de sorte também teria morrido.

Não fora fácil simplesmente pular em um rio daquele tamanho. Ouvia-se casos de mortes causadas por afogamentos todos os dias. Mas, a coragem munida pela vontade de fazer algo, aparentemente foram o suficiente para fazê-la arriscar.

Como estava inteiramente exausta, ficou um bom tempo imóvel e trêmula, recuperando a energia. Após isso, arrastou-se pelo chão e tocou o rosto do homem desacordado. Havia alguns pedaços de vidro ainda fincados em seu rosto e sangue fluindo da sua testa.

O coração dela se apertou. Não o conhecia, nunca o vira na vida, mas sentiu-se triste ao pensar na possibilidade de que talvez ele estivesse morto.

Certamente aquele homem tão jovem tinha uma família. Pessoas que o amavam, esperavam por ele, preocupadas e sem saberem exatamente o que havia acontecido.

Com cuidado, tocou-lhe o pulso e esperou. Não sabia muito sobre coisas relacionadas à saúde, afinal não era médica, mas sabia que o pulso podia representar boas ou más notícias.

Engolindo em seco, fechou os olhos e colocou toda a atenção no toque.

E sim, o sangue ainda pulsava. De forma fraca, mas constante.

Ele estava vivo.

Capítulo 4

Sophie lançou um agradecimento aos céus quando percebeu que ainda havia esperança.

Durante todos os anos em que esteve no abrigo, aprendera que a esperança era exatamente o que havia de mais necessário em momentos de aparente destruição. Aprendera que ao acreditar nos recomeços e milagres, passava a ser mais forte. Pois a fé trazia força. Era a força.

Ela não conhecia aquele homem. Provavelmente nunca voltaria a vê-lo. Mas ainda assim, torceu e orou com o que havia de mais intrínseco do seu ser, clamando para quem quer que fosse. Ele precisava sobreviver. Precisava porque muito provavelmente havia uma família esperando para recebê-lo em casa, havia um futuro pronto para ser alcançado. E sem vida, sem uma segunda oportunidade, nada daquilo seria possível.

Tirando-a dos próprios devaneios, os sons das sirenes das ambulâncias ecoaram, quebrando o silêncio. Logo, em poucos segundos, os paramédicos se aproximaram e começaram a realizar os trabalhos.

— A senhorita tem algum parentesco com o paciente? — perguntou um deles.

— Não, apenas estava passando e observei que algo estranho havia acontecido. Ele... — Ela semicerrou os olhos quando as memórias do corpo boiando no rio retornaram à sua mente. — Ele... Estava boiando no rio e eu... Pulei para salvá-lo. Não sei se fiz a coisa certa, mas não havia escolha.

Mesmo que tentasse não transparecer, Sophie estava em estado de choque. Com os cabelos molhados e os olhos arregalados, buscava manter a calma, afinal nada havia acontecido com ela.

Sem dizer coisa alguma, os paramédicos começaram a realizar alguns testes. Logo perceberam que o coração ainda estava batendo e o pulso, apesar de fraco, continuava dando sinais contínuos.

— Ele vai ficar bem? — perguntou ela. — Posso acompanhá-lo?

— Você o conhece? — O homem a afastou de forma fria.

— Não, mas quero acompanhá-lo. Por favor, deixem-me acompanhá-lo ao menos até que a família dele seja notificada.

— Tudo bem, senhorita. — O homem fez uma pausa. — E não, não sabemos com certeza qual é o estado do paciente até agora.

Após isso, seguiram realizando vários procedimentos que Sophie não tinha ideia do motivo. Alguns minutos depois, algumas viaturas também

chegaram para investigar a área e até mesmo buscar possíveis vítimas que também pudessem estar no carro.

Ela não ficou para esperar o resultado. Já estava preocupada demais apenas com um e sabia que ficaria cada vez mais conectada aos acontecimentos caso seguisse no local. Portanto, apenas ignorou o seu lado jornalista que clamava por informações e voltou para o carro.

Deu a partida e seguiu a ambulância da melhor forma que pôde. Sabia exatamente onde ficava o hospital, que definitivamente não era perto do local onde se encontravam.

Era angustiante não poder saber se o homem ficaria bem. Mas, como sempre costumava repetir para si mesma, o melhor a se fazer era ter esperança. E acreditar, mesmo contra todas as probabilidades, que tudo ficaria bem.

Demorou bastante até que enfim chegasse ao hospital. Como esperado, pôde apenas ficar na sala de visitas, aguardando por um bom tempo.

Passaram-se cerca de duas horas quando, por fim, uma senhora com descendência claramente asiática e expressão desesperada apareceu, caminhando pelos corredores de forma frágil.

Jung Seul-ki era uma mulher pequenina com aparência jovial apesar da idade. Seus passos eram sempre rápidos, seus olhares sempre vivos e as mãos nunca pareciam se acalmar de fato.

No entanto, no instante em que recebera a visita de um policial e soube que seu filho, — seu único filho —, sofrera um acidente e fora levado para o hospital geral, sentiu como se todas as suas forças escapulisses das suas mãos.

Antes mesmo de sair de casa, sentira sua cabeça doer, talvez motivada por possíveis alterações de pressão sanguínea. E enquanto trocava de roupas rapidamente, seu corpo inteiro tremia.

Pareceu demorar uma eternidade até que conseguisse chegar ao endereço dado pelo policial.

O lugar era imenso e totalmente sem vida. Seul-ki teve a impressão de que as almas das pessoas que haviam morrido ali, ainda perambulavam por todos os lados, insatisfeitas por precisarem partir daquele mundo. A energia, concluiu, parecia pesada.

Definitivamente detestava hospitais e médicos, fossem quais fossem. As paredes brancas, o cheiro séptico, a falta de sons e cada detalhe faziam com que as memórias de um passado não tão distante regressassem aos seus pensamentos.

Seu marido, tão forte, lutara até o último suspiro, tentando se manter vivo para estar ao lado da família. Ficara preso em um hospital exatamente como aquele, definhando através de uma doença ridícula e enjaulado em uma cama de lençóis branquíssimos.

Doera vê-lo apagar-se aos poucos. Doera observar o único homem que amara partindo lentamente, já sem forças. Por isso, não esperara ter que voltar a um hospital novamente de maneira tão rápida. Muito menos para ver o seu único filho e herdeiro.

De forma inesperada, uma moça de vinte e poucos anos, que estava sentada em uma das cadeiras metálicas, aproximou-se com passadas rápidas. Seus cabelos loiros estavam bagunçados e os olhos cinza pareciam um tanto perdidos e cansados.

— Desculpe-me, senhora, mas... — Ela engoliu em seco, claramente nervosa. — É a mãe do rapaz que sofreu um acidente?

— Sim. — Tentou reconhecê-la, buscando na memória algum tipo de lembrança, mas não conseguiu.

— Eu me chamo Sophie Horton. Fui eu quem chamou a ambulância. Gostaria de dizer que espero que o seu filho fique bem. — Ela voltou a engolir em seco e haviam lágrimas em seus olhos. — Juro que dei o melhor de mim quando pulei no rio para tentar salvá-lo. Eu realmente gostaria de ter feito mais, mas não sou médica. Espero, de verdade, que ele fique bem.

Seul-ki ficou parada, fincando as unhas no couro da pequena bolsa que segurava. Não sabia o que dizer. Estava desorientada e inteiramente quebrada por dentro.

— Obrigada, Sophie Horton. Sou Jung Seul-ki. — Ela abaixou a cabeça lentamente em uma reverência. — Não existem palavras para descrever a gratidão que sinto por sua atitude corajosa.

— Eu gostaria de ter feito mais.

Em um gesto inesperado, a senhora levantou a mão livre e a tocou no ombro.

— Você fez o que pôde. E isto já pode ser considerado suficientemente importante. Muito obrigada mais uma vez.

Sophie sentiu-se completamente triste ao olhar aquela doce senhora nos olhos. Sua expressão era de derrota, apesar de existir clara força inerente que aparentava surgir de algum lugar, emanando em ondas.

Por não haver tido a oportunidade de conhecer a própria mãe, vez ou outra se perguntava como poderia ter sido caso o destino pudesse ser mudado.

Como poderia ter sido caso sua mãe estivesse ao seu lado. Apesar de nunca se permitir sofrer com o que não tivera, as várias dúvidas insistiam em ressurgir vez ou outra.

Tinha consciência de que aquilo era normal. Sempre existiriam perguntas sem respostas e ela não podia se culpar por isso, apenas seguir em frente como sempre fazia.

— Eu posso fazer companhia para a senhora, para que não se sinta sozinha. — Sophie tinha a completa certeza de que aquela senhora precisava de alguém ao seu lado. Alguém que tentasse sustentá-la caso existissem momentos de fraqueza.

— Não quero incomodar você. — Ela levantou o olhar e suspirou profundamente, sentindo um bolo se formar em sua garganta. — Não nos conhecemos. Você não tem motivo nenhum para estar aqui, ou para me ajudar. Por que ficaria aqui quando poderia fazer qualquer outra coisa mais agradável com o seu tempo?

Sophie levantou o braço e tomou-lhe uma das mãos. Fixou o olhar no dela e abriu um sorriso sutil e doce, que transmitia paz.

— Eu estou aqui porque sinto que é exatamente aqui onde devo estar.

Seul-ki ficou em silêncio por um longo tempo, apenas pensando e engolindo as próprias dores, mas de uma hora para outra, quase como uma barragem destruída, começou a soluçar e lágrimas escaparam por seus olhos.

— Tudo irá ficar bem. — Sussurrou Sophie, puxando-a para um abraço apertado.

Aquele abraço trouxe o porto seguro que Seul-ki precisava. Seu corpo diminuto tremia, perdendo-se no medo. Não podia perder o único filho. Ele era tudo o que restara da sua família. Caso ele partisse, ela seria transformada em pó. Em nada.

Sua vida fora marcada por perdas. Primeiro precisara deixar o próprio país, a própria cultura e tudo o que conhecia apenas para acompanhar o marido na tentativa de sobrevivência. Porém, quando ele morrera, uma parte dela também se perdera. E boa parte do brilho de sua luz se apagara.

Por muito tempo pensara que nunca seria capaz de seguir em frente. De fato acreditara que era impossível recolher os destroços que a perda causara. Mas o tempo provara-se um bom remédio e sua força retornara lentamente.

O sol continuou brilhando todos os dias pela manhã, a lua reaparecia a cada noite. Seus olhos mostravam coisas belas e sua alma lutava para se renovar. E assim, em um processo extremamente lento, percebeu-se viva outra vez. Notou

que apesar do seu maior companheiro e melhor amigo haver partido para sempre, ela ainda seguia ali. Viva.

A verdade era que todos precisavam enfrentar os mais diversos tipos de dores. E claramente algumas dores pareciam sufocar, rasgando as entranhas e deixando feridas que demoravam o que parecia ser uma eternidade para cicatrizar. Mas sempre cicatrizavam. Seul-ki aprendera essa lição da pior forma possível.

— Você sabe alguma coisa sobre o que aconteceu ao meu filho? — Quando chegara ao hospital, pedira informações na recepção, mas ainda não havia nada. Apenas pediram que esperasse e nada mais.

— Não, senhora. Eu não sei nada. — Sophie não quis dizer que o encontrara praticamente morto. Parecia cruel demais revelar algo assim para uma mãe desolada.

— Como você o encontrou? — Seul-ki parecia ter adivinhado os pensamentos dela.

— Eu...

Sophie não pôde continuar, pois lágrimas surgiram em seus olhos.

Sempre fora uma mulher sensível. Apesar das perdas e da armadura que aprendera a vestir para afastar-se das muitas dores, nunca deixara de ser alguém que sentia. Muito.

Compreendia que muitas vezes um olhar significava muito mais do que o som de qualquer palavra. E ao observar o olhar daquela pobre senhora, naquele instante, o coração dela se rompeu em um milhão de pedaços. Por ela.

— Por favor, não esconda as coisas de mim. — Seul-ki praticamente implorou. — Eu sou uma mãe desesperada para saber o que está acontecendo com o meu filho. Você pode compreender isso? Diga-me o que sabe, qualquer coisa e... Eu tentarei lidar com a realidade.

— Estava voltando de viagem quando avistei as marcas na estrada. Ao olhar na direção do rio, percebi as ferragens do carro que o seu filho estava dirigindo. O corpo dele estava... — Sophie fungou baixinho e afastou o olhar. — Estava boiando, meio sem vida. Não pensei muito, como podia? Apenas me joguei nas águas e o trouxe de volta para a terra. Olhei seu pulso e fiquei surpresa ao perceber que ele estava vivo. Havia cacos de vidro fincados em seu rosto e sangue empapado saindo de algum lugar. Isso é tudo o que eu sei. Eu sinto muito, senhora. De verdade.

Sophie preferiu revelar todas as coisas como em um tiro, para que o suspense se desfizesse. Em choque, Seul-ki deu dois passos para trás, aturdida e

destroçada.

— Ele estava vivo, não estava? — sua voz soou quase que em um murmúrio.

— Sim, ele estava. Após isso, os paramédicos o levaram na ambulância e eu os segui em meu carro.

— Por que decidiu segui-los?

— Eu precisava ter certeza de que ele estaria bem. Ainda preciso. — Ela não gostava de pensar na ideia de que talvez ele pudesse morrer. Não o conhecia, mas doía saber que uma vida tão jovem podia estar prestes a ruir. — Acredito no poder da esperança, senhora. Prefiro acreditar.

Lentamente, um médico se aproximou com passadas calmas e firmes. Era um homem jovem com menos de quarenta anos. Tinha uma aparência extremamente profissional e séria, mas parecia simpático.

— Senhora Jung?

Ela se assustou e desviou o olhar na direção do médico. De maneira completamente inconsciente, uniu uma das mãos nas de Sophie, buscando força naquela total desconhecida.

— Sim, sou eu. — Lágrimas brilhavam em suas bochechas.

— Tenho algumas notícias sobre o seu filho. — Ele fez uma pausa e limpou a garganta. — E estas notícias não são boas.

Capítulo 5

Seul-ki sempre se enxergara como uma mulher forte, mas toda a sua força se desfez no instante em que ouviu as primeiras palavras do médico.

Perder seu marido significara perder uma metade de si mesma. Agora, a ideia de perder o filho representava perder tudo o que restara. De repente, as cicatrizes que pareciam estar muito perto de se fechar, reabriram e sangraram dentro do peito.

Alguns sofrimentos eram eternos, concluiu. E a saudade certamente era um deles. Naquele instante, desejou com tudo o que ainda restava dentro de si que o seu marido estivesse ali, ao seu lado, para apoiá-la. Para dizer que Tae-il ficaria bem. No entanto, ele não estava. Nunca estaria.

Apesar da dor, sentiu uma onda de gratidão por Sophie estar segurando a sua mão com tamanho carinho. Aquela garota, decidiu, era um anjo, afinal eram poucas as pessoas capazes de se importar tanto com uma completa desconhecida.

— Estou ouvindo. — disse ela ao quebrar o silêncio. — Diga-me quais são as notícias que o senhor tem.

Ela quase podia sentir o coração batucando dentro do peito, as veias pulsando intensamente nas têmporas. Sua cabeça doía e suas pernas estavam bambas.

Não havia nada mais doloroso para uma mãe amorosa do que a sensação de estar perdendo o próprio filho para a morte. Não havia nada mais injusto do que querer fazer alguma coisa para ajudá-lo e simplesmente não poder.

Seul-ki acreditava que cada um no mundo deveria ter o poder de salvar uma pessoa amada ao menos uma vez. Pois sabia que perder alguém como ela perdera o marido era uma dor que latejava vez ou outra, mesmo quando pensava estar cicatrizada.

Portanto, pensar em perder Tae-il levava uma onda de medo às suas entranhas. Quanto mais seus sentimentos se embaralhavam, mais ela concluía que aquela era a pior sensação que sentia em toda a sua existência. Perder um filho, — alguém a quem dera a vida — , nunca seria aceitável para ela. Ou para qualquer outra mãe.

— Por favor, senhora, poderia tomar assento para que possamos conversar? — O médico era gentil e apontou na direção de uma das cadeiras metálicas, sentando-se ao lado dela. — O meu nome é Joseph Brandt e estou responsável por seu filho.

— Devo dizer que gostaria de conhecê-lo em outras circunstâncias. — Seul-ki realmente não estava interessada em saber qual era o nome do médico,

mas aparentemente ele estava tentando formar algum tipo de conexão para acalmá-la.

— O paciente Jung Tae-il foi encontrado entre a segunda e a terceira etapa do que conhecemos como hipotermia. Isso ocorre quando a temperatura central do corpo cai abaixo de trinta e cinco graus. No caso do seu filho, a temperatura corporal chegou perto dos três graus, caracterizando-se como estado gravíssimo. Como me foi informado, o corpo do paciente esteve por um longo período de tempo submergindo em água, o que causou esta queda drástica de temperatura, danos nos pulmões e em algumas outras áreas internas. — Joseph pausou e esperou alguns segundos para que Seul-ki absorvesse as informações. — Infelizmente, houve uma parada da circulação de sangue pelos vasos sanguíneos, o que poderíamos chamar de parada cardíaca.

Seul-ki estava completamente perdida, pois tentava compreender até onde o médico queria chegar. Todas aquelas informações soavam inteiramente inúteis, afinal continuava sem saber se Tae-il sobreviveria. E, definitivamente, tudo o que ela queria era ter a total certeza de que o seu filho estava bem.

— E o que todas essas informações querem dizer? — perguntou ela da forma mais calma que pôde.

— Isso quer dizer que o cérebro do seu filho sofreu múltiplas lesões. Tae-il encontra-se em estado de coma. — Joseph parou de falar quando Seul-ki levou as duas mãos ao peito e soluçou, tentando controlar o choro que crescia em pulsões. Pouco tempo depois, ele voltou a falar pausadamente. — Não existe uma forma de tratamento que possa tirar o paciente do estado de coma. Agora, a minha equipe e eu estamos trabalhando para evitar outros futuros danos neurológicos e internos. Aplicaremos nutrientes através de tubos de alimentação e também utilizaremos máquinas de ventilação artificial. Estamos fazendo o melhor para manter o seu filho vivo e para fazer com que ele desperte sem sequelas.

Como se estivesse em um completo estado de transe, Seul-ki olhou na direção de Sophie e se levantou, puxando-a para um abraço enquanto soluçava.

— O seu filho está vivo — sussurrou Sophie ao seu ouvido. — Ele está vivo. E sempre haverá esperança na vida, senhora.

As palavras reconfortantes ecoaram nos ouvidos dela, fazendo com que um pouco de força voltasse aos seus sentidos.

A garota podia estar em qualquer outro lugar, fazendo qualquer outra coisa, mas estava ali, ao lado dela. Sem pedir nada em troca. E, acima de tudo, salvara seu filho, fora corajosa o suficiente para pular dentro de um rio imenso e

frio apenas para salvá-lo. Agora, Seul-ki sentia como se tivesse uma gratidão eterna, ainda que Sophie atuasse como se suas atitudes tivessem sido comuns.

— Ele sairá do coma? — perguntou, voltando a olhar na direção do médico, mas ainda com um dos braços ao redor de Sophie. — O meu filho voltará ao estado normal?

— Supomos e esperamos que sim.

— Em quanto tempo?

— Não é possível afirmar com certeza. Tudo depende da recuperação das lesões sofridas. Cada paciente reage de determinada forma. Geralmente, nestes casos, podemos esperar que ele acorde entre duas e quatro semanas, mas não é uma certeza, apenas uma suposição.

Seul-ki abriu a boca para perguntar mais algumas coisas, mas seu corpo esmoreceu e suas pernas fraquejaram.

Se em um instante estava tentando se manter de pé, no outro sentiu como se garras de escuridão tomassem sua consciência.

Dessa forma, desmaiou nos braços de Sophie.

Capítulo 6

Seul-ki despertou minutos mais tarde em uma das salas do hospital. Ao virar-se para o lado, encontrou Sophie ao seu lado.

— Você não foi embora. — Ela parecia surpresa com o fato de que Sophie seguia ao seu lado mesmo após tanto tempo. — Não está cansada?

— Sim, estou. Mas fiquei preocupada com a senhora. — Não podia voltar para casa e deixar Seul-ki sozinha com todas as preocupações que certamente gritavam em sua cabeça cada vez que pensava acerca do filho.

A verdade era que Sophie sabia muito bem o que era precisar de alguém nos momentos difíceis e ter somente a si mesma. Sabia que usualmente as pessoas não se importavam, e que em uma cidade grande como Nova York, a individualidade imperava.

Muito provavelmente não teria ninguém que estivesse ao seu lado caso algo assim acontecesse em sua vida. Portanto, estava agindo exatamente como gostaria de ser tratada em uma situação como aquela.

Não esperava nada em troca. Usualmente, até tentaria conseguir algum tipo de entrevista para escrever uma reportagem especial, mas sentia que aquilo não era certo. Seul-ki estava destroçada e sozinha demais. Aproveitar-se de uma ocasião como aquela para ganhar dinheiro seria totalmente desumano.

Conhecia vários colegas que seriam capazes de qualquer coisa para conseguir furos de reportagem. Se fosse bem sincera, ela os entendia, afinal estavam vivendo em uma era onde as informações se espalhavam na velocidade de um simples clique, portanto, muitas vezes, os fins precisavam justificar os meios. Mas não para Sophie.

Havia o dever de criar um bom texto recheado de uma boa história, mas antes de qualquer outra coisa, existia a inevitabilidade daquilo o que ela acreditava ser humanidade.

Sophie era uma mulher que acreditava no melhor da vida. E certamente o respeito era um desses fatores essenciais em sua personalidade.

— Pode me tratar informalmente. Sempre me sinto um pouco velha quando me chamam de senhora. — A voz de Seul-ki soou muito simpática, apesar de triste.

— Tudo bem.

— O que aconteceu comigo?

— Sua pressão subiu demais, por isso ocorreu o desmaio.

Não tinham muito o que conversar, afinal sequer se conheciam. Mas

naquele instante em que ficaram lado a lado, Sophie sentiu grande conexão com aquela senhora solitária.

De maneira envergonhada, aproximou-se um pouco mais e segurou-lhe a mão. Com um sorriso gentil, quebrou o silêncio.

— Eu de verdade espero que o seu filho fique bem. Nós já sabemos que ele está vivo e essa é uma notícia maravilhosa!

Seul-ki sentiu uma paz imensa ao ouvir aquela garota falando palavras tão positivas. Percebeu que estar cercada de pessoas otimistas como ela, era um passo imenso rumo à esperança.

E definitivamente precisava de esperança, afinal, se não acreditasse que Tae-il ficaria bem, muito provavelmente não seria capaz de seguir em frente. Não seria capaz de sobreviver com a dor da perda e do vazio.

— Sophie... — Seul-ki pareceu estar ainda mais pensativa. — Você ligou para os seus pais ou para alguém da sua família para avisar onde está? Eu suponho que eles possam estar preocupados, não?

A pergunta soou como um tapa no rosto de Sophie. Sempre doía ouvir perguntas assim, ainda que as pessoas não perguntassem com más intenções.

Doía porque sempre sonhara em ter uma família esperando por ela em casa. Sonhara com a ideia de ter uma mãe atenciosa que telefonasse com frequência para saber seus passos. Sonhara com a possibilidade de ter um pai que a levasse para aprender algo novo durante o fim de semana. Mas agora, mais madura, compreendia que tudo aquilo não passava de sonhos bobos que precisavam ser ignorados.

Ela já não era uma criança assustada que vivia em um lar para garotas órfãs. Se tornara uma mulher independente e inteiramente dona de seu próprio mundo, portanto não precisava de pessoas para saber como ela estava. Nunca precisara, de fato.

— Eu não tenho ninguém esperando por mim. — Sua voz soou um tanto falhada e ela odiou-se por isso.

— Os seus pais estão viajando?

— Não. Os meus pais morreram. Eu cresci em uma espécie de orfanato. Hoje vivo sozinha em meu apartamento. — Apesar da dor em seu peito, Sophie abriu um sorriso. Sorrira daquela forma tantas vezes, que já estava acostumada com o próprio fingimento. — Não tem problema, não há ninguém que se preocupe comigo.

Todas aquelas afirmações pesaram diretamente no coração de Seul-ki, como se uma lâmina fosse fincada em seu peito.

Apesar de não parecer, todas as pessoas enfrentavam dores internas e externas. Todos estavam tentando percorrer um caminho repleto de aprendizado, espinhos e feridas. A vida, concluiu, não era justa. E crescer envolvia sentir dor.

— Eu sinto muito. — Ao olhar nos olhos de Sophie, Seul-ki percebeu que havia bondade ali. Admirou-se com a doçura que havia naqueles olhos que pareciam sorrir mesmo em momentos difíceis.

Naquele instante, concluiu que Sophie provavelmente fora uma boa garota, daquelas que se permitiam sonhar com um futuro melhor ainda que o presente parecesse duro demais.

— Muito obrigada por estar aqui comigo. Obrigada por salvar o meu filho. Sem a sua ajuda, ele provavelmente teria...

Sophie balançou a cabeça em negativa e a interrompeu.

— Não pense em nada disso. Pensemos que ele está vivo. E que tudo ficará bem.

— Como você pode ter tanta certeza?

Sophie soltou um longo suspiro.

— Eu não tenho, mas prefiro acreditar. E eu acredito.

Seul-ki não respondeu, ficou apenas em silêncio, refletindo sobre as lições que aquela garota estava dando com tamanha naturalidade.

Sempre haveria momentos de escuridão na vida, bastava tentar enxergar a luz, ainda que parecesse distante demais, concluiu.

O médico não demorou muito a voltar. Parecia um pouco mais reticente e pensava que talvez fosse melhor aguardar um pouco mais até que conversassem sobre Tae-il outra vez.

— Como se sente? — perguntou de maneira gentil.

— Péssima.

— Aplicamos alguns tranquilizantes por via intravenosa. Provavelmente a senhora ficará sonolenta por algumas horas, por isso recomendo que passe a noite no hospital.

— Eu ficaria de toda forma. — Seul-ki não conseguiria voltar para casa sabendo que seu filho estava preso naquele lugar por tempo indeterminado.

— Senhora Jung, ainda precisamos conversar sobre mais alguns detalhes relacionados ao seu filho. — Joseph puxou uma das cadeiras e sentou ao lado da cama. Preferia manter um contato visual próximo, para que assim passasse segurança não apenas aos pacientes, mas também aos que esperavam por eles.

— Ainda há mais para dizer? — O corpo de Seul-ki retraiu com a tensão.

— Existe algo mais?

— Sim, senhora. — O médico buscou a melhor forma de seguir falando. Esperara vários minutos até que os tranquilizantes começassem a fazer efeito, mas agora não podia esperar mais. Era necessário mantê-la informada da atual situação do paciente. — Tae-il sofreu algumas lesões profundas nas córneas e no rosto.

— O que você está querendo me dizer? — Nervosa, ela agarrou uma das mãos do médico, como se estivesse prestes a clamar por alguma coisa.

— Quero dizer que apesar dos ferimentos no rosto do paciente terem sido inúmeros, não irão deixar grandes cicatrizes. Mas, infelizmente, as lesões nas córneas foram profundas e os danos são irreversíveis. Tae-il perderá cerca de noventa por cento da visão.

Em choque, Sophie, que permanecera imóvel durante toda a conversa, levou uma das mãos ao peito, como usualmente fazia quando recebia algum tipo de notícia triste. Não conseguia entender como uma vida podia mudar de maneira tão drástica de uma hora para outra.

— O meu filho ficará cego? — Seul-ki fez uma careta, expressando um tipo de dor profunda e angustiante. — O meu Tae-il não poderá mais enxergar?

— Sinto muito, senhora Jung.

— *O meu filho é fotógrafo.* Admirar o universo é o que ele mais ama fazer. Ele... — Ela fez uma pausa e soluçou. Seu corpo reverberava em uma onda de dor tão visceral que chegava a ser física. — Não podem tirar isso dele. É o que ele mais ama fazer. Não podem, é...

— Injusto. — Completou Sophie com a voz trêmula. — Inteiramente injusto.

— Eu compreendo a sua preocupação, senhora, mas infelizmente não há nada que possamos fazer. Muito foi danificado. Eu realmente gostaria de poder fazer mais do que já estamos fazendo, mas não posso. Não podemos.

— Mas isso não é justo... — Seul-ki falou quase que em um sussurro. Sentia-se fraca demais para gastar as próprias energias conversando com o médico.

De maneira gentil, ele pousou a mão dela em cima da cama e se levantou da cadeira ao olhar no relógio de pulso.

— Preciso fazer mais algumas análises para me certificar de que o seu filho continua estável. Espero que a senhora possa descansar com os tranquilizantes. — Ele abriu uma expressão de entendimento e conforto. — Durma, senhora. Amanhã será outro dia.

— Obrigada por sua atenção. — Ela de fato estava agradecida, pois Joseph demonstrava ser extremamente atencioso e gentil. — Quando poderei ver o meu filho?

— Amanhã, ou depois de amanhã. — Ele olhou no relógio outra vez. — Como eu disse, precisamos realizar mais alguns exames e testes para nos certificar de que ele continua estável.

— Tudo bem. — Foi tudo o que ela disse.

Quando o médico saiu, Sophie sentou na cadeira onde ele esteve sentado.

— O seu filho é fotógrafo? — perguntou, tentando quebrar o silêncio, mas logo sentiu-se tola com a pergunta estúpida.

— Sim. Ele sempre amou eternizar momentos, ainda que os momentos nunca possam ser eternizados. — Seul-ki fez uma longa pausa enquanto as lágrimas escorriam por sua bochecha. Várias memórias giravam em sua mente, impedindo-a de raciocinar com rapidez. — O meu filho sempre foi um sonhador, Sophie. Sonhava que através das fotografias, as pessoas sempre seriam capazes de levar consigo os momentos felizes. De garantir que a memória não falharia. Agora que ele deixou de enxergar, como ele seguirá fazendo o que ama?

Sophie tentou encontrar algum tipo de resposta que parecesse boa o suficiente, mas não encontrou. Simplesmente não sabia como confortar alguém que parecia tão emocionalmente perdida.

— Ele terá que recomeçar. Certamente encontrará outras formas de levar a beleza da vida para as pessoas. Talvez não com a fotografia, mas certamente de outras maneiras.

— Eu tenho certeza que apesar do meu filho estar fisicamente vivo, uma parte dele morreu naquele acidente. Uma parte grande, Sophie. Quando tiramos amores da vida de alguém, essa pessoa definha. E morre aos poucos.

— Espero que ele encontre luz em outros amores. — Sophie se lembrou de uma pergunta que quisera fazer há algum tempo. — Ele de fato estava sozinho no acidente?

— Sim. Na verdade, ele foi para Pittsburgh apenas porque a maldita ex-namorada dele queria rever alguns amigos. — Seul-ki abaixou o olhar e passou o dedo por entre os lençóis brancos da cama. — Eles tiveram uma briga e terminaram. Tae-il ligou para mim pouco depois, avisando que voltaria antes do que o previsto e me contou toda a história.

— Você não gostava da ex-namorada dele?

— Não! Aquela garota tinha um olhar que me fazia sentir inteiramente desconfortável. O tipo de olhar repleto de amargura e impiedade. O meu filho

não estava feliz com ela.

Enquanto sabia mais sobre Tae-il, Sophie se sentia cada vez mais intrigada, querendo descobrir mais sobre a sua história e também sobre suas paixões.

A noite passou lenta e Seul-ki adormeceu pouco tempo depois, perdendo para a força dos tranquilizantes. Uma enfermeira ainda apareceu duas vezes para verificar sua pressão sanguínea e garantir que nada aconteceria outra vez.

E quando os primeiros raios de sol surgiram no céu, Sophie escreveu um bilhete dizendo que precisava ir para casa, mas logo voltaria para estar ao lado dela. Deixou seu número de telefone anotado e partiu sentindo o coração pesar.

Quando chegou em seu apartamento, tomou uma ducha rápida e deitou na cama com um suspiro. Estava sonolenta e cansada, sabia que aquele seria um dia difícil.

Dormiu por algumas poucas horas e acordou ainda mais cansada. Sua cabeça doía um pouco e seus olhos pesavam, por isso decidiu servir-se de uma xícara de café forte para que pudesse despertar.

Durante toda a manhã, teve as lembranças da noite anterior girando em sua cabeça. Ela também podia ter morrido, afinal agira de forma impensável e pulara dentro de um rio enorme. Mas estava bem, disse para si mesma. Sentia-se apenas emocionalmente exausta e seus músculos doíam, mas nada era comparado com o que Tae-il estava passando.

Ele ficaria bem, repetiu para si mesma. Seria um caminho difícil, certamente.

Mas ele ficaria bem.

Capítulo 7

Seul-ki só pode ver o filho, de fato, dois dias depois. Entrou na sala onde ele estava e se aproximou com passadas lentas. Tinha os olhos marcados por manchas roxas de quem estava há tempo demais sem dormir. E, como esperado, começava a perder peso, pois quase não comia.

Seu estômago parecia rejeitar qualquer tipo de comida. Sempre estava enjoada, tensa e melindrosa, como se carregasse o peso do mundo nas costas.

Era difícil ver o filho naquela situação e não poder fazer coisa alguma. E mais difícil ainda era simplesmente não saber quando ele acordaria, quando voltaria a sorrir outra vez.

Na verdade, ela temia que Tae-il fosse demorar um longo tempo até que de fato pudesse sorrir como antes. A vida que ele conhecia havia terminado e agora ele precisaria recomeçar. Certamente, força era tudo do que ele precisaria dali em diante, e ela estaria ao seu lado, dando o apoio que somente uma mãe amorosa seria capaz de dar.

Ao se aproximar, parou e fixou o olhar no rosto do filho. Parecia muito pálido e sem vida. Havia ferimentos em várias regiões da pele, alguns mais sérios do que outros. Vários tubos vinham de diversos lados, e ambos os olhos estavam enfaixados.

Seul-ki quase não pôde reconhecer o filho e foi como se uma faca rasgasse a sua alma em um milhão de pedaços. Como uma mãe seria capaz de ver o único filho sofrer daquela forma sem que pudesse fazer nada?

De súbito, se perguntou se Tae-il estaria sonhando. E quais sonhos ele teria. Se perguntou se coisas bonitas passavam em sua cabeça, e se havia qualquer possibilidade de que no mais íntimo de sua alma, pudesse existir uma voz que tentava acordá-lo dia e noite de forma incessante.

Enquanto pensava, uma enorme saudade assomou seu peito. Queria ouvir o som da voz do filho, e daquela risada fácil, cheia de vida que ele sempre tivera.

Era estranha a forma com que a vida dava e em seguida tirava o que havia de mais importante, quase como se o destino fosse um jogo maldoso onde as perdas se tornavam meros instrumentos que estavam ali apenas para tornar a vitória mais difícil.

Tae-il tivera a oportunidade de conhecer a beleza das flores, de se aprofundar nos tons azuis da água do mar, de admirar a intensidade de um sorriso. E agora, depois de perder a visão, tudo aquilo se transformaria em memórias que seriam guardadas nos baús mais profundos da mente.

A realidade ficaria mais difícil, mais limitada. Muitas possibilidades

deixariam de existir em seu caminho, e ele seria obrigado a abrir outros, a descobrir maneiras de seguir em frente. Mas assim como um girassol não aceitaria a escuridão depois de conhecer a luz de um dia ensolarado, Tae-il provavelmente sofreria para se adaptar. Pensar naquilo destroçava Seul-ki por dentro.

— Muitas coisas vão mudar para você, meu filho — disse ela, baixinho. Precisava conversar. Se não desabafasse, tinha a impressão de que explodiria a qualquer instante. — Mas eu estarei aqui ao seu lado, para ajudar no seu novo caminho.

Sempre se ajudaram. Primeiro, eram pai, mãe e filho. E quando uma peça daquela engrenagem se quebrou, todo o resto desmoronou um pouco. Portanto, por mais que os problemas surgissem, seguiriam em frente juntos. Exatamente como sempre aconteceu.

— Era uma vez um garoto honrado que tinha a formosura de um entardecer no verão... — Seul-ki lembrou-se da época em que contava histórias para o filho. Ele ainda era um garotinho que sonhava com tudo e adorava viajar nas histórias da mãe. — E esse garoto encontrou monstros durante a sua caminhada rumo à colheita. Monstros gigantes. Mas ele não teve medo, afinal ter medo nunca foi uma opção. Não para ele. Por isso, o garoto enfrentou cada monstro como se o seu corpo franzino fosse o mais forte do universo. Na verdade, a força do garoto estava em seu espírito, e não em seu físico...

Seul-ki permaneceu falando durante um bom tempo, sempre com lágrimas nos olhos e se sentindo exausta. Quando uma das enfermeiras reapareceu informando que era hora de deixar a sala, ela lançou uma última olhada na direção do filho e saiu.

Como esperado, encontrou com Sophie na sala de espera.

— Como ele está? — perguntou, ansiosa.

— O meu filho parece estar... — A intensidade da palavra ecoou dentro do peito. — Morto.

— Agora, esperar é tudo o que poder ser feito.

— Sim, minha querida. Infelizmente. — A conversa se encerrou, afinal Seul-ki sentia que já não era capaz de dizer coisa alguma.

E assim, os dias passaram lentamente, um aparentando ser mais doloroso do que o outro. Seul-ki perdeu peso e pareceu envelhecer, aparentando estar exausta por não conseguir dormir e comer pouco. Era como se morresse a cada manhã, cada vez que lembrava da situação do filho e da saudade de vê-lo bem, com saúde.

Em sua casa, tudo parecia silencioso demais. Triste demais. A solidão tornava as noites insone quase eternas. Claramente, Seul-ki estava muito perto de um colapso, mas resistia. Precisava resistir.

Apesar de estar muito ocupada com o trabalho, Sophie ligava constantemente para saber notícias, e sempre que podia, ia ao hospital para fazer companhia à Seul-ki. Enquanto as semanas se estendiam, tornaram-se amigas. Uma conexão se formou, e Sophie sentiu-se satisfeita por estar ajudando de alguma forma. De fato, adoraria poder fazer mais, mas como ela mesma dissera várias vezes, esperar era a única coisa que podia ser feita no momento.

A pobre senhora ainda precisaria enfrentar muitos desafios. Tae-il também. Sequer gostaria de imaginar o momento em que ele descobriria que já não poderia ser capaz de enxergar.

Quando se colocava no lugar dele, chegava à conclusão de que não fazia ideia de como reagiria. Portanto, Sophie esperava, com o que havia de mais intrínseco em seu ser, que a felicidade voltasse à vida daquelas pessoas. E que a dor do recomeço não fosse tão dilacerante.

Capítulo 8

Ao contrário do que Seul-ki imaginara, o despertar do coma não ocorria de uma única vez, como se o paciente estivesse dormindo e acordasse de um sono profundo. Na verdade, o processo ocorria aos poucos, de forma lenta. O ato de retomar a consciência era um caminho que precisava ser percorrido com calma através dos dias e qualquer avanço era um grande motivo de comemoração.

Tae-il apresentou o primeiro sinal duas semanas depois do acidente, quando, com dificuldade, movimentou dois dedos da mão esquerda. Ao longo dos dias, os movimentos se repetiam constantemente, e Seul-ki notou que eram os dedos que o filho utilizava para fazer as fotos quando usualmente segurava uma câmera fotográfica profissional.

Não muito tempo depois, podia-se ouvir balbuciações aparentemente sem nenhum sentido. Os sons escapuliam vez ou outra, quebrando o silêncio e levando lágrimas aos olhos de Seul-ki. Logo em seguida, os pés passaram a se mover esporadicamente.

No entanto, Tae-il só conseguiu manter uma conversação de fato, ao final da quarta semana após o acidente.

— Converse comigo, meu Tae-il. — Sussurrava Seul-ki, acariciando os cabelos negros do filho. As faixas que cobriam seus olhos haviam sido reduzidas e a cicatrização acontecia sem grandes problemas. — Eu sinto saudades de você. Da sua voz.

Ela passava praticamente todo o tempo que podia ao lado dele. Voltava para casa apenas quando se sentia exausta demais a ponto de sequer conseguir se manter de pé, ou de dormir no sofá desconfortável do hospital. Estava cada vez mais magra e seus cabelos pareciam uma grande bagunça.

Mas nada daquilo importava. Quando acordava pela manhã e se olhava no espelho, não enxergava a própria aparência. Via apenas a sombra de tristeza que parecia haver sido instaurada ao redor de tudo o que ela era.

No entanto, uma centelha de alegria surgiu naquela tarde de outono. Sem mais nem menos, os lábios dele começaram a se mover, assim como as duas mãos.

— Eu estou aqui — disse ele, sua voz rouca. — Aqui. Onde eu estou? Eu estou aqui, mamãe.

Parecia desorientado, inteiramente perdido. Sentia como se sua garganta tivesse sido preenchida com areia, pois estava seca. Era estranho ouvir a própria voz.

— Tae-il, você pode me ouvir? — ela prendeu a respiração sem perceber.
— Consegue ouvir a minha voz?

Ele demorou um longo tempo para responder, e por alguns segundos Seul-ki pensou que talvez o filho estivesse apenas balbuciando outra vez.

— Sim, mamãe. — Ele passou as mãos pelos lençóis, buscando algum tipo de toque, em seguida, seguiu se movimentando até que os dedos tocassem o próprio rosto. — Eu...

Com cuidado, ela afastou uma das máscaras de oxigênio que serviam para que ele respirasse melhor. Não eram exatamente essenciais, por isso, não havia problema retirá-las por alguns minutos.

— Eu... não consigo ver. — As palavras soavam engroladas, distantes. — Eu não... consigo ver.

— Oh, meu filho. — Seul-ki pousou a mão em sua testa, dando-lhe carinho.

— Mamãe... — Ele falava pausadamente, como se perdesse os próprios pensamentos e tentasse recuperá-los. — Mamãe, eu não... Consigo... Enxergar...

— Você está sentindo alguma dor?

— Não... Eu... Enxergar... Não...

Seul-ki abaixou-se e beijou a bochecha esquerda do filho.

— Acalme-se, meu querido. — Ela engoliu as lágrimas. Não queria que Tae-il percebesse que estava nervosa. — Algumas coisas vão mudar de agora em diante, mas tudo ficará bem. Eu estou ao seu lado.

— Enxergar... — Lentamente, ele passou os dedos pelo rosto, sentindo as feridas cobertas por curativos. — Mamãe... Ajuda... Eu... Preciso...

Tae-il seguiu naquele estado durante vários dias, mantendo conversações curtas e repetindo algumas palavras-chave. Segundo Joseph, ele estava avançando exatamente como o esperado. Não apresentava nenhum tipo de infecção e não tinha insensibilidade nos membros inferiores.

Todos aqueles detalhes eram notícias maravilhosas. Obviamente ainda havia um longo percurso a ser percorrido, mas tudo parecia avançar sem grandes problemas.

E, dois meses depois, Tae-il já estava conversando com mais facilidade. Na medida do possível, conseguia se manter desperto e prosseguir com certo foco nos próprios pensamentos.

— Infelizmente, ambos os seus olhos foram prejudicados através dos estilhaços dos vidros. Seu rosto também sofreu ferimentos. Fizemos o que

poderia ser feito. — Joseph parecia cansado após enfrentar horas de um plantão aparentemente interminável, mas ainda assim, se manteve simpático e compreensivo.

— E não existe qualquer possibilidade de receber doação de córneas ou algo assim? — A voz de Tae-il soava muito mais firme.

Quando recebera pela primeira vez a notícia de que estava cego, não reagira exatamente como muitos esperavam. Apenas afirmou querer estar sozinho e ficou em silêncio. Não gritou, não chorou ou sequer reclamou.

Apesar de não demonstrar sinal algum acerca da dor que estava sentindo, o monitor ao seu lado avisara claramente que os seus batimentos cardíacos estavam alterados, aumentando em uma velocidade alarmante. A enfermeira que estivera no plantão aferira a pressão sanguínea e aplicara alguns tranquilizantes que pudessem acalmá-lo por algum tempo.

Tae-il sempre tentava engolir a dor, como se esperasse que tudo sumisse caso seguisse ignorando tudo que sangrava dentro do peito. E o grande problema era que guardar as dores e fingir não sentir nada também o enfraqueciam.

Ele só se permitira chorar de fato quando Seul-ki voltara para casa por algumas horas e o deixara sozinho após muito relutar. As lágrimas escorreram como se nunca fossem parar, fazendo com que, no mais íntimo do seu ser, tivesse a impressão de que era um homem fraco.

— Não, infelizmente não. — Joseph se aproximou um pouco mais. — Você está apresentando um ótimo avanço, Tae-il. Tenho certeza de que você irá se adaptar com o passar dos meses.

Ele não respondeu, apenas assentiu com a cabeça e continuou pensativo.

Sua vida estava destruída, disse para si mesmo. Inteiramente destruída. Já não poderia fotografar, necessitaria encontrar algum outro tipo de trabalho. E precisaria lutar para se adaptar em uma cidade imensa como Nova York.

Veza ou outra, quando a escuridão parecia intensa demais, pensava que o melhor a fazer era desistir. Arranjar alguma maneira de acabar com a própria vida e interromper tamanha dor que se infiltrava.

Como ele poderia se acostumar com a escuridão, se fora ensinado a admirar a beleza das cores? Como poderia voltar a sorrir outra vez, se nunca mais seria capaz de enxergar um belo sorriso? A verdade, para ele, era que estava morto por dentro, então parecia inútil apostar numa sobrevivência que já não significava coisa alguma.

O médico pediu licença e saiu da sala pouco depois, deixando Tae-il com sua mãe.

— Quando poderei sair daqui? — perguntou. Parecia sempre muito sonolento, como se carregasse o mundo nas costas.

— Cada coisa no seu tempo. — Ela se aproximou e segurou a mão do filho. — Como está se sentindo?

— Normal. Como se eu estivesse oco por dentro, como se permanecer insistindo fosse uma perda de tempo. Será que eu não poderia ir para casa hoje?

— É claro que não. — Ouvi-lo dizer essas coisas doía. — Por favor, Tae-il, não diga que viver não vale a pena. Você irá começar de novo e eu sei que você é forte o suficiente para fazê-lo.

— Sou?

— Sim, você é. E eu acredito em você. — Como se para reafirmar o que estava dizendo, ela apertou sua mão com mais força.

Interrompendo a conversa, Sophie bateu na porta, abriu e entrou com passadas lentas. Ainda não havia se comunicado com Tae-il. Na verdade, estivera muito ocupada nos últimos dias e também achava que não era prudente invadir a privacidade dele agora que estava desperto outra vez.

— Boa tarde — disse ela, meio sem jeito. Não queria incomodar.

Seul-ki abriu um sorriso imenso e caminhou na direção dela. Não costumava abraçar outras pessoas que não fossem da família, mas sentiu a necessidade de fazê-lo ao avistá-la.

— Senti a sua falta, querida — disse ela. — Como estão as coisas no trabalho?

Eram amigas agora. Grandes amigas. Seul-ki nunca tivera tamanho apoio, ainda mais vindo de uma completa estranha. Com o passar das semanas, passaram a trocar confidências e já não havia vergonha ou o medo de demonstrar fraquezas.

— Estive realizando algumas reportagens especiais para o Natal. É cansativo e estressante. Eu sinceramente odeio deadlines, ainda mais quando são insanas. — Ao parar de falar, Sophie olhou na direção de Tae-il e continuou de forma sussurrada. — Como ele está?

— Tentando seguir em frente. Venha, quero que vocês enfim possam se conhecer!

Sophie fixou o olhar em Tae-il e algo dentro dela mudou. Não sabia exatamente o que era, mas saber que ele estava não apenas vivo, mas também verdadeiramente consciente, fez com que alguma coisa inexplicável mudasse.

— Com quem está falando? — perguntou Tae-il, curioso. — Alguma

enfermeira?

— Não. — Seul-ki pegou a mão do filho e a uniu à de Sophie. — Esta é Sophie Horton. Foi ela quem salvou a sua vida.

As palavras ecoaram dentro dele. O simples toque levou uma enxurrada de sensações que até então ele não conhecia. Agora que não enxergava, precisava sentir cada detalhe, para que assim pudesse imaginar.

A pele dela era macia, percebeu. E mesmo tão longe, concluiu que os cabelos dela exalavam um odor agradável de frutas vermelhas.

— Muito prazer, Tae-il. — A voz dela soou envergonhada, quase insegura, mas verdadeiramente simpática. — Eu espero que você esteja se sentindo melhor.

Ele ficou tão focado em senti-la, que se esqueceu de responder. Seus pensamentos ainda estavam lentos, portanto era um pouco difícil manter a própria atenção.

Tocá-la enviava uma sensação diferente ao seu corpo. Curiosidade, disse para si mesmo. Estava curioso para conhecê-la melhor e, acima de tudo, a sensação de gratidão que emanava parecia ser o que havia de mais vivo nele.

— Tae-il? — chamou Seul-ki, começando a ficar preocupada.

Ele balançou a cabeça em afirmativa e sorriu.

— Desculpe, às vezes me perco nos meus próprios pensamentos. — Ele apertou a mão de Sophie com um pouquinho mais de força e abriu um sorriso que sequer tinha vida. Em seguida, o contato das mãos terminou. — É um prazer conhecer a mulher que teve a coragem de pular em um rio para salvar a minha vida. Muito obrigado, Sophie Horton. Eu poderia passar todo o dia agradecendo, mas ainda não seria suficiente.

Sophie percebeu que ele estava tentando ser bem-humorado e fingir que não se sentia tão ferido por dentro, e o admirou por isso. Tudo era muito recente e certamente não estava sendo fácil aceitar a ideia de que não poderia enxergar.

Seul-ki estava surpresa com a forma com que o filho estava lidando com toda a nova realidade. Na verdade, esperara uma reação muito mais intensa, mas não estava acontecendo nada daquilo.

O que ninguém sabia era que Tae-il só se permitia, de fato, se entregar à dor durante a noite, quando ninguém podia vê-lo ou julgá-lo. Passava as madrugadas insone, chorando silenciosamente até dormir.

Sua mãe, a única pessoa que tinha como família, já enfrentara preocupações demais por culpa dele. Se chorasse na frente dela, só aumentaria

todo o problema. Portanto, decidira que enfrentaria as próprias dores sozinho. E seria forte, ou tentaria.

— Eu teria feito a mesma coisa uma vez mais, caso fosse necessário. Estou muito feliz em vê-lo consciente. — Era quase como se ele fosse um conhecido de longa data. Durante as várias conversas que tiveram, Seul-ki contara acerca do filho, sobre a infância na Coreia do Sul, sua adaptação nos Estados Unidos e muitas outras coisas.

— É muito gentil da sua parte. Obrigado. Tenho uma grande dívida com você.

— Se recupere, retome a própria vida e siga em frente, assim você pagará a dívida que tem comigo. Combinado?

Ele voltou a estender o braço e as mãos se uniram outra vez.

— Combinado, Sophie Horton.

Tae-il não soube exatamente o motivo, mas teve a mais completa certeza de que Sophie não sairia de sua vida. Sentira uma conexão rápida, daquelas que eram simplesmente inexplicáveis. Por outro lado, era esperado que sentisse coisas agradáveis em relação à mulher que o salvara de morrer afogado. Queria mantê-la por perto. Conhecer mais sobre quem ela era, e assim seriam grandes amigos.

Estranhamente, ele não mencionou o nome de Amber nenhuma vez desde que despertou. Não sentia falta dela. E, basicamente, o acidente só acontecera porque ela o convencera a visitar seus amigos em outra cidade.

Não que a culpasse, afinal as coisas aconteciam porque simplesmente precisavam acontecer, mas definitivamente não a queria de volta. Precisava recomeçar, e uma relação tóxica não estava em seus planos para um novo caminho.

— Vou na cafeteria procurar algo para comer. Volto em alguns minutos, tudo bem? — Seul-ki deixou o quarto, sempre com passadas rápidas. Parecia muito mais relaxada agora que o filho enfim havia despertado.

— Conte-me sobre você, Sophie Horton. — Ele estava curioso para saber mais sobre ela.

— Apenas Sophie.

— Conte-me sobre você, Apenas Sophie.

Ela sorriu e decidiu que gostava daquele homem, gostava da forma com que ele estava tentando, de fato, ser alguém agradável mesmo após tudo o que passara.

— O que eu poderia contar?

— Como podemos ver, eu já não enxergo e isso é uma merda. — Ele soou amargo apesar de estar se esforçando para continuar mantendo o bom humor. — Quero que você descreva a sua própria aparência.

— Bem, ninguém nunca me pediu isso...

— Quantos cegos você conhece?

— Honestamente? Nenhum.

— Não seja má, estou curioso para saber como é a sua aparência. Se descreva, não deve ser tão difícil.

— Tudo bem. Preciso pensar... — Ela batucou com o salto no piso enquanto analisava o que podia dizer. — Não sou tão alta e sou basicamente magra. Tenho os cabelos na base dos ombros, eles são loiros. Os meus olhos são cinza e eu acho que essa é uma cor estranha, pois parece que eu sempre estou prestes a chorar.

— Ora, olhos cinza... Isto sim é interessante. Acho que nunca conheci ninguém com os olhos cinza.

— Agora me conhece. — Ela sorriu para si mesma.

— A minha mãe me falou que você é uma jornalista. — Ele fez o comentário de maneira curiosa, como se esperasse que ela desvendasse algum segredo. — Pretende me usar para publicar alguma história dramática e piegas?

— Na verdade, não.

— Tem certeza?

— Sim. A menos que você queira que eu escreva uma matéria sobre você. Certamente chamaria a atenção.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Eu não preciso que pessoas em toda Nova York tenham pena de mim.

— Tudo bem, então não escreverei coisa alguma sobre você.

Certo silêncio se formou no quarto e, longos minutos depois, Tae-il voltou a falar.

— Como está o dia hoje?

— Agradável.

— Estou perguntando sobre os tons. Quais os tons do sol, das nuvens, das roupas das pessoas, dos carros...?

Ela abriu e fechou a boca. Nunca parara para reparar coisas assim, por isso, olhou na direção da janela e simplesmente analisou.

— Eu diria que o dia está cinza, as pessoas estão vestindo roupas basicamente escuras e os carros... Bem, são carros.

— Você definitivamente é ótima com descrições, Apenas Sophie.

— Sim, definitivamente, Tae-il.

Pouco depois, Seul-ki chegou com dois sanduíches e suco natural de laranja. Sophie aceitou o convite e comeu ao lado dela, enquanto conversavam sobre diversas coisas.

Quando voltou para o trabalho após o horário que tinha livre, ainda pensou sobre Tae-il por um bom tempo.

Gostava dele, disse para si mesma. Não sabia o motivo, mas gostava dele.

PARTE II

Capítulo 9

Os meses seguintes foram mais calmos, mas não necessariamente mais fáceis. Quando Tae-il enfim saiu do hospital, era como se sua vida estivesse apenas começando outra vez. Foi necessário que, lentamente, comesse a se adaptar com os detalhes mais simples.

Antes de qualquer coisa, pediu demissão da empresa em que trabalhava como fotógrafo, afinal seria inútil tentar permanecer naquele ambiente. Como poderia seguir fotografando se já não era capaz de enxergar a intensidade das cores e dos objetos?

Já ouvira alguns casos de pessoas com deficiência visual que haviam vencido barreiras e adentrado no mundo da fotografia, mas, para ele, tudo aquilo havia perdido o brilho.

No instante em que recebera a notícia de que já não teria a possibilidade de enxergar, trabalhara consigo mesmo em cima da ideia de que seria obrigado a encontrar uma nova paixão. Aceitar aquela realidade não fora fácil. Na verdade, parecia ainda mais difícil desde que saíra do hospital.

Também procurara um psicólogo que pudesse ajudá-lo no caminho da autoaceitação. Logo nas primeiras sessões, descobrira várias respostas que estavam escondidas, apenas aguardando para ganhar vida.

Certamente, um dos primeiros tópicos abordados fora o fato de que permanecera em um relacionamento abusivo por meses sem perceber. Mesmo com pouquíssimo tempo de acompanhamento, aceitou que os homens também podiam estar expostos à abusos psicológicos. Portanto, aceitar que tivera um problema era o primeiro passo para que pudesse sair da escuridão e resolver os assuntos inacabados que pairavam em sua vida.

Não era fraco por não ter percebido tudo o que acontecera durante o tempo em que estivera com Amber. Pelo contrário, afinal continuara lutando para agradá-la, desfazendo a própria personalidade apenas para nutrir a dela. Agora, culpar-se não era um fator que podia estar em seus pensamentos. Por isso, sempre que pensava em Amber e na forma com que ela partira sem olhar para trás, dizia para si mesmo que aquilo fora uma das melhores coisas que lhe aconteceram nos últimos anos.

Estava livre de uma prisão invisível, que fora responsável por corroer muito da sua autoestima e também do amor próprio.

— Se você der tudo de si para o outro em uma relação, o que irá sobrar para você mesmo? — Aquela fora uma das frases que ouvira durante uma das sessões, e servira como um soco na boca do seu estômago, fazendo-o

compreender, por fim, que um amor verdadeiro não pesava e não machucava. O amor certamente precisava ser leve e agradável.

Logo, a questão da cegueira também fora obviamente mencionada, mas diferente da maneira com que seu relacionamento com Amber havia sido abordado, aquela era uma dor que precisaria ser trabalhada através de um bom tempo, pois tratava-se de uma adaptação que duraria para sempre. A verdade era que as sessões com o psicólogo estavam ajudando mais do que ele de fato esperou, e sentia-se feliz por haver tomado a decisão de dar o primeiro passo.

O outono transcorreu lentamente. Tae-il passava boa parte dos seus dias em casa, ao lado de Seul-ki, que o ajudava com as tarefas cotidianas e tentava tornar tudo mais fácil.

Além disso, para sua surpresa, Sophie aparecia sempre que podia, sentando-se ao seu lado para conversar sobre os assuntos mais divertidos e banais. E o melhor de tudo era que os pensamentos de Tae-il foram ficando cada vez mais claros com o passar dos meses, e já não era tão difícil manter a concentração como quando estivera no hospital.

Quando o dia de Ação de Graças chegou em novembro, Seul-ki decidiu convidar Sophie para que pudessem jantar juntos. Usualmente, mãe e filho saíam para comer em algum lugar, mas naquele ano sentiam a necessidade de demonstrar agradecimento e afeto à mulher que fizera tanto por ambos.

Apesar de ter sido criada na cultura coreana, Seul-ki aprendeu a apreciar aquele feriado. Preparou peru assado, pãezinhos, cenouras cozidas, uma empada enorme, batatas ao molho e bolo de frutas. Nada típico de seu país. Na verdade, estavam há tanto tempo nos Estados Unidos, que sequer comemoravam as festividades da Coreia do Sul. Quando partiram, não decidiram deixar apenas as próprias terras, mas também tudo o que os conectava. Era menos doloroso assim, ao menos para eles.

Agora que viviam em um país completamente diferente, precisavam cuidar das próprias riquezas para que assim pudessem viver bem pelo resto da vida. Os Jung tiveram a sorte de herdar uma grande quantidade de dinheiro das gerações passadas, e aquilo possibilitava uma realidade tranquila, sem a necessidade de se preocupar com o dinheiro, desde que não extrapolassem com gastos desnecessários.

— Sophie! — Seul-ki abriu a porta e sorriu animadamente. Agora era possível ver o brilho do olhar e a vivacidade que havia naquela mulher pequenina. — Estou muito feliz que você aceitou o nosso convite!

Ela entrou e abraçou Seul-ki como se já fosse da família. Trajava um

vestido longo e negro com pequenos detalhes brilhantes no busto. Trazia saltos da mesma cor nos pés. Estava elegante e sem exageros, perfeita para uma ocasião como aquela.

— Eu agradeço muito o convite. Onde está Tae-il?

— No quarto dele. Vocês podem conversar um pouco. Ainda estou terminando o jantar.

— Tudo bem, obrigada.

Sophie caminhou pelo ambiente, sentindo-se completamente acostumada, afinal visitava aquela família sempre que podia.

Para facilitar, o quarto de Tae-il agora ficava no andar de baixo, então ele não teria o trabalho de subir e descer escadas, o que ajudaria em seu processo de adaptação.

— Posso entrar? — Ela deu duas batidinhas na porta.

— Entre, Sophie.

O quarto dele era repleto de fotografias dos mais variados estilos. E as paredes tinham cores que ficavam entre o azul e o cinza. Havia livros antigos em um dos cantos, e uma coleção de pedras naturais. Ele sempre pegava alguma quando viajava.

— O seu quarto tem a sua cara, sabia? — Ela sentou na cama dele.

— Altamente bagunçado, mas com o seu charme. Entendi, você já me disse isso antes. — Ainda com dificuldade para se situar, Tae-il movimentou as duas mãos para pegar um frasco de perfume e o derrubou. O vidro se estilhaçou e um cheiro intenso inundou o ar. — Merda!

— Não se preocupe, eu posso pegar uma vassoura e...

— Eu me pergunto quantos frascos mais eu terei que derrubar até aprender a deixar de ser a porra de um idiota! — Sua voz soou frustrada e ele deu um soco na mesa.

— Não diga isso. Eu vou pegar uma vassoura, está tudo bem.

— Não, não está bem! — Ele estava cansado de se chocar contra as coisas, ou de cair na rua. Odiava se sentir bobo e vulnerável. — Sophie, posso te fazer uma pergunta? Quero que seja sincera comigo.

Ele se virou e, lentamente, estendeu a mão para buscá-la.

— É claro que sim. Pergunte. — Ela o tocou de leve, admirando seu rosto com expressões tristes e frustradas.

Aprendera a gostar daquele homem. A gostar de verdade. Sua companhia parecia completar a dela, pois juntos sentiam-se livres para serem

exatamente quem queriam ser.

Ela o vira em seus piores momentos. O apoiara. Salvara sua vida. Por isso, Tae-il sentia uma conexão inquebrável com aquela mulher, apesar de não saber muito sobre ela.

— Você acha que eu conseguirei me acostumar com tudo isso algum dia? Não quero soar ingrato, mas você acha que isso o que estou vivendo pode ser considerado viver?

— Qual seria a sua resposta para essas perguntas? — Aparentemente, ele estava naqueles dias em que tudo parecia representar um vulcão prestes a entrar em erupção. Em momentos como aqueles, era difícil acalmá-lo.

— Eu não sei. Às vezes eu penso que viver vale a pena, mas às vezes quero desistir. Estou cansado de... — Ele soltou o ar dos pulmões e estalou a língua. — Estou cansado de lutar, de seguir em frente.

— Tae-il, eu aprendi que viver sempre vale a pena. Sempre. — Ela nunca teve a coragem de falar sobre o seu passado para Tae-il. Não sentia que era justo, afinal ele tinha os próprios problemas para enfrentar e não precisava ouvir sobre os problemas que ela tivera na infância. Ninguém precisava. — E eu não vou mentir para você dizendo que será fácil seguir em frente, que deixar de enxergar de uma hora para outra é um desafio que se vence sem sangrar por dentro. Eu sei que não é assim, você também sabe.

— Eu estou cansado, Sophie.

— Então descanse. Respire profundamente, tenha calma. Todos sabemos que este é um processo de adaptação longo e doloroso. Você ainda irá derrubar vários outros frascos de perfume. E certamente terá que aprender a lidar com isso. Agora vou buscar a vassoura para limpar os cacos.

Ela se afastou e ele ficou ali, parado em silêncio.

Não compreendia como uma completa desconhecida se tornara a sua melhor amiga em tão pouco tempo. Mesmo sem saber, Sophie avivava o que havia de melhor nele.

Ela estava certa, decidiu. Ainda haveriam muitas outras frustrações pela frente. E apesar de se sentir tão cansado de tudo aquilo, não podia desistir. Não podia deixar Seul-ki sozinha. Precisava lutar por ela pelo resto dos seus dias.

Quando Sophie regressou, ele se sentiu um pouco culpado pela explosão desnecessária. Apenas derrubara um frasco de perfume. Por isso, concluía que reagiu de forma exagerada e até mesmo dramática.

— Desculpe pela explosão — disse ele, meio sem jeito. — Posso ajudá-la a limpar.

— Não se preocupe, Tae-il. E eu posso limpar tudo isso sozinha, na verdade já estou terminando. — Ajoelhada enquanto reunia os cacos de vidro no chão, ela deu dois tapinhas em sua perna. — Somos amigos, não somos? Amigos servem para isso. Espero que você me entenda nos meus dias de péssimo humor.

Ele sorriu. Não conseguia imaginá-la com um péssimo humor. Sophie era solar demais para se permitir afetar com qualquer tipo de negatividade.

— Eu gosto de você, Sophie. Obrigado por tudo o que fez e continua fazendo.

Terminando de limpar, ela se levantou e o puxou pela mão.

— Céus, pare de agradecer. Amigos ajudam uns aos outros. Venha, acho que a sua mãe já terminou de preparar o jantar.

Assim, os três se reuniram à mesa. Havia mais comida do que poderiam comer em uma semana, mas não importava. Queriam agradecer pelas bênçãos do ano, principalmente pela possibilidade de estarem vivos.

— É a primeira vez que eu passo um dia de Ação de Graças com uma família de verdade. — Sophie comentou com o olhar baixo, focando na comida como se tentasse descobrir algum tipo de segredo entre os alimentos.

— O que quer dizer? — Ao contrário de Seul-ki, Tae-il não sabia sobre a história de Sophie.

— Você nunca falou a sua história para ele? — perguntou Seul-ki, surpresa.

— Não é algo que eu costume falar com frequência. — Sophie levantou o olhar. — A minha mãe sofria de depressão e tirou a própria vida, e meu pai morreu logo em seguida, doente. Cresci em um lar para garotas órfãs, Tae-il. Tenho boas memórias de lá. Não posso dizer que foram anos ruins, ou que eu sofri. É claro que a realidade era difícil por inúmeros motivos, mas vivíamos bem.

Um silêncio se formou. Tae-il não tinha ideia, na verdade pensara que Sophie vinha de algum tipo de família abastada, afinal ela tinha bons modos, uma educação aparentemente excelente e aparentava ser uma profissional talentosa. Geralmente não se esperava tais características de alguém que viera de um orfanato.

— E você nunca foi adotada? — Tae-il parecia desconfortável.

— Não. Acho que ninguém nunca me achou interessante o suficiente. — Ela sorriu de forma sarcástica. — Durante as festas de fim de ano, todas nós nos reuníamos e cantávamos, ou íamos à igreja. Às vezes ganhávamos presentes, e às vezes não.

Ela deu mais uma garfada na comida, como se nenhuma daquelas informações de fato importassem, mas importavam. Os anos em que passara no lar para órfãos moldaram a sua personalidade, deixando-a mais forte e preparada para as adversidades que o mundo apresentava.

Mas ao contrário do destino de muitas das garotas com quem convivera, Sophie não se tornou uma mulher amarga. Preferiu enxergar a vida de uma maneira mais agradável, pois não sentia que era uma vítima da sociedade. Acreditava que se mais pessoas entendessem o real significado de resiliência, provavelmente mais sonhos deixariam de ser apenas sonhos para se transformarem em realidade.

Ela tivera dois possíveis caminhos. O primeiro, e mais fácil, fora o de simplesmente aceitar o próprio destino e permanecer ali, presa no mundo em que fora colocada. E o segundo, e este fora muito mais doloroso, consistira em sair do casulo, arriscar e lutar pelos próprios sonhos. Apesar das feridas abertas, ela escolhera o caminho mais difícil. E agora estava colhendo os frutos.

— Você faz com que as coisas pareçam mais fáceis do que são. — Tae-il também deu uma garfada na comida, pensativo.

— Não foi fácil deixar todo o universo que eu conhecia para estudar em uma grande universidade em Nova York. Também não foi fácil trabalhar durante todo o meu tempo livre para pagar as contas, enquanto lia centenas de páginas que os professores passavam durante as aulas. Durante os últimos anos, pensei que não conseguiria. Estava magra demais, não me alimentava direito e às vezes dormia apenas umas três horas por noite. — Ela teve uma enorme vontade de sorrir ao lembrar o dia da formatura. — Quando recebi o meu certificado, percebi que todo o esforço valeu a pena. Eu me tornei exatamente a jornalista que eu sonhava em me tornar.

As palavras de Sophie serviam como um tapa no rosto de Tae-il.

Ele tivera uma família estável e amorosa, uma casa confortável, nunca precisou se preocupar com dinheiro e mesmo após a morte de seu pai, Seul-ki ainda permanecia ao seu lado. Por muitas vezes reclamara da vida que tinha, esquecendo-se de enxergar as coisas maravilhosas que o cercavam.

— Sophie é uma mulher inspiradora — comentou Seul-ki de maneira orgulhosa. Carinhosamente, olhou na direção dela. — Não sei se é importante para você ouvir isso, mas já começo a enxergá-la como se fosse da família. Você sempre será bem-vinda em nossa casa.

— Obrigada, muito obrigada. — Sophie sorriu, sentindo o coração se aquecer. — Eu sempre me perguntei como seria ter uma família de verdade.

Como seria participar de um jantar como esse. Estou muito feliz de estar aqui e de poder ver algo assim.

Depois disso, Tae-il não conversou muito durante o jantar. Se perdeu em pensamentos, refletindo em cima de tudo o que Sophie falou.

Relembrando o que ouvira durante as sessões com seu psicólogo, ele concluiu que ela era exatamente o tipo de pessoa que precisava ter por perto. Alguém que o inspirava a ser melhor, a enfrentar os desafios que certamente surgiriam no caminho. Acima de tudo, alguém que não parecia envergonha-se de tê-lo por perto.

Quanto mais pensava, mais acreditava que seus sentimentos por Sophie estavam mudando nos últimos meses. Ainda não sabia muito bem do que se tratavam e talvez preferisse não saber. No entanto, sabia que algo estava mudando.

E, entre tantas mudanças, temia descobrir o que Sophie começava a representar em sua vida.

Capítulo 10

Quando terminaram o jantar, Sophie e Tae-il foram para o terraço do prédio. O lugar estava vazio e um vento frio parecia lamber a pele. De lá, era possível ver as milhares de luzes que brilhavam na cidade. Havia certa sensação de paz, como se estar longe da correria de Nova York por algumas horas pudesse representar liberdade.

— Eu sempre gostei de ficar aqui. — Agora, ambos estavam sentados no chão, apenas se permitindo sentir o frio doce que inundava o corpo. — É possível tirar fotos maravilhosas. A visão é incrível ao amanhecer.

— O som distante dos carros faz com que eu me sinta longe da realidade. Digo, não parece que estou em Nova York. — Ela recostou a cabeça no concreto.

— Desde que fiquei cego, passei a sentir as coisas mais intensamente. Talvez seja apenas impressão minha, não sei. E neste momento, sinto que poderia ficar aqui para sempre, apenas conversando com você e ouvindo esse som distante dos carros. — A voz dele soou sussurrada e ela percebeu que ele estava relembrando alguma coisa, provavelmente os dias em que podia admirar o nascer do sol.

— Acho que podemos fazer com que esse momento dure para sempre. Preciso apenas de algo que marque a minha memória.

Ele não disse coisa alguma durante um bom tempo. Estava refletindo sobre várias coisas, mas não sabia exatamente quais.

— Feche os olhos e não abra. Tente estar no mesmo mundo que eu. — Pediu ele. — Talvez assim você possa sentir tudo o que estou sentindo. E se lembrar desse momento para sempre.

Lentamente, ela o obedeceu. Fechou os olhos e se permitiu perder-se na escuridão. Sentiu-se um pouco exposta e, ainda que minimamente, compreendeu o que ele quis dizer.

Deixar de enxergar de uma hora para a outra resultava provavelmente em ser atirado em uma escuridão constante e inesperada. Agora, Tae-il estava tentando sobreviver com o brilho da própria luz. Aquilo, concluiu ela, era admirável.

Enquanto pensava, teve a mais completa certeza de que lembraria daquele momento ao seu lado para sempre.

— Por que você nunca me contou sobre a sua infância? — Ele ainda refletia sobre tudo o que ela havia contado. Como que apesar de ter perdido tanto, Sophie podia seguir sendo tão positiva?

— Não nos conhecemos há tanto tempo assim, e esse não é exatamente o tipo de tópico que as pessoas queiram conversar. A minha infância ficou no passado. Estou muito melhor agora.

— Você poderia me dizer como era viver em um lar para órfãos? — Ele tentava imaginá-la sozinha em um lugar repleto de outras crianças também sozinhas, e estranhamente sentia seu coração doer por ela.

— Eu dormia em um dormitório com outras dezenove camas. Tínhamos horários fixos para dormir e acordar. Todas obedeciam. É claro que algumas sempre tentavam se rebelar, mas não acontecia com frequência. Naquele lugar, eu fiz muitas amigas, mas não mantive contato com nenhuma depois que parti.

O sucesso cobrava um preço, e o preço que Sophie pagara ao dar o próprio sangue nos estudos fora o de se isolar de praticamente todos que a amaram algum dia. Simplesmente não tivera tempo para sentimentos, pois o mundo não parecia ligar muito para aquelas bobagens.

Ao invés de visitar as amigas nos feriados, ela trabalhava até se sentir mortalmente exausta. E em seguida, ao voltar para casa, estudava, pois sabia que ninguém poderia garantir seu futuro além dela mesma.

Aos poucos, ano após ano, perdera o contato das pessoas mais próximas e se tornara uma mulher sozinha. As conversas, antes esporádicas, se tornaram inexistentes. Não costumara sair com as amigas da universidade e agora quase nunca mantinha contato com os colegas de trabalho.

Talvez por isso fosse tão carente. Talvez aquela fosse a razão pela qual se aferrara à ideia de estar ao lado de Seul-ki. Enxergara nela uma mulher sozinha precisando de ajuda, e no percurso criara um laço que até então não sabia ser capaz de existir.

— Eu sempre me achei um pouco popular — começou ele. — Mesmo odiando, eu costumava acompanhar Amber em algumas festas e era cercado de pessoas. Ironicamente, nenhuma dessas pessoas foi me visitar quando estive no hospital. Na verdade, ninguém me visitou além da minha mãe e você.

Daquela forma, Tae-il percebeu que nunca teve amigos de verdade. E descobriu que uma amizade verdadeira ia muito além das festas e do álcool.

— Acho que no final, todos somos um pouco sozinhos e solitários, não somos? — Lentamente, ela abaixou a cabeça, pousando-a no ombro dele. — Mas neste momento, não me sinto tão sozinha.

— Temos um ao outro agora, não temos? — Ele buscou a mão dela e a segurou com carinho.

Algumas conexões se formavam simplesmente porque precisavam se

formar. Tae-il e Sophie eram a prova disso. Portanto, o sentimento rápido que crescia através dos meses não precisava de uma justificativa verdadeiramente plausível, pois nem mesmo eles compreendiam o que estavam sentindo. Apenas sentiam.

— Sim, temos. Obrigada por ser o meu amigo, Tae-il.

Naquele instante, ele chegou à conclusão de que nunca tivera um momento como aquele ao lado de Amber. E mais uma vez, aprendeu que não era necessário apagar a si mesmo para acender o outro, pois, se quisessem, podiam acender as luzes da cidade inteira juntos, sem esforço algum. Sem sofrimento.

— Posso falar algo extremamente piegas? — ele riu, sem graça.

— Amo frases piegas!

— Talvez ficar cego tenha sido o preço a se pagar para poder cruzar o meu caminho com o seu.

— Isso... — Ela engoliu em seco. Sorveu a dor daquelas palavras e se sentiu lisonjeada por ele considerá-la um ponto positivo em meio a tudo o que acontecera. — Isso não é piegas. É lindo. Obrigada.

— Você acha? Amo escrever e sempre que eu tentava mostrar ou falar para Amber, ela dizia que tudo não passava de lixo. Internalizei isso. Mas estou aprendendo. Não tem como mudar tão rápido, não é?

— Não, não tem. — Ela levantou a cabeça e voltou a abrir os olhos, animada. — O que você gosta de escrever? Por que nunca me disse?

— Eu gosto de escrever qualquer coisa que possa aparecer em meus pensamentos. Já pensei em escrever um livro, tenho algumas ideias, mas Amber dizia que não valia a pena perder tempo com isso, então não sei se...

— Escreva! — Ela praticamente gritou, ainda mais animada. — Apenas escreva! Você já parou para pensar que esteve privando as pessoas da sua escrita durante todo esse tempo?

— Eu não acho que seja uma boa ideia, eu...

— Eu adoraria ler. Por favor, tente, você não perderia nada!

Ele coçou a cabeça, pensativo. Talvez não fosse uma péssima ideia, concluiu.

— Vou escrever apenas para passar o tempo.

— Não importa, mas não se esqueça de me mostrar quando puder. — Ela parecia extremamente energética com a ideia. — E se algum dia você lançar um livro, eu quero ser a primeira a escrever sobre você no jornal.

— Nem escrevi o livro e você já está pensando no lançamento?

— Às vezes é necessário pensar com pressa.

— Tudo bem, vou pensar na ideia de fato. Acho que não perderia nada, e gosto de escrever. Talvez esteja na hora de encontrar uma nova paixão, afinal fotografar já não está na lista. — Ele sorriu.

Continuaram conversando sobre vários assuntos. Um parecia levar ao outro e sequer percebiam enquanto o tempo parecia passar velozmente. Era agradável para Tae-il poder ter alguém ao seu lado sem precisar se preocupar com o que estava dizendo, ou se seria julgado pelos próprios pensamentos.

Amber era passado agora. Ao contrário do que imaginara, não sentia saudades de tê-la ao seu lado. Sequer se perguntava por onde ela andava, ou o que estava fazendo. Por isso, estava feliz com o próprio avanço e as sessões com o psicólogo também o ajudavam a se tornar alguém que conhecia cada vez mais sobre quem era e quem gostaria de se tornar com o passar dos dias.

Cerca de duas horas depois, voltaram para o apartamento e Sophie se despediu. Sentia-se em êxtase pela noite maravilhosa e estava verdadeiramente grata pela oportunidade.

Não poderia voltar a vê-los por alguns dias, pois precisaria viajar com alguns outros jornalistas para realizar matérias especiais que estavam previstas para publicação em janeiro. No mês das festividades, o material costumava ser extremamente parecido, portanto não havia estresse nem correria naquela época.

Quando chegou em casa e tirou os sapatos negros, Sophie se sentiu sozinha. Se acostumara tanto com a presença de Tae-il, que agora parecia estranho não tê-lo ao seu lado.

Aquilo, definitivamente, era preocupante, afinal sempre fora essencialmente sozinha. Encontrar uma companhia agradável não significava que as coisas haviam mudado. Precisava ter em mente que as pessoas iam embora, que no final, quando recostava a cabeça no travesseiro ao anoitecer, era ela quem ficava, e mais ninguém.

Com gestos lentos, tirou o vestido e caminhou na direção do banheiro, tomando uma ducha rápida. Em seguida, colocou um pijama velho e deitou na cama, sentindo-se fria por dentro.

Era muito irônico o fato de que até mesmo as pessoas com os maiores sorrisos, também pudessem guardar as piores dores, pensou ela. E certamente a solidão era uma das suas dores.

Tae-il se revirou na cama durante quase toda a noite. As palavras de incentivo que Sophie proferira durante o tempo em que estiveram no terraço

serviram como um impulso para suas ideias. Quanto mais pensava sobre a história que gostaria de escrever, mais ansioso se sentia.

Apesar de sempre ter gostado muito de escrever, nunca se enxergara como bom o suficiente. Usualmente passava horas criando contos, poesias e até mesmo algumas crônicas, mas nunca tivera a coragem de retirá-las da gaveta.

É claro que tentara mostrar algumas páginas para Amber, mas ela nunca leu de fato e passava boa parte do tempo dizendo que tudo aquilo era perda de tempo. Depois de ouvir tais coisas da mulher que amava, ele decidiu que não valia a pena pensar em continuar escrevendo.

Por outro lado, agora estava começando uma nova vida. Tendo em mente o fato de que nunca mais seria capaz de enxergar, o melhor a se fazer era investir em outras paixões e não dar ouvidos às críticas negativas que o faziam acreditar que não era bom o suficiente nas coisas que amava.

A verdade era que ninguém precisava ser verdadeiramente bom ao fazer as coisas que amava. Bastava ser feliz com o que se estava fazendo e aquilo certamente seria suficiente, afinal não existia uma regra que dissesse que as pessoas eram obrigadas a serem perfeitas em tudo.

E, se pensasse bem, Tae-il por muito tempo se esquecera de ser feliz simplesmente porque estava preocupado demais tentando ser bom o suficiente para os outros. Mas de que servia parecer perfeito para os outros se ele não estivera feliz consigo mesmo?

Portanto, estava mudando os próprios pensamentos e a forma de enxergar o mundo. No final, ninguém sabia exatamente o que estava fazendo, mas sim o contrário. E, certamente, todos fingiam saber alguma coisa apenas para manter as aparências.

Tae-il estava cansado de tudo aquilo. De fingir. De dar tudo de si e se sentir vazio. Se algum dia chegasse a conhecer alguma outra mulher disposta a amá-lo e a estar ao seu lado, certamente não se esqueceria, acima de tudo, de que precisava estar feliz. Verdadeiramente feliz.

Desistindo de dormir, ele se levantou e bateu no escuro até encontrar o notebook, que já estava adaptado para deficientes visuais. Não seria difícil voltar a escrever, disse para si mesmo. Bastava ter persistência e o resto avançaria sem dificuldades.

Pretendia escrever uma história longa pela primeira vez. Ainda precisava organizar as próprias ideias e montar a estrutura do livro, mas já tinha de forma muito clara em sua mente a forma com que gostaria de conduzir o texto.

Quando enfim começou a escrever, as palavras simplesmente voavam

com total facilidade. Os personagens iam ganhando vida e o romance se moldava com riqueza de detalhes e particularidades.

Naquela noite, escreveu três capítulos e meio, e só parou porque estava psicologicamente exausto.

A história era sobre um garoto de dez anos nascido no interior da Coreia do Sul cerca de três décadas depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Ele se pegava perdido entre as agressões de um pai violento, a fraqueza de uma mãe submissa e a falta de dinheiro que assolava toda a família.

Não era algo extremamente espetacular, e Tae-il não tinha nenhuma pretensão de criar um possível clássico da literatura. Escrevia porque gostava de escrever, e os personagens ganhavam vida através das palavras.

O romance contaria a história do garoto através dos anos, desde a sua infância até a velhice, as dificuldades, os medos, as dores e também as vitórias. E apesar de não ter nenhuma experiência na arte de escrever romances, sentia que começou fazendo um bom trabalho. Os personagens pareciam profundos e o enredo mantinha uma linha de acontecimentos detalhados e com riqueza das características culturais da Ásia.

Quando, por fim, voltou para a cama, já haviam se passado quase cinco horas e o sol estava claro no céu. Ainda pensou em ouvir o que havia escrito, mas concluiu que aquela não era uma boa ideia.

Com um sorriso satisfeito no rosto, Tae-il recostou a cabeça no travesseiro e começou a adormecer tranquilamente. Aos poucos, a angústia das perdas dos últimos meses parecia estar começando a perder espaço.

Sophie era a sua grande inspiração. Se ela, que tivera todos os motivos para se tornar uma mulher revoltada com o próprio destino, podia ser alguém feliz e extremamente satisfeita com a vida, então ele também podia.

Toda a energia negativa emanada sempre retornava ao seu emissor de alguma forma. Ele sabia disso agora. Portanto, tudo o que desejava para os próximos meses era poder ser alguém mais positivo, que usufrísse mais das próprias qualidades e que acreditasse em cada um dos seus talentos. Não era pedir muito, ou ao menos pensava que não.

Pouco antes de dormir, de fato, sentiu-se grato por perceber que estava amadurecendo. Crescendo. Respeitando as próprias dores para que pudesse começar a curá-las.

E estar consciente daquilo que o fazia sofrer, era exatamente o fator que o estava tornando um homem cada vez mais forte.

Capítulo 11

O mês de novembro terminou rápido, e logo dezembro chegou com as decorações clássicas de Natal.

Tae-il adorava o clima natalino e sentia-se péssimo por não poder fotografar naquele ano, ou em qualquer outro no futuro. Quanto mais rápido os dias passavam e o Natal se aproximava, mais a melancolia crescia em seu peito.

Vez ou outra se pegava relembando a época em que era adolescente e ia com Seul-ki à Quinta Avenida para que comprassem juntos novos enfeites. Sorria sozinho com as memórias, sabendo que muita coisa havia mudado desde então.

Sophie decidira convidá-lo a acompanhá-la a escolher uma árvore de Natal, pois sabia que ele, assim como ela, adorava as festividades.

— Acho que você se esqueceu de um pequeno detalhe... Eu sou cego. Não poderei ajudar muito na escolha da árvore. — Ele comentou de forma bem-humorada e tinha um sorriso no rosto.

— É mesmo? Se você não comentasse, eu certamente nunca perceberia a sua cegueira.

— Às vezes é bom comentar, as pessoas não percebem com frequência. — Era engraçada a forma com que ele conseguia fazer piada acerca da própria realidade. Como se somente daquela maneira pudesse diminuir um pouco o peso de tudo aquilo.

O trânsito estava pesado naquele dia, portanto, Sophie dirigia calmamente, tentando não se estressar. Era sábado, então não havia pressa, afinal ela estava de folga e ele não tinha muito o que fazer agora que já não trabalhava como fotógrafo.

— O que você esteve fazendo nos últimos dias? — A viagem dela com os outros jornalistas fora agradável e sem grandes problemas. Conseguiram um bom material, com fotos incríveis e entrevistas intensas. Dali três semanas, receberia outra folga para poder aproveitar o Natal e também o Ano-Novo.

— Eu escrevi. — Ele afirmou de forma envergonhada. — Dez capítulos, o que seriam mais ou menos duzentas páginas. Acho que será um livro extenso.

— Isso é maravilhoso, Tae-il! Você escreve extremamente rápido. — Sophie desviou o olhar do trânsito por alguns segundos e sorriu ao ver a expressão de orgulho que havia no rosto dele. — Quando eu poderei ler?

— Quando eu terminar. Não sei se está bom o suficiente, mas eu gosto do que fiz até agora. Sempre que escuto a leitura através de um programa para

deficientes visuais no computador, sinto que estou fazendo um bom trabalho. — Ele parecia enfeitiçado enquanto falava do livro. — É incrível poder falar sobre o meu país, pesquisar detalhes e colocar tudo o que eu sei acerca da minha própria cultura.

Nos dias anteriores, enquanto escrevia, Tae-il sempre enviava mensagens de voz para Sophie, contando os detalhes da história e revelando o quão entusiasmado estava para terminá-la. Obviamente ainda faltava uma grande quantidade de páginas até que terminasse, mas estava avançando de maneira constante e tudo aquilo mantinha seu cérebro ocupado.

Ainda sentia saudades de fotografar, mas aos poucos aceitava que aquilo era uma realidade que precisava ficar no passado, ao menos para ele. Sim, ainda existia a possibilidade de romper barreiras e fazer fotos, mas de alguma forma, dentro dele, havia a ideia de que era necessário criar uma nova vida e deixar todo o resto no passado, até mesmo uma das suas maiores paixões.

Enquanto escrevia, era capaz de dar vida às imagens que surgiam em sua cabeça. E, assim, tinha a capacidade de imaginar cena por cena da maneira que quisesse. De alguma forma, aquilo não deixava de ser um meio de eternizar momentos.

— Eu fico muito feliz de poder acompanhar você na produção de um livro. Nunca conheci um escritor. — Ela desviou de um carro e seguiu dirigindo. Uma música agradável e lenta tocava na rádio.

Estavam indo comprar a árvore de Natal em uma loja localizada em Astoria, um bairro no distrito do Queens.

Demorou um longo tempo até que chegassem. Sophie adorava o local e sempre comprava naquele mesmo lugar. De alguma forma, ter uma árvore de Natal fazia com que tudo parecesse menos solitário do que realmente era naquela época. No entanto, aquele era um ano especial, afinal tinha Tae-il e Seul-ki, e poderia compartilhar bons momentos com eles.

Não demoraram muito na loja, e decidiram escolher duas árvores, uma de tamanho grande para o apartamento de Tae-il e a outra de tamanho médio, para ela. Ambas já vinham decoradas com alguns detalhes em dourado brilhante e laços.

A árvore seria entregue dali algumas horas, e Sophie sempre adorava decorar tudo com enfeites natalinos.

— Não ajudei muito — disse ele com uma gargalhada.

— Só a sua presença já é o suficiente. O que gostaria de fazer agora?

Ele pensou durante um tempo e decidiu que gostaria de fazer algo

diferente. De poder criar memórias ao lado de Sophie e de ter a total certeza de que nunca as esqueceria. Apesar de estar recomeçando, nunca se sentira tão vivo.

— Você já teve alguma refeição dentro de um cofre de banco? — O sorriso que havia em seus lábios era divertido.

— Cofre de banco? — Ela tocou-lhe a testa. — Está delirando?

— É claro que não! — Ambos entraram no carro e ela ligou o motor. — Dirija para a Broadway, entrando pela Cedar Street. O jantar será por minha conta.

Sophie achou tudo aquilo muito estranho, mas decidiu apenas aproveitar o momento e seguir em frente. Após um longo tempo, chegaram ao lugar onde ele havia sugerido e por fim ela entendeu toda a história.

Tae-il não estava brincando. O *Trinity Place Bank Vault Bar* era literalmente um cofre antigo. Precisara ser navegado pelo rio Hudson e levado através de trilhos especiais até chegar ao local onde estava.

As portas de aço eram majestosas, a decoração seguia um estilo elegante e claramente rústico. Havia certo ar de poder e grandiosidade em todo o ambiente.

— Como diabos você sabia desse lugar? — perguntou ela, surpresa. — É lindo!

Ele levantou o braço e ela se juntou a ele para ajudá-lo a guiar-se. Ainda estava se adaptando com a ideia de utilizar uma bengala.

— Sophie, Sophie... — Ele aproximou-se um pouco mais, como se estivesse prestes a contar um segredo. — Eu sou um asiático. Os asiáticos sabem das coisas.

Ao falar aquilo, Tae-il percebeu o quanto havia mudado nos últimos meses. Conseguia fazer brincadeiras com naturalidade, sem ter medo de receber ofensas ou de parecer ridículo. Aquele, certamente, era um bom avanço, concluiu. E esperava continuar avançando e crescendo.

— Você não se cansa de me surpreender? — perguntou ela com uma risadinha.

O garçom os guiou na direção de uma mesa reservada e entregou o cardápio nas mãos dela.

— Sophie, você tem alguma noção do que tem feito comigo? — Ele ficou sério e reflexivo de repente.

— Eu não entendi. Do que está falando?

— Não são apenas as sessões com o meu psicólogo que estão me ajudando. Você também está. Ao seu lado, sinto que posso ser quem eu quiser. Posso fazer brincadeiras e rir sem me preocupar, pois você sempre está rindo comigo. — Ele deslizou a mão pela mesa, buscando a dela. Os dedos se encontraram e uma conexão se formou. — Muito obrigado pela sua companhia.

Tae-il também estava aprendendo a ser grato, a reconhecer que nada era eterno e que, por isso, era necessário aproveitar cada detalhe da vida antes que fosse tarde demais. Para ele, a gratidão representava um caminho que levava à um destino melhor e mais feliz.

Portanto, era grato pela boa companhia, pelo maravilhoso som que ela emitia ao dar risada e também pelo simples toque de mãos. Tudo parecia tão grande agora, que até mesmo o simples fato de poder respirar normalmente depois de quase perder os pulmões significava um grande milagre.

— Você é um homem como nenhum outro, Tae-il. — Sophie não sabia ao certo se estava agindo da maneira correta, mas não resistiu ao impulso de dizer o que pensava. Sentia que ele era especial, com um coração imenso, e certamente precisava saber disso. — Acredito que as coisas acontecem por algum motivo. Eu diria que você está aqui vivo e saudável porque tem muito o que dar ao mundo. E certamente a sua amizade é uma dessas coisas que você tem para mostrar.

— Acho que estamos começando a ficar um tanto reflexivos demais, não acha? — Ele tentou fugir do assunto. Estava acostumado a receber críticas e a ser humilhado. Por isso, quando um elogio como aquele surgia, não sabia o que fazer, ou o que responder.

— As nossas conversas sempre vão por esse caminho. — Ela abaixou o olhar e olhou no cardápio. — Vou pedir a sopa do dia e uma salada Caesar.

— E eu vou querer uma torta de cebola. — Ele sorriu.

— Você já conhecia o cardápio?

— Vim aqui algumas vezes. A minha mãe adora visitar lugares exóticos e certa vez achamos esse. Ela adorou.

— E eu também!

Depois de fazerem o pedido, a comida chegou pouco tempo depois. Pediram sucos de morango e uva para acompanhar. Tudo estava delicioso e a conversa fluiu agradavelmente, como sempre.

Como tiveram o jantar mais cedo do que o de costume, o restaurante ainda estava substancialmente vazio, o que dava certa liberdade para ambos. E após isso, Sophie levou Tae-il de volta para casa e se despediram com um

abraço.

Seul-ki ainda estava jantando quando ele chegou e sorriu ao vê-lo tão feliz. Ele parecia extremamente relaxado, e mais leve do que já esteve em anos.

— Eu realmente não esperava que você fosse ficar assim depois de tudo o que aconteceu — comentou ela quando ele se sentou à mesa apenas para fazer companhia. — Estou realmente surpresa e muito feliz. A sua adaptação parece estar sendo muito rápida. Está realmente tudo bem, Tae-il? Ou você está tentando esconder a dor?

— Não posso mentir para você. É doloroso acordar todas as manhãs e não poder admirar o sol. É doloroso também não enxergar o rosto de Sophie, ou de não poder me encantar com a beleza do seu sorriso, mãe. Às vezes penso que o melhor é realmente desistir, mas então me lembro das coisas que tenho aprendido. Eu sou forte. — Ele balançou a cabeça em afirmação, como se estivesse dizendo aquelas palavras para si mesmo. — Eu sou forte e sei que posso seguir em frente. Não posso passar o resto da minha vida chorando. Ainda preciso viver.

Seul-ki apenas ouvia o filho falar. O som daquelas palavras encheu-lhe os olhos de lágrimas, pois a emoção inundou seu peito.

Há não muito tempo, Tae-il estivera completamente sem consciência, entre a vida e a morte. Agora, parecia vivo e pronto para valorizar cada segundo da vida. Aquele, claramente, era um grande milagre para ela. Seu coração de mãe estava repleto de alegria ao ver tamanho avanço.

— Filho... — Ela parou de falar por alguns instantes. Não queria que ele percebesse sua voz embargada. — Sophie tem influência em tudo isso, não tem?

Ao ouvir a pergunta, Tae-il relembrou da conversa que teve com Sophie no restaurante.

— Sim, ela tem muita influência em tudo isso. Sophie é muito diferente de Amber. Quando penso nisso, percebo que perdi muito tempo ao lado de alguém que não valia a pena, que não era para mim.

— Você está livre daquela mulher para sempre. — Ela se levantou da cadeira e deu um tapinha nos ombros do filho. — E nunca, nunca volte a se esquecer do valor que você tem.

Ela pegou os pratos sujos do jantar e partiu para a cozinha, deixando-o sozinho.

Pensativo, ele caminhou cuidadosamente na direção do quarto. Aos poucos, começava a se locomover pela casa sem esbarrar nos móveis e sua memória geográfica parecia melhorar cada vez mais.

Deitou na cama e recostou a cabeça no travesseiro. Seu celular vibrou e em seguida avisou que se tratava de uma mensagem de voz vinda de Sophie. Animado, praticamente correu para ouvi-la.

“Oi, Tae-il. Obrigada pelo jantar maravilhoso, eu adorei! A árvore já está em meu apartamento e ficou linda. Sinto que terei um Natal muito especial esse ano, pois conheci você e a sua mãe, não há presente maior! Boa noite, e não se esqueça de escrever mais!”

Um sorriso bobo se formou no rosto dele.

— Mãe? — Ele gritou do quarto e Seul-ki apareceu alguns segundos depois. — A nossa árvore de Natal chegou?

— Sim, está na sala de estar. É enorme. Muito linda!

— Foi a Sophie quem escolheu.

— Ela tem um ótimo gosto, certamente.

— Sim, certamente.

— Tenha uma boa noite, filho.

— Você também, mãe. — Ela saiu e fechou a porta.

Quando mais novo, Tae-il pensara em viver sozinho em um apartamento próprio, no entanto, desistira da ideia logo em seguida. Como poderia deixar Seul-ki sozinha? Aquele não era o seu país, não era a sua cultura. Ele era a única família próxima que ela tinha. Seria totalmente injusto abandonar sua mãe apenas pelo desejo de ter mais privacidade.

É claro que haviam visitado a Coréia do Sul algumas vezes nos últimos anos, mas morar em outro país muitas vezes representava perder a própria identidade em ambos os lugares. Não era fácil, nunca seria. Por isso, mãe e filho estavam juntos. Para sempre.

Pensativo, ele foi para o banheiro e tomou um banho rápido, depois voltou para a cama e começou a escrever. Ficou na mesma posição por horas e a história estava se desenvolvendo com cada vez mais facilidade.

Mas, tirando sua concentração, o interfone tocou. Curioso, Tae-il se perguntou quem poderia estar ali naquela hora da noite.

Capítulo 12

Todos os planos de Amber haviam dado errado. O maldito empresário se mostrara um verdadeiro louco, que tinha manias doentias durante o sexo.

Ela de fato tentou manter o controle até onde podia, mas depois de tudo o que havia acontecido, percebeu que não valia a pena seguir se relacionando com um homem como aquele, até porque ele se tornara um completo mesquinho depois de levá-la para a cama pela primeira vez.

Por isso, decidira que o melhor a fazer era retornar para Tae-il. Com ele, tinha a chance de comprar tudo o que queria e ainda podia ser bem tratada. Tomara a decisão na noite anterior, quando Johnson, o empresário, a amarrara e a espancara durante o sexo que parecera durar uma eternidade. Se sentira usada e enojada por ter permitido que um homem tivesse ido tão longe.

Logo pela manhã, partira sem olhar para trás, como sempre fazia. Mandara apenas uma mensagem dizendo que não voltaria a vê-lo e que tudo estava acabado entre eles. E agora, depois de muito repensar os próprios planos, esperava na porta de Tae-il.

Como os seguranças do prédio já a conheciam, não havia sido difícil subir e chegar até ali.

Ansiosa, voltou a tocar no botão do interfone e esperou durante vários outros segundos. Tae-il sempre foi lerdo, concluiu.

Pouco depois, a porta se abriu e lá estava ele. Mas não exatamente da forma como ela esperava.

— O que deseja? — perguntou Tae-il de forma neutra.

E ela não pôde dizer coisa alguma, pois estava chocada demais para formular qualquer frase.

O silêncio estranho continuou por algum tempo, e Tae-il estava prestes a fechar a porta, pensando que talvez não houvesse ninguém.

— Tae-il? — A voz feminina fez com que um arrepio percorresse todo o seu corpo, paralisando-o no lugar.

Era Amber. Aquela voz sedosa de quem sabia seduzir era dela, e de nenhuma outra. Estranhamente, ao contrário das outras vezes, Tae-il não sentiu nada. Não sentiu desejo, raiva ou qualquer outra coisa. Apenas indiferença.

Perguntou-se como alguém que significara tanto pudesse se tornar uma mera estranha em tão pouco tempo. Aquele era um fato estranho, decidiu. Ou

talvez em seu coração já não tivesse espaço para detalhes que representavam a dor. Sem respondê-la, ele se afastou e empurrou a porta para fechá-la, mas Amber colocou o pé na frente, impedindo-o.

— Precisamos conversar. — Sua voz soou ansiosa e ele percebeu.

— Na verdade não, não precisamos. — Ele forçou a porta mais um pouco, mas Amber não se moveu.

— Não aceitarei ir embora daqui até que você converse comigo. — A frase soou como uma ordem. Definitivamente, Amber adorava lançar ordens sempre que podia.

A grande diferença era que agora Tae-il já não estava disposto a obedecê-la, ou a aceitar as humilhações que pareciam crescer tão facilmente naqueles lábios macios.

Ele ainda se lembrava com muita clareza dos olhos intensos, da pele clara e dos cabelos bonitos. Lembrava do corpo pequeno e cheio de curvas, e também do poder que tudo aquilo emanava. Mas ainda assim, já não sentia nada. Nem mesmo raiva.

— Eu não estou perguntando se você aceita ou não, Amber. Talvez você não tenha entendido e vou repetir, eu não quero voltar a ter nenhum tipo de contato com você. — Ele forçou a porta mais uma vez, mas Amber sequer se moveu.

— Se você não aceitar conversar comigo, eu vou gritar. Farei um escândalo. — Sua voz soou infantil e mimada, fazendo com que o estômago dele embrulhasse. Como pudera haver se apaixonado por alguém tão superficial?

Sabendo que aquela seria provavelmente a última conversa que teria com ela, abriu a porta e permitiu sua entrada. Seul-ki já havia dormido há provavelmente um bom tempo, então não existia nenhum risco de que ela soubesse que Amber estava ali.

— Você tem cinco minutos — disse ele, se sentando no sofá lentamente, com medo de esbarrar em alguma coisa.

— O que aconteceu com você? — Estar com ele já era difícil, pensou ela de forma maldosa. E estar com ele cego certamente seria ainda mais repugnante. Mas precisava de dinheiro, de alguém que a sustentasse, e não podia voltar para o empresário ou ele certamente a mataria.

Fora estúpida ao desistir do que tinha nas mãos para investir em algo tão incerto. Agora não tinha coisa alguma, precisaria se humilhar para tentar recuperar o tempo perdido. Odiava-se por isso.

— Ah, pelo amor de Deus, Amber! — Ele bateu o pé no piso e abaixou

um pouco o tom de voz para que Seul-ki não acordasse. — Você veio até aqui para fazer perguntas estúpidas?

— Quero saber o que aconteceu. Você é cego agora. — E ela percebeu que Tae-il tinha algumas cicatrizes no rosto. Já não era o mesmo em nenhum sentido. Parecia mais forte, mais decidido. Deixara de ser um garoto inseguro para se tornar um homem aparentemente sem paciência para jogos como os dela.

— Você percebeu que estou cego? Muito gentil da sua parte. — Ele soou extremamente irônico. Amber se sentiu completamente incômoda ao perceber que já não detinha poder algum na relação que eles mantiveram. — Então, quer saber o que aconteceu? Eu suponho que você se lembra daquele dia em que você foi embora como uma criança mimada simplesmente porque decidi tirar algumas fotos, não lembra?

— Lembro.

— Eu decidi voltar para casa. Estava cansado e dormi ao volante. O carro capotou e caiu dentro do rio, fui salvo por alguém que estava passando e fiquei em coma durante algumas semanas. Perdi a visão.

Ele não soou como alguém destruído, ou como alguém que já não tinha vontade de viver. Na verdade, muito pelo contrário. Havia força em sua voz, como se Tae-il estivesse inteiramente disposto a seguir o próprio caminho sem desistir. Soou vivo. E intenso.

— As pessoas fazem coisas estúpidas — disse ela, sem saber muito o que responder.

— Sim, você, por exemplo, faz coisas estúpidas o tempo todo. Já não tenho paciência nenhuma para estar conversando, Amber. Poderia ir embora? — Apesar da educação, o pedido dele soou como uma ordem repleta de impaciência.

Ela deu dois passos para frente e dois para trás, furiosa por perceber que não conseguiria nada nem se tentasse. Certo desespero cresceu em seu peito. Não sabia o que seria do seu futuro, afinal tinha contas para pagar e sua conta bancária começava a se esvaziar velozmente.

— A sua vida acabou, Tae-il. E eu estou muito satisfeita em ter causado tudo isso. — As palavras escapuliram repletas de veneno, mas Tae-il sequer se afetou. — Ainda quero receber a notícia de que você cortou os pulsos após sofrer lutando contra a própria inutilidade. E então, eu irei para o seu velório para comemorar. Você é um estúpido, sempre foi. O seu dinheiro não cobre a sua estupidez. Eu estava disposta a te dar uma segunda chance, mas certamente passaria os meus dias enojada por ser obrigada a estar ao lado de um cego inútil.

— Ora, ora... — Tae-il riu. — Terminou, Amber? Engraçado, eu já não me surpreendo com a sua infantilidade. Talvez você devesse tentar crescer, se tornar uma mulher de verdade. No momento, só consigo escutar as palavras de uma criança mimada e furiosa que não conseguiu o que queria.

O queixo dela caiu ao ouvi-lo falar. Ele nunca a desafiara daquela forma, nunca fora capaz de negar qualquer coisa. Aparentemente, muita coisa havia mudado nos últimos meses. Nenhuma dessas mudanças a favoreciam.

— Você nunca vai encontrar alguém como eu, alguém que suportou toda a sua estupidez durante tanto tempo.

— Eu não quero encontrar alguém como você. — Simplesmente não parecia se abalar com a negatividade de Amber. Havia aprendido que as pessoas só o afetavam se assim ele permitisse. Queria apenas que ela fosse embora para que pudesse seguir escrevendo o livro.

— Eu tenho certeza de que você será um homem sozinho, vivendo com a velha estúpida que é a sua mãe. Serão dois asiáticos infelizes em um país que não pertence a vocês. Sabe de uma coisa? Eu acho que vocês deveriam voltar para o inferno de onde vieram.

Sem se dar ao trabalho de responder, Tae-il se levantou do sofá e caminhou lentamente na direção da porta. Ao tocar a maçaneta, abriu e deu de ombros.

— Não aceito que você fale tantas merdas na minha casa. Vá embora e procure alguém disposto a alimentar todo esse seu ódio. Aqui você está perdendo tempo. — Ele ficou esperando calmamente, em silêncio.

— Você não terá outra chance, Tae-il.

— Não estou pedindo. Vá embora.

Ela caminhou na direção da saída, em choque.

— Você é um babaca. Um estúpi... — Ele fechou a porta e trancou a maçaneta antes que ela terminasse a frase.

Com calma, caminhou pela sala de estar e se recostou em uma das pilastras. Tinha um sorriso enorme no rosto. Sentia-se orgulhoso de si mesmo.

Enfrentar Amber daquela maneira representava expurgar um grande fantasma do seu passado que ainda rondava sua vida às vezes. Ao perceber que ela já não detinha poder algum em seus sentimentos, era como se por fim pudesse ser verdadeiramente livre para seguir em frente.

Entre muitas coisas, perder a visão o ensinara a enxergar com os olhos do coração. A sentir com mais intensidade e a ouvir os próprios pensamentos. A

negatividade que tanto o afetava antes, agora se tornava algo efêmero que sequer conseguia atingi-lo.

Ele detinha o poder de controlar tudo o que sentia, aprendera que não podia entregar o coração para pessoas que não soubessem cuidá-lo. Portanto, buscava estar perto de alguém que de fato se importasse com a felicidade. Alguém como Sophie.

Sentindo uma grandiosa paz no peito, Tae-il voltou para o quarto e continuou a escrever. Não escrevia tão rapidamente quanto gostaria, afinal ainda estava se adaptando com muitas coisas e era péssimo no braile. Havia muito que aprender e somente o tempo seria capaz de presenteá-lo com a adaptação diária que ele tanto precisava.

Dormiu sem perceber logo após salvar o arquivo do livro. Estava extremamente feliz com a própria força e também com todas as páginas que escreveu.

Por fim, podia afirmar que a vida era boa apesar de tudo.

Naquela mesma noite, Amber voltou para o apartamento de Johnson. Se sentia desesperada cada vez que se pegava lembrando todas as dívidas que pareciam nunca parar de aumentar. Logo, sua conta estaria zerada e não teria dinheiro sequer para comer.

A única opção era voltar para Johnson e permanecer ao lado dele até que encontrasse alguém melhor. No entanto, aquilo não representava grande coisa, pois estava cada vez mais difícil arrancar dinheiro dele.

Fora extremamente idiota ao partir e enviar uma mensagem dispensando-o por completo, afinal fechara possíveis caminhos. Já não tinha certeza se ele a aceitaria de volta.

Se não aceitasse, ela estava completamente perdida. Teria que buscar um emprego humilhante, se mudar para algum lugar mais barato e viver exatamente como ela odiava. Não queria uma vida simples e era capaz de qualquer coisa para não perder tudo o que conquistou até ali.

Com mãos trêmulas, tocou a campainha e ele abriu a porta logo em seguida. Estava vestindo apenas uma cueca boxer e tinha os cabelos grisalhos bagunçados.

— Decidiu voltar, putinha? — disse ele, puxando-a pelo braço. Seus dedos se fecharam com força, fazendo-a soltar um gemido de dor.

— Eu me arrependi. Fui extremamente idiota. Me desculpe. — Amber se sentiu péssima por precisar se diminuir daquela forma.

Havia prometido para si mesma que ninguém teria tamanho poder de fazer coisas como aquela outra vez, mas não havia outra maneira. Ao menos não naquele instante.

Necessitava de dinheiro, afinal confiara em Johnson e gastara demasiado nos últimos meses. Agora, simplesmente não tinha ideia do que fazer.

— Eu vou foder você com tanta força que sairá sangue da sua boceta. — Ele abriu um sorrisinho perverso e a puxou, caminhando pelo apartamento enorme.

Ele era um homem bonito e forte, com olhos maldosos. Tinha instinto controlador e já fora denunciado por pelo menos cinco mulheres, todas pelo mesmo motivo. Por ter dinheiro, saía impune todas as vezes.

Sua última esposa fora assassinada cerca de quatro anos antes por motivos misteriosos. Ninguém nunca descobriu o assassino e Johnson nunca se pronunciou, de fato, sobre o assunto.

Por ser misterioso, sempre causava curiosidade nas mulheres. Além disso, a gorda conta bancária servia como um atrativo ainda maior. Contudo, apesar da beleza e do dinheiro, era óbvio que ele tinha problemas psicológicos sérios, mas ninguém nunca teve a coragem de obrigá-lo a buscar ajuda.

— Johnson... — Amber tremia, amedrontada. Seu corpo ainda doía depois de tudo o que havia acontecido, e um dos seus olhos estava roxo e inchado.

Ele rasgou as roupas baratas que ela vestia e a levou para o banheiro. Havia água fria na banheira.

— Me masturbei pensando em você hoje, sabia? — Ele a derrubou no chão. Suas mãos eram fortes e machucavam. Os dedos apertavam o pescoço por trás, deixando-a tonta. — Eu gozei na banheira e me senti furioso. Você não deveria ter ido embora daquela forma, minha putinha...

— Eu sinto muito. Eu... — Ela estava completamente arrependida por ter decidido voltar àquele lugar. O desespero por dinheiro fora responsável por sua total falta de bom senso.

— Sim, você vai sentir muito a partir de agora. — Falando isso, ele empurrou com força a cabeça de Amber, afundando-a na banheira. A água estava suja com sabão, óleo corporal e shampoo. — Peça perdão, Amber.

Com a mão livre, Johnson inseriu três dedos, de uma só vez, entre as pernas dela, invadindo sua feminilidade e fazendo-a sangrar.

— Quero que você grite para mim. — Com um sorriso brincalhão, como se estivesse fazendo algo realmente divertido e excitante, ele olhou para o lado e

viu a estátua de um deus egípcio de quarenta centímetros que enfeitava a parte exterior da banheira.

Enquanto Amber se debatia, tentando se libertar, ele pegou a estátua e, com um gesto único, a inseriu na vagina que já sangrava.

— Está bom? Está gostando?

Amber sentiu como se morresse de dentro para fora. Como se estivesse sendo rasgada em dois. Naquele instante, perdeu a força que ainda restava para lutar. Permitiu que seus sentidos se apagassem, pois, assim, deixaria de sentir a dor lancinante que parecia devorá-la por inteiro.

Enquanto apagava, memórias de um passado não tão distante voltaram à sua mente. Memórias de quando seu pai a vendia para outros homens, tratando-a como um produto barato que não valia mais do que apenas alguns dólares.

Nunca se sentira amada, de fato. Nunca se sentira respeitada. Tudo se relacionava ao seu corpo, à sua feminilidade.

Como agir de outra forma, se fora ensinada a ser exatamente daquela maneira egoísta e mesquinha? Não fora escolha dela estar nas mãos de um pai que não pensara duas vezes ao vender a inocência da própria filha para homens muito mais velhos. Não fora escolha dela aprender que o mundo era perverso, cruel.

Com violência, Johnson levantou o corpo praticamente sem vida. Amber sentiu o impacto quando ele a arremessou ao chão e sua cabeça se chocou contra o piso. Removeu a estátua com um único movimento e a jogou dentro da banheira.

Sem piedade alguma, tirou a cueca e a penetrou com inúmeras estocadas, mas Amber não reagiu. Simplesmente perdeu a consciência com a dor imensa que sentiu.

Quando tudo enfim acabou, Johnson chegou ao orgasmo, atirando o esperma em seu rosto. Em seguida, de maneira doentia, a jogou dentro da banheira e foi dormir.

Amber morreu naquela madrugada com a certeza de que o mundo nunca deixaria de ser um lugar solitário, amedrontador e maldoso. E, pela primeira vez em toda a vida, sentiu saudades da voz de Tae-il. Daquela voz suave que costumava dizer “eu te amo” sempre que podia.

Capítulo 13

Tae-il havia terminado de almoçar quando Seul-ki entrou no apartamento com algumas sacolas de compras nas mãos. Trazia consigo verduras, legumes, iogurtes e ao menos duas dezenas de outras coisas. Adorava dirigir até o supermercado, fazer as compras sozinha e parar para tomar café em algum bistrô.

Além de todas as sacolas, trazia consigo também a edição do jornal que saía naquela manhã. E estava completamente chocada com o que havia lido.

— Tae-il! — exclamou ao largar as sacolas na cozinha e voltar para a sala multimídia onde ele estava sentado, ouvindo um áudiobook.

— Estou aqui! — Ele pausou o livro e tirou os fones de ouvido.

— Está sabendo de alguma coisa? — Ela observou as expressões dele e concluiu que ele não sabia de nada.

— Não. Do que está falando?

— Amber foi encontrada morta no apartamento de um magnata nesta manhã. — As palavras saíram com dificuldade. Apesar de tudo, Amber fora uma parte importante na vida de Tae-il. — Uma das diaristas chegou mais cedo do que o previsto para limpar o apartamento e encontrou o corpo sem vida na banheira. Segundo o texto no jornal, Johnson, o tal empresário, passará por maus bocados de agora em diante, mas não parece arrependido ou preocupado. Aparentemente, ele sofre com algum tipo de problema psicológico. Acho que deve ser um psicopata, não sei.

Na maioria das vezes, Seul-ki costumava falar em inglês com o filho por mero costume, mas em momentos como aquele, quando parecia estar nervosa demais, usualmente as palavras saíam apenas em coreano. Apesar de ser seu idioma materno, era estranho para Tae-il ouvir a mãe falar daquela forma. Estava, definitivamente, acostumado com o inglês depois de tantos anos vivendo nos Estados Unidos.

A notícia o chocou, deixando-o inteiramente paralisado enquanto tentava absorver cada detalhe.

— Mas o que ela estava fazendo no apartamento dele? — Ele sentia como se tivesse recebido um soco no estômago.

— Amber era o novo caso do magnata. Eles estavam juntos há alguns meses. — Seul-ki se sentou no sofá ao lado do filho. — Johnson já havia sido acusado de agredir outras mulheres e a última esposa dele foi assassinada de

forma misteriosa.

— Eu sinto muito que Amber tenha decidido se envolver com alguém assim. — Ele verdadeiramente sentia, pois de fato a amara. Entregara tudo de si na relação que tiveram juntos, mas nem mesmo tudo fora o suficiente.

Enquanto refletia em silêncio, chegava à conclusão de que talvez Amber aceitara estar com ele simplesmente porque precisava de dinheiro. Foram muitas as vezes em que ela pedira algum tipo de ajuda financeira, prometendo pagar um dia e fingindo esquecer logo em seguida.

As quantias eram sempre exorbitantes e até mesmo maiores do que os próprios gastos dele, mas, com seu amor incondicional, Tae-il não fora capaz de aceitar que estava sendo usado durante tantos meses.

Por isso, muito provavelmente, Amber voltara na noite anterior, porque precisava de mais dinheiro. Talvez o tal empresário estivesse passando dos limites e ela estivesse começando a ficar com medo. O fato era que ele nunca saberia a verdade, afinal ela estava morta.

Se fosse sincero com os próprios sentimentos, o fato era que ele não tinha nenhum interesse em saber. Estava realmente triste pela morte de alguém tão jovem e cheia de vida, mas não podia se permitir entristecer muito profundamente. Já não a amava, e receber a notícia de sua morte era como ouvir a notícia na televisão de que um estranho havia morrido.

Tae-il não era capaz de explicar como alguém que fora tão verdadeiramente especial para ele pudesse ter perdido toda a importância naquele curto espaço de tempo, mas foram tantas as decepções, as dores e os medos, que já não queria pensar naquilo.

Siga em frente, dizia seu cérebro.

— Como você está se sentindo? — A pergunta escapou dos lábios de Seul-ki. Apesar de Tae-il já não mencionar Amber, era difícil receber uma notícia como aquela.

— Eu gostaria que Amber tivesse escolhido um caminho diferente, mas ela fez a escolha dela. Estou triste, como eu poderia imaginar que algo assim aconteceria? Mas... — Ele fez uma pausa e lembrou a conversa que teve com Amber na noite anterior. — Mas não estou destruído. Espero que ela possa descansar em paz.

Seul-ki se aproximou do filho e o tocou de leve.

— Eu sinto muito que você tenha se apaixonado por alguém assim, e sinto mais ainda em saber que ela morreu de uma forma tão brutal. Ninguém merece sofrer.

— Talvez o sofrimento fosse o responsável por moldá-la daquela forma.
— Tae-il não conhecia a história de Amber, afinal ela nunca falava sobre os próprios sentimentos com sinceridade. Mas agora que enfim estava sendo acompanhado por um psicólogo, entendia, ainda que minimamente, que as pessoas eram como eram por algum motivo. Por isso, não levaria o peso da raiva e da decepção consigo. O melhor a se fazer era libertar a si mesmo, e também libertar as memórias que tinha de Amber, de todas as sombras do passado.

Ele desejara que ela fosse feliz com alguém, que encontrasse um bom lugar para viver e que pudesse sorrir mais vezes. Desejara que o ódio que sempre parecia existir em seu coração desaparecesse e que por fim pudesse ser leve. Saber da sua morte e imaginar as coisas horríveis que aconteceram, trazia certo pesar em sua alma, fazendo-o lamentar por aquela luz que havia se apagado para sempre.

— Todos sofremos, filho. Todos sentimos dores horríveis que nos fazem acreditar que nunca seremos capazes de seguir em frente, mas cabe a nós buscar a felicidade e não permitir que a amargura cresça. Cabe a nós levantar a cabeça e seguir em frente. Não devemos deixar de sorrir, você entende? Sorrir é o segredo. — Ela admirou o filho com carinho. — Sorria para mim.

— Sorrir para você?

— Sim, meu querido. Você fica ainda mais lindo quando sorri.

Tae-il abriu um grande sorriso, fazendo o coração de Seul-ki palpitar. Em um impulso, o abraçou.

— Eu amo você, filho. E a única coisa que eu te peço é que você nunca se esqueça de sorrir. Nunca se esqueça de ser feliz. Eu tenho certeza de que ainda virão desafios, que a vida irá tentar te desafiar, mas não se renda. Não se transforme em uma pessoa amargurada. Seja grato por cada pequeno detalhe e quando for capaz de alcançar as maiores coisas que desejar, não se esqueça de quando você pensou que não chegaria a lugar algum. Eu acredito em você, acredito na sua felicidade.

Estar dentro daquele abraço fez com que Tae-il se sentisse inteiramente seguro, como se nada em todo o mundo pudesse magoá-lo. Estar nos braços de sua mãe trazia a promessa de que todas as coisas eram possíveis, e as boas eram ainda mais.

— Eu sou grato. — Ele voltou a sorrir.

Era grato por estar vivo, por ter uma mãe como Seul-ki e por ter tido a oportunidade de nascer em uma família que fora feliz e completa. Apesar de ter perdido a visão, agora entendia que as cores da vida também podiam ser vistas

através do coração. Ele era a prova disso.

— Como está o andamento do seu livro? — perguntou Seul-ki quando o abraço terminou e o momento se dissipou. Sabia que o melhor a se fazer era tentar mudar de assunto.

— Estou avançando muito bem. Estive pensando que, provavelmente, será um pouco difícil fazer a revisão do texto. Ainda estou me adaptando com o Braille, ditar é extremamente complicado e os outros programas não facilitam tanto quanto eu gostaria, mas, apesar de tudo, estou gostando do resultado. Estou orgulhoso de tudo o que fiz até agora.

Enquanto falava, era possível perceber a animação que reverberava em sua voz. A história estava cada vez mais intensa, com arcos interessantes e repleta de reviravoltas.

O livro seria longo, mas Tae-il não se cansava de escrevê-lo. Acreditava que aquela seria a obra da sua vida.

— Eu estou muito ansiosa para ler. E Sophie também.

Por muito tempo, Tae-il tivera a mais completa certeza de que estava destinado a trabalhar eternamente com a fotografia. Por ser sua paixão, imaginava que as fotos que tinha em seu portfólio eram a contribuição que deixaria para o mundo.

Mas agora, quanto mais escrevia, mais percebia que existiam um milhão de outros legados que podiam ser deixados ao longo da vida. Antes a fotografia, agora a escrita e futuramente outras coisas, que ele sequer sabia.

A vida era repleta de surpresas. De altos e baixos, quase como uma montanha-russa cheia de circuitos mirabolantes. Às vezes não se sentia capaz de seguir com o desafio de viver, mas, na maioria das vezes, entendia que estava aprendendo. E estar disposto a aprender era exatamente o que o fazia grande.

— Espero terminar o quanto antes. Sophie me disse que conhece alguns agentes literários que certamente poderiam me levar às editoras. Não sei se alguém irá querer publicar o que estou escrevendo, mas espero que sim.

— Eu tenho certeza de que sim. Você sempre foi muito bom em tudo o que faz. — Ela sorriu e se afastou. — Se precisar de alguma coisa, basta me chamar. Estarei na cozinha.

Tae-il havia decidido durante uma das suas madrugadas insone que quando terminasse o livro que estava escrevendo, começaria a fazer faculdade de psicologia. Se encantava cada vez mais com a profissão e sentia que certamente poderia fazer muito por outras pessoas que precisassem de ajuda assim como ele precisou, e precisava.

Havia comentado sobre a ideia com Sophie e ela adorara. Na verdade, ele queria estar em constante movimento, aprendendo coisas novas e se permitindo viver sem temer recomeçar quantas vezes fossem necessárias.

Capítulo 14

As semanas seguintes foram extremamente pacíficas e sem dramas. Se por um lado Tae-il escrevia sempre que podia, por outro, Sophie trabalhava arduamente, tentando produzir as melhores matérias e encontrar os maiores furos de reportagem.

Quando o Natal chegou, todos se reuniram outra vez e trocaram presentes. Seul-ki presentou Sophie com uma bolsa Givenchy em couro preto com detalhes clássicos, e também com um livro jornalístico que parecia combinar com ela. Já para Tae-il, comprou um filhote de Retriever Labrador que logo seria adestrado para servir como cão-guia. Ambos adoraram os presentes, e ele decidiu batizar o cãozinho de Ed, em homenagem ao cantor inglês.

Sophie presenteou Tae-il com um colar masculino repleto de detalhes em alto relevo. Percebera há muito tempo que ele gostava de usar coisas como aquelas, e não havia errado na escolha. Seul-ki ganhou um conjunto de facas e uma garrafa de champanhe.

Por último, Tae-il presentou Sophie com um anel da Tiffany & Co, e comprou um novo computador para Seul-ki.

No final, todos ficaram extremamente felizes com os presentes e tiveram uma noite maravilhosa, repleta de sorrisos e bons momentos.

Depois desse dia, o Ano-Novo pareceu chegar em um piscar de olhos, e Tae-il decidiu convidar Sophie para que pudessem acompanhar a virada do ano em algum lugar especial. Seul-ki sairia com algumas amigas para um jantar, então ambos estavam livres para estar juntos sem se sentirem culpados. Apesar de ninguém comentar, era notável o fato de que os dois pareciam estar cada vez mais próximos.

Haviam decidido jantar rapidamente em um restaurante de comida tailandesa. A comida era ótima e picante, além de bastante diversificada. Quando terminaram, se encaminharam para a Times Square.

O tráfego já havia sido fechado ao entardecer e muitas das seções já estavam lotadas de pessoas esperando ansiosas pelo Ano-Novo.

Nova York sempre foi uma cidade repleta de turistas durante todos os meses do ano, mas durante aquela época, tudo parecia mais intenso e mais cheio. Além disso, fazia muito frio e a temperatura chegava a quatro graus negativos.

Apesar de tudo, tanto Tae-il quanto Sophie estavam extremamente felizes. Depois de passarem pela revista minuciosa de segurança realizada pela polícia, conseguiram um bom lugar entre as seções.

Era difícil se manter parado quando fazia tanto frio. Ed, o cãozinho, havia ficado em casa, pois ainda não era adestrado.

— Você estava certo. Trazer Ed seria uma péssima ideia. Ele ficaria assustado — comentou Sophie enquanto olhava ao redor, impressionada com a multidão.

Na verdade, nenhum dos dois havia, de fato, passado o Ano-Novo na Times Square antes. Obviamente, já tiveram a oportunidade de assistir ao evento na televisão, mas nunca se interessaram em acompanhar pessoalmente, o que parecia um sacrilégio, afinal moravam na cidade.

— Ele ainda é muito pequeno. E está fazendo frio demais. — Ele se aproximou um pouco mais e passou um dos braços ao redor dela.

O desejo de beijá-la parecia praticamente impossível de ser controlado. Depois de meses segurando as próprias fantasias, tinha a mais plena certeza de que não resistiria por muito tempo.

— Sophie? — disse ele, minutos depois.

— Sim, Tae-il? — A voz dela soava sempre muito calma, aveludada. Voz de quem emanava paz mesmo sem perceber.

— Entre todos os momentos desde que nos conhecemos, este é o que eu mais gostaria de poder ver o seu rosto. De poder guardar na memória a primeira vez em que viramos o ano juntos. — Ele não sabia exatamente o motivo pelo qual estava dizendo aquelas coisas, mas aprendera que não era saudável guardar os próprios sentimentos. Coisas positivas precisavam ser ditas e compartilhadas.

Usualmente, os asiáticos costumavam ser um pouco mais reservados em relação aos sentimentos, mas, depois que os laços emocionais se formavam, dificilmente se quebravam. De alguma maneira, Sophie conseguira formar aquele laço com facilidade, sem pretensão alguma. E Tae-il estava grato pela possibilidade de conhecê-la cada vez mais, lentamente e sem pressa.

Ela se aproximou dele e o tocou no rosto. Sua mão estava coberta por uma luva e ele teve um imenso desejo de poder senti-la por completo.

— Ouça a minha voz e lembre-se das minhas palavras. — Ela sussurrou ao ouvido dele.

Não estava certa se devia se permitir dizer o que estivera guardando durante tantas semanas, mas sabia que provavelmente explodiria de dentro para fora caso continuasse negando.

— Eu amo você. — Ela falou tão baixinho que por alguns segundos Tae-il pensou estar imaginando coisas. — Eu amo você como nunca amei homem algum.

Sentiu-se totalmente desnuda por dizer a verdade, por encontrar a coragem que precisava para desvelar o próprio coração. Talvez se arrependesse no futuro, mas apenas aquele momento importava, pois era impossível saber quando teria a ousadia de libertar tudo aquilo outra vez.

Cada vez que pensava na forma como sua vida havia mudado naquele ano, sentia como se o seu coração estivesse batendo mais forte em plena felicidade.

Tinha a plena consciência de que, por outro lado, aquela havia sido uma das épocas mais difíceis da vida de Tae-il, mas se sentia satisfeita por poder tê-lo ao seu lado, por ter alguém com quem pudesse compartilhar as mais diversas coisas. Por ter alguém para chamar de família.

— Você... — Ele pareceu completamente chocado, como se não esperasse, de forma nenhuma, ouvi-la falar sobre sentimentos. — Você me ama?

A afirmação dela surgiu de forma tão leve e sem preâmbulos, que o mesmerizou, deixando-o completamente surpreso por perceber que o amor era simples em sua grandeza.

Não era necessário sofrer para ser amado, tampouco dar tudo de si e se perder tentando. Na verdade, tudo o que precisava ser feito era ser quem era e esperar que Sophie o aceitasse. E ela o aceitou. Sem dor, sem lágrimas. Apenas harmonia.

— Sim, eu amo você. — Ela engoliu em seco e sentiu lágrimas se avolumarem nos olhos, lembrando dos dias em que ele estivera no hospital e em como ficara curiosa por saber mais sobre aquele homem.

— Eu também amo você. Muito. — Sublime. Tae-il se sentia sublime. Como se flutuasse em nuvens invisíveis simplesmente porque se sentia livre para dizer que amava uma mulher como Sophie. Uma mulher que o completava. — Eu amo você e a sua presença, a sua voz e o seu toque. Eu amo você.

Por apenas alguns segundos, ele esperou ouvi-la rir em deboche, como Amber sempre fazia, mas logo se lembrou que aquela mulher era Sophie, e tratava-se de alguém completamente diferente. Portanto, não tinha motivo nenhum para se sentir envergonhado enquanto declarava o seu amor.

— Eu quero beijar você. — Adicionou ele, mas não esperou a resposta dela. Os lábios se uniram e as línguas dançaram, rodopiando juntas, se encontrando entre um milhão de sensações.

Haviam milhares de pessoas ao redor, aguardando ansiosas pela virada do ano. Mas, naquele instante em que o beijo começou, ambos se sentiram como se estivessem dentro de uma bolha onde nada mais importava.

Aquele era o primeiro beijo, repleto de uma sensibilidade que Tae-il nunca antes havia sentido. E apesar de nunca ser capaz de enxergar a aparência de Sophie, ou de ver os detalhes daquela partícula do tempo, ele soube que nunca se esqueceria daquele momento, pois estava marcado. Para sempre.

Quando o beijo enfim terminou, Sophie sentiu como se todo o seu mundo houvesse desmoronado e se reconstruído novamente. Estava sem fôlego e ao abrir os olhos, olhou ao redor e percebeu que tudo continuava a mesma coisa. Mas não dentro dela.

Tudo havia mudado em seu coração, em sua alma. Pois agora, não se sentia sozinha. Já não temia repousar a cabeça no travesseiro sabendo que nunca teria alguém ao seu lado.

Talvez fosse ilusão, talvez se decepcionasse. Mas não queria pensar na possibilidade de se decepcionar com Tae-il, pois não parecia certo. Não parecia adequado. Preferia apenas aproveitar aquela mudança que havia sido imposta em sua existência.

Era maravilhoso se sentir amada, pertencente. Enquanto esteve nos braços dele, teve a sensação de que ali era exatamente onde deveria estar. Pois o amava.

Durante as semanas anteriores, tentara convencer a si mesma de que as coisas que estava sentindo na verdade eram ilusórias e passageiras. Mas sempre que estava perto de Tae-il, algo dentro da sua cabeça gritava que não adiantava negar. Estava verdadeiramente apaixonada.

Depois de perceber que era perda de tempo negar a verdade, decidiu que nada podia ser feito além de sentir em silêncio, guardando cada um dos sentimentos em algum lugar, afinal não queria perder a companhia dele. Preferia tê-lo pela metade do que perdê-lo por inteiro.

E agora, concluía que fora uma tola ao esconder tudo. Ele a amava. Não havia nada mais precioso do que a consciência do amor de alguém.

Interrompendo seus pensamentos que pareciam gritar, as pessoas ao redor começaram a se movimentar e a soltar sons animados. A contagem para o Ano-Novo iria começar.

— Dez! — gritou ela, batendo palmas.

Tae-il pousou uma das mãos enluvadas no rosto feminino e mais uma vez desejou vê-la. Desejou ter a oportunidade de fotografá-la naquele instante. Mas não podia, simplesmente não podia.

— Sete! — completou ele.

Ela abaixou a cabeça lentamente e o admirou fixamente. Amou cada

cicatriz, cada detalhe, desde os cabelos negros e repicados aos traços asiáticos que faziam com que seu peito retumbasse em desejo.

— Quatro! — disse ela, sem fôlego. Estava assustada por pegar-se amando alguém daquela maneira.

—Dois! — Ele deu dois passos na direção dela.

— Um! — Sophie se abaixou e o beijou, eternizando o momento através das sensações.

Tudo ao redor eclodiu. As comemorações, as luzes, a vida. Mas o que de fato importava era o beijo que os enfeitiçava, fazendo-os se perder entre milhares de medos e anseios.

Em seguida, decidiram caminhar sem destino algum. Passaram horas de mãos dadas, apenas aproveitando a promessa de um novo começo naquele ano que se iniciava. E quando já estavam suficientemente cansados, foram para o apartamento de Sophie.

— Essa noite foi maravilhosa — disse ela quando entraram. Lentamente, tirou os casacos e se sentiu confortável outra vez. — Uma das melhores noites da minha vida.

Com mãos incertas, ele tateou até alcançá-la, soltando a bengala dobrável que sempre o acompanhava. Lentamente, beijou-lhe o pescoço e inspirou profundamente, sentindo o cheiro doce do perfume feminino.

— Acho que a noite pode melhorar. — Ele sorriu com a própria frase. — Eu quero você, Sophie. Eu preciso.

Quando ele se calou, todo o resto se passou como em um borrão. Caíram juntos no sofá em uma confusão de braços e pernas. Os lábios dele tocaram os dela, as línguas voltaram a se encontrar.

Ele a tocava com avidez, como se buscasse enxergar cada centímetro daquele corpo através das mãos. Acariciou a pele macia e ansiou por mais.

As roupas foram jogadas ao piso e, quando já estavam nus, Sophie sentiu lágrimas nos olhos.

Aquele era o seu momento. O momento em que percebeu-se no coração de outra pessoa. Era bom se sentir amada, pensou. Era maravilhoso.

— Obrigada. — Sussurrou ela, tentando absorver todos os detalhes daquela noite, pois não queria esquecer nada do que estava acontecendo. Queria, simplesmente queria, poder memorizar aqueles instantes para sempre, pois assim poderia lembrar no futuro do dia em que de fato se enxergara no coração de alguém. Se enxergara amada.

— Pelo quê está agradecendo? — perguntou ele ao tocá-la no rosto e aproximar os lábios, beijando e sentindo. Saboreando. Seu coração palpitava, sua pele clamava pela textura da dela.

— Pela sua presença. Por você ser quem é. Obrigada. — Ele era um homem como poucos, Sophie bem sabia.

Com Tae-il, aprendera sobre resiliência, sobre começar do zero. Ter esperança significava não desistir, ainda que os pesos fossem difíceis demais para carregar sozinha. Agora ela conseguia compreender verdadeiramente que cada pessoa estava enfrentando um problema, cada pessoa tratava de buscar uma solução, um recomeço. Desde que aprendera tanto sobre si mesma e sobre os outros ao seu redor, tudo se tornara mais fácil. Mais leve.

Nunca fora uma mulher amargurada. Tinha bom humor e um sorriso contagiante, mas às vezes era difícil acordar pela manhã e não ter ninguém com quem pudesse vivenciar.

Sentia falta de chegar do trabalho e compartilhar os grandes momentos. E odiava a solidão mais do que todas as outras coisas.

Lutara muito para conseguir um diploma e se tornar uma profissional de sucesso, mas agora percebia que a vida não se resumia àqueles dois pontos. Havia muito mais. Já não era aceitável seguir investindo tanto em uma estabilidade financeira se não fosse capaz de ter uma família.

Família importava. Sempre importaria, ainda que Sophie não soubesse verdadeiramente o significado daquela palavra.

— Eu sou grato pela minha vida, Sophie. Então não me agradeça, nada do que eu fizer por você será o suficiente para suprir o que você fez por mim. Mas, entre todas as coisas, amar você e cada um dos seus detalhes é o maior ato que posso oferecer. — Ele tocou os cabelos macios e sorriu. — Eu te amo.

Não se tratava apenas de desejo, era algo mais verdadeiro e provavelmente mais duradouro. Tratava-se de algo intrínseco, de uma união que só crescia, se fortalecendo através de uma amizade munida da paixão.

— E eu também te amo — sussurrou ela.

Sem dizer mais nada, Tae-il vestiu a camisinha e a penetrou, soltando um gemido de prazer. Tudo era tão intenso que ele sentia como se estivesse prestes a se quebrar em um milhão de pedaços. Mas não se importou. Queria explodir dentro dela, se desfazer até que tudo o que sentia eclodisse em milhares de partículas.

Ela transpassou as duas pernas ao redor dele, fazendo-o ir cada vez mais fundo. Com uma das mãos, fincou as unhas em suas costas e com a outra tocou-

lhe a bochecha enquanto os lábios masculinos roubavam seu fôlego.

Sophie gozou poucos minutos depois. Seu corpo se remexeu e tudo o que ela pôde fazer foi fechar os olhos e soltar um longo suspiro de prazer, completamente sem forças.

Tae-il gozou logo em seguida e gritou o nome dela, cortando o silêncio da noite e recostando-se ao lado dela para abraçá-la com carinho.

Ambos estavam suados e cansados, completamente exaustos. Por isso, quando dormiram, sequer perceberam.

Lá fora, a neve caía preguiçosamente. As pessoas ainda comemoravam o início do novo ano, e o mundo parecia em festa. Mas ali dentro, naquele apartamento, reinava a paz e o silêncio.

Reinava o amor. E, sem dúvidas, aquilo era exatamente o que ambos precisavam.

Capítulo 15

Tae-il enfim terminou o manuscrito do livro ao final da segunda semana de fevereiro. Seu processo criativo mostrou-se muito mais rápido do que o comum, e o arquivo contava com seiscentas e quarenta páginas. A obra, extensa, apresentava riqueza de detalhes. Certamente, qualquer leitor que lesse perceberia a preocupação de Tae-il ao tentar descrever a própria cultura.

Depois disso, enviou o trabalho para Sophie e assim ela começou a realizar uma revisão intensa e trabalhosa. Removeu palavras e acrescentou outras, sugeriu o corte de algumas cenas e às vezes ligava para Tae-il no meio da noite apenas para fazer algum tipo de comentário.

De alguma forma, a história havia atingindo seu coração de maneira direta, pois ao ler, conseguia enxergar o homem que amava em cada palavra, em cada frase e parágrafo. Para ela, a literatura era como mágica, fazendo com que voasse para dentro dos mais diversos mundos apenas com o poder da imaginação.

Todo o processo foi trabalhoso e exaustivo, afinal Sophie não era uma editora. Por ser jornalista, tinha olhos aguçados em relação à escrita e extrema leitura crítica, mas, ainda sim, não estava acostumada a revisar um romance com mais de seiscentas páginas. Na verdade, não estava acostumada a revisar nenhum tipo de livro, apenas reportagens especiais e matérias mais simples.

Quando por fim terminou toda a revisão, — e certamente deu o melhor de si durante todo o tempo —, ao final da última semana de março, tanto ela quanto Tae-il estavam exultantes para apresentar o manuscrito.

Sophie entrou em contato com Ben Stevens e marcou uma reunião. O homem era um renomado agente literário responsável pela venda de uma famosa trilogia que fizera enorme sucesso no ano anterior. Por sorte, ela o havia conhecido durante uma entrevista para o jornal e tiveram alguns encontros amigáveis após isso, mas nada que passasse da amizade.

Ele os recebeu com enorme simpatia em seu escritório. Na base dos cinquenta anos, tinha uma aparência jovem e pareceu inteiramente interessado enquanto ouvia Tae-il falar sobre todo o processo de escrita, as dificuldades e também sobre o desenvolvimento da trama. Cerca de duas horas depois, Tae-il e Sophie já estavam prontos para ir embora quando ele pediu dois meses para dar uma resposta. Era um prazo razoável, dado o tamanho do romance e também as pilhas de outros manuscritos que Ben precisava avaliar.

Para a surpresa de ambos, ele ligou uma semana depois, parecendo

extremamente animado ao dizer:

“Eu vou tornar este livro um best-seller!”

Tae-il de fato não esperara tal reação e ficara extremamente feliz ao saber que todo o seu trabalho houvera sido aprovado por um homem tão importante quanto Ben.

Os passos seguintes foram um pouco mais complicados. Assinaram um contrato e em seguida Ben passou o contato de um grande amigo, que era revisor profissional e trabalhava na área há décadas.

Apesar de Sophie haver feito um excelente trabalho editando e revisando, ainda não era o suficiente. Por isso, Tae-il trabalhou por várias semanas ao lado de Simon Blake, um senhor de quase setenta anos, extremamente rabugento, mas talentoso em suas avaliações críticas.

Cerca de dois meses se passaram até que, por fim, o manuscrito ficou pronto para ser apresentado às editoras.

Um acordo foi fechado logo em seguida. Uma editora de grande porte demonstrou interesse imediato e depois de muitas tentativas, o título final ficou decidido como *“A arte de correr na escuridão”*.

O contrato firmado com a editora garantia a publicação do livro para o verão do ano seguinte, numa tiragem inicial de dez mil exemplares. Apesar de Tae-il realmente não precisar do dinheiro, os editores pagaram um bom valor, detalhe que o surpreendeu.

Os meses seguintes praticamente voaram. Ele passou a fazer aparições públicas para aquecer o lançamento da obra, criaram um site especial com sua biografia e até mesmo páginas nas redes sociais em seu nome.

A verdade era que a vida de Tae-il estava sendo reconstruída lentamente. Vez ou outra ele se lembrava da época em que estivera com Amber e da forma horrível que ela morrera.

Também, principalmente antes de dormir, chorava quando pensava que adoraria poder enxergar, para ser capaz de admirar um milhão de novas coisas que apareciam diariamente.

O choro era comum, tratava-se de uma forma de extravasar algumas dores e aliviar o peito, mas fora numa noite de setembro, quando por fim recebera um aviso sonoro do computador avisando que havia um novo e-mail, que Tae-il chorara como nunca antes.

A mensagem dizia que em anexo havia a capa do livro. E, claro, ele nunca poderia vê-la. Aquilo fizera com que ficasse entre a alegria e a tristeza, sorrindo enquanto chorava.

— Eu já não deveria me afetar menos? Já se passou mais de um ano desde que o acidente aconteceu. — Ele perguntara em uma das sessões com o psicólogo. Não sabia exatamente a data em que sofrera o acidente, pois preferia simplesmente não lembrar. O melhor era guardar as boas memórias e se desfazer das ruins.

— O seu crescimento é gradual, Tae-il. Não existe uma data limite em que você irá acordar e toda a dor desaparecerá. — A voz do psicólogo sempre soava agradável aos ouvidos dele. — Em alguns dias tudo parece perfeito, em outros nada parece agradar. O que você supõe que podemos fazer com essas sensações?

— Interpretá-las. Entendê-las. Nunca ignorá-las. — Tae-il sorria, pensando no quanto havia crescido emocionalmente nos últimos meses.

— Exatamente. Sentir a dor e chorar não é uma vergonha, na verdade é o contrário. Ao chorar quando é necessário, também estamos lutando, mesmo sem perceber, contra algo que está machucando. E certamente somos capazes de vencer.

As sessões com o psicólogo sempre o ajudavam a crescer em algum aspecto. E as crises, que não eram muitas, sempre pareciam menores depois de alguns momentos de reflexão consigo mesmo.

A vida de Tae-il deu mais uma guinada quando recebeu a confirmação de que a sua inscrição no curso de psicologia na Nova York University havia sido aprovada. Como provavelmente seria um pouco mais velho do que os alunos em geral, se sentiu ansioso e nervoso para o início das aulas.

Nesse meio tempo, o cachorrinho Ed já havia começado a ser adestrado e preparado para ser cão-guia. O processo demoraria algum tempo, então Tae-il ainda precisava se locomover sozinho.

Obviamente era um tanto complicado para ele, afinal Nova York era uma cidade enorme e mesmo que tentasse com afinco, nunca seria fácil ir de um lado a outro sem ter algum tipo de problema diário. Se fosse bem sincero, nem mesmo uma pessoa com a visão perfeita conseguia se deslocar sem esbarrar em alguém. Aquela cidade era sempre muito cheia, e, apesar de tudo, ele adorava toda a vida que parecia surgir de todos os lugares.

Ainda sim, mesmo com tantas coisas acontecendo, crises indo e vindo, problemas crescendo e diminuindo, Tae-il acreditava nas próprias capacidades. Venceria cada um dos obstáculos. Estava decidido e não desistiria.

Não havia sido apenas a vida de Tae-il que mudara nos últimos meses,

mas a de Sophie também.

Logo no início do ano fora transferida para uma das revistas administradas pela mesma empresa que contratava profissionais para o jornal. Agora, já não precisaria correr para conseguir furos de reportagem. A produção era completamente diferenciada e um pouco menos estressante.

Inclusive, ganhara uma coluna onde podia abordar vários assuntos, mas preferia dar conselhos acerca dos problemas diários e relacionamentos interpessoais.

Parecia-lhe completamente irônico que as pessoas estivessem apoiando de forma tão intensa a nova coluna, afinal Sophie nunca fora conhecida por suas relações emocionais com as outras pessoas. Na verdade, começara a desenvolver aquela habilidade depois de conhecer Tae-il e Seul-ki.

Certamente, estar apaixonada ajudava na hora de escrever os textos. E, por fim, descobrira que o mundo das redações jornalísticas era estressante demais e não fazia parte do seu ritmo. Agora que estava na revista, podia admitir com certeza que não sentia falta alguma de toda a pressão do jornal.

Para sua surpresa, a editora-chefe da revista, Lilian Stark, a chamara numa manhã logo no início do expediente. Parecia tensa e não tinha o enorme sorriso no rosto que tanto a caracterizava.

— Bom dia, senhorita Horton. — Sua voz soou extremamente séria. — Temos algumas coisas para conversar.

— Bom dia. Algum problema? — Sophie uniu as mãos, tensa.

— Na verdade, sim.

Sophie sequer conseguia imaginar qual seria o problema. Aparentemente, a coluna estava sendo muito bem aceita pelos leitores, as cartas e os e-mails pareciam aumentar cada vez mais.

— Estou ouvindo. — Seu cérebro buscou um milhão de razões para uma reunião como aquela, mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão concreta. Com o coração acelerado, pôs-se a ouvir.

— Ontem recebi algumas ordens vindas de cima. Eles querem diminuir a lista de contratados. Enxugar a equipe. Com você bem sabe, as revistas e jornais vêm perdendo espaço depois que a internet surgiu. Realmente tentamos abarcar todos os profissionais, mas infelizmente já não é mais possível. — Lilian parecia verdadeiramente triste e até suspirou lentamente, pensativa. — O seu contrato termina esta semana e não pretendemos renová-lo. Eu sinto muito.

Sophie sentiu o impacto das palavras e ficou sem reação por alguns segundos. Engoliu em seco duas vezes e entreabriu os lábios, buscando algo que

pudesse ser dito.

— Demitida? — Sua voz soou rouca.

— Sim.

— Mas a coluna estava indo bem, não estava?

— Estava e o sucesso é mérito seu, mas apesar de tudo, ainda não podemos manter o número de contratados que estávamos mantendo. Iremos repassar a coluna para outra profissional que já está na revista há mais tempo. Espero que entenda que esta não é uma decisão minha. Eu adoraria que você continuasse trabalhando conosco, mas algumas mudanças são necessárias.

— Eu entendo. — Os olhos de Sophie brilharam, cheios de lágrimas, mas logo ela abriu um sorriso e tratou de dissipar o bolo que se formou em sua garganta. — Eu entendo perfeitamente.

— Você não precisa vir amanhã. Hoje é o seu último dia de trabalho. Muito obrigada por todo o seu esforço. — De forma carinhosa, Lilian se levantou da poltrona imensa e caminhou na direção de Sophie, puxando-a para um abraço apertado. De fato gostava daquela garota e torcia pelo sucesso dela. Odiava ter que demiti-la. — Iremos fazer uma forte carta de recomendação. Sem dúvidas não será difícil para você conseguir um novo emprego.

— Foi um prazer trabalhar com a senhora. — Sophie balançou a cabeça e se afastou, saindo da sala.

Ficou o resto do dia em silêncio. Fez os últimos trabalhos de forma automática, arrumou as poucas coisas que tinha em sua mesa e colocou tudo em uma caixa de papelão, e voltou para o apartamento.

No segundo em que pôs os pés em casa, desligou o celular e sentou no sofá da sala de estar. Ficou ali, completamente parada, por um longo tempo. Apenas pensando e pensando, claramente tentando compreender como tudo havia mudado tão rapidamente. Mas, estranhamente, não chorou.

Sentia-se apenas decepcionada profissionalmente, pois percebia-se completamente dispensável. Pensara que estava crescendo na empresa, acreditara, de verdade, que a coluna seria um marco em um ou dois anos, mas todos os seus planos, cada um deles, se desfez em questão de minutos.

Agora, precisava encontrar outro trabalho. Havia o aluguel do apartamento a ser pago, comida a ser comprada e um milhão de outras coisas que logo bagunçariam todo o seu orçamento mensal.

Não se abalaria, disse a si mesma. De cabeça erguida, se levantou do sofá e tomou um longo banho de água quente, e em seguida vestiu um pijama velho e confortável, deitou na cama com um pote de sorvete e passou o resto da noite

assistindo uma das suas séries românticas preferidas.

Sempre haveria a opção de se permitir entrar em desespero e desmoronar, ou, o que parecia ser sempre mais difícil, o total oposto. Sophie optara por manter o controle, seguir em frente e simplesmente usar a própria inteligência para organizar planos.

Naquela noite, aproveitou o tempo livre e fingiu que nada havia acontecido. Na manhã seguinte, certamente iria acordar tarde, espantar os próprios fantasmas e reorganizar os próprios sentimentos, afinal, ser demitida era doloroso, ainda mais quando amava o trabalho.

Mas, depois disso, enviaria currículos, colocaria a melhor roupa que tivesse, calçaria saltos e caminharia pelas ruas de Nova York, em busca de um emprego. Nunca deixaria de ser jornalista, mas o importante naquele momento era conseguir uma forma de manter a própria vida, por isso, aceitaria qualquer trabalho que fosse suficientemente decente.

Quando dormiu, sequer percebeu. A televisão permaneceu ligada e o que havia restado do sorvete derreteu no pote. Sophie só acordou na manhã seguinte com o som da campainha.

Com os olhos turvos de sono e os cabelos em uma completa confusão, foi até a porta e abriu.

Lá estava ele com ar de preocupação. Tae-il.

Capítulo 16

Ele entrou e sentou em um dos sofás. Parecia nervoso e até um tanto estressado. Sempre ficava assim quando precisava sair de casa sozinho.

Nova York era um mundo inteiro dentro de uma cidade e Sophie realmente não conseguia sequer imaginar o quão difícil podia ser para um deficiente visual se aventurar nas ruas repletas de pessoas, carros e sons.

Por isso, sentiu-se grata por saber que Tae-il tivera a preocupação de ir até lá apenas para visitá-la.

— Eu estava preocupado com você — disse ele sem preâmbulos. — O seu celular esteve desligado durante toda a noite. Aconteceu alguma coisa?

Ela se sentou ao lado dele e se recostou no sofá, soltando um som de clara irritação.

— Sim, aconteceu. Fui demitida, não tenho quase nada no banco e não pretendo me endividar. Precisava de um tempo comigo mesma.

— Eu sinto muito, Sophie. — Ele ficou completamente surpreso. — A sua coluna estava indo bem, não estava? Eu não entendo.

— Eles estão demitindo vários profissionais e eu estava na lista. Vão repassar a minha coluna para outra pessoa.

— Isso é uma merda. Mas nós dois sabemos que não é você quem perde. Eles estão perdendo. Você é uma profissional incrível.

— Aparentemente não sou tão incrível assim, ou eles teriam renovado o meu contrato. — Ela caminhou na direção do banheiro. — Vou escovar os dentes, volto em um instante.

Tae-il ficou em silêncio durante algum tempo, pensando enquanto esperava por ela. Ao voltar, Sophie quase pôde ouvir as engrenagens se movimentando dentro da cabeça dele.

— No que está pensando?

— Você será a minha assessora! — Tae-il abriu um sorriso enorme e esboçou uma expressão de puro regozijo.

— A sua assessora? — A ideia nunca havia passado pela cabeça de Sophie, e de fato fazia total sentido.

— É óbvio. Logo precisarei participar de um milhão de eventos para divulgar o livro. Precisarei de alguém que me assessor, que entenda do meio editorial e que saiba exatamente como chamar a atenção do público. Você é uma jornalista com diploma, Sophie. A opção perfeita!

De fato, a formação de Sophie incluía assessoria. Apesar disso, nunca atuara na área e sequer sabia se estava interessada em fazê-lo, mas levando em consideração o pequeno detalhe de que precisava de um trabalho e que não estava em posição de escolher, o melhor a se fazer era aceitar o desafio e dar o melhor de si.

— Não tenho experiência na área. Você vai lançar o seu primeiro livro, Tae-il. Se eu não fizer um trabalho bom o suficiente, o lançamento certamente será afetado. Talvez não seja uma boa ideia contratar uma assessora sem experiência para uma estreia como a sua. — Sophie sabia das próprias limitações, e sabia também que o mundo da assessoria podia ser muito diferente do jornalismo que buscava e fazia a notícia.

— Eu acredito em você. — Foi tudo o que ele disse. Não tentou argumentar ou insistir, apenas proferiu as palavras com total certeza e intensidade.

— E se eu não fizer a coisa certa? E se eu for a responsável pelo fracasso midiático do seu livro?

— Foi você quem me ensinou a ser positivo e a confiar na jornada. Não comece a ser negativa agora. — Ele entrelaçou os dedos, sereno. — Iremos fazer um trabalho incrível juntos. Depois, caso você não goste de assessorar, poderá buscar outra área para trabalhar. Você só não pode ficar sem um emprego, suponho. O que acha?

Ela se aproximou dele e o beijou nos lábios.

— Eu topo. Obrigada por confiar em mim. Obrigada de verdade. Eu prometo dar o meu melhor.

Pensar na possibilidade de ter o sonho de Tae-il nas mãos parecia assustador, mas não devia pensar negativamente. Tudo daria certo, disse a si mesma.

— Não me agradeça. Eu sei que você fará um trabalho maravilhoso. — Lentamente, ele tateou, sentindo o corpo feminino. — Adoro quando você me beija desse jeito.

Ela se aproximou ainda mais e sentou em seu colo, abraçando-o enquanto o beijava com lentidão. A ereção de Tae-il pulsou em claro sinal de desejo. Ele sempre se sentia assim quando Sophie decidia seduzi-lo. Era fácil demais perder o controle nos braços dela.

— Posso passar o resto do dia beijando você. — Ao ouvi-la falar daquela maneira, Tae-il a puxou para mais perto, iniciando outro beijo que dessa vez era muito mais intenso. Mais rebelde.

Logo, Sophie se afastou apenas para tirar as roupas dele e em seguida as dela. Nada mais importava, apenas aquele simples momento em que existiam apenas os dois. Os problemas deixavam de existir, as dores cicatrizavam e o prazer tomava o poder.

Em momentos como aquele, quando ambos estavam tão entregues, Tae-il tinha a total consciência de que fora feito exatamente para ela. Para estar nos braços dela. E saber daquilo de maneira tão concreta o assustava ao mesmo tempo em que o enervava.

— Agora poderemos trabalhar juntos... — Comentou ele ao tocar os lábios no espaço entre o pescoço e os ombros, traçando um caminho de beijos que levavam arrepios ao corpo feminino. — Certamente será um prazer trabalhar com você...

Ela fechou os olhos e o abraçou. Ele parecia descobri-la lentamente, desvendando cada detalhe escondido que por muitas vezes nem mesmo Sophie sabia sobre a existência.

Não queria pensar em nada. Não queria refletir sobre o fato de que havia acabado de perder o emprego. Não queria relembrar a ideia maluca de que agora seria a assessora de Tae-il. Precisava apenas descarregar todas as tensões, transformando-as em prazer.

— Como você consegue mexer tanto comigo? — indagou ela depois de longos minutos. Agora, ela estava deitada no sofá enquanto ele a acariciava lentamente.

Os dedos queimavam a pele enquanto a língua roubava o sabor. Sophie estremecia, ansiosa e desejosa, claramente perdendo o controle cada vez mais.

Tae-il odiava o fato de que nunca seria capaz de enxergá-la, de poder encher os olhos com a beleza dela. Tudo o que podia fazer era simplesmente imaginar, nada mais.

— Eu faço a mesma pergunta todos os dias. — Respondeu ele ao levantar o corpo para se posicionar entre as pernas lânguidas. Logo, em um gesto de puro deleite, ele a possuiu, soltando um gemido lento de prazer e luxúria.

Os movimentos, que no início eram quase preguiçosos, se tornaram mais selvagens, mais loucos. Os lábios se encontraram. Sophie o mordeu e ele sorriu. As unhas dela fincaram-se na pele suada, tirando sangue.

Nada daquilo era controlado e eles não queriam o controle. Precisavam se perder para se encontrar, ou explodiriam.

De forma surpreendente, Tae-il a puxou pelo cabelo e mordiscou o pescoço, e, em seguida, ela tomou o controle, cavalgando enquanto ele a

abraçava com força, como se temesse perdê-la para sempre.

Estavam entregues ali, entregues como nunca antes. Sophie sentiu as lágrimas escorrerem por seus olhos no instante em que gritou o nome dele, chegando ao orgasmo e estremecendo por inteiro.

Era como se o mundo inteiro chacoalhasse, perdendo o equilíbrio e deixando-a tonta. Se estivesse em pé, certamente teria caído.

Ainda segurando-se nele, apenas permitiu sentir as estocadas que atiçavam sua sensibilidade. E, pouco tempo depois, Tae-il a afastou e gozou no chão, soltando sons guturais de prazer.

Com Sophie, tudo era diferente. Era como se nada pudesse dar errado, ainda que o mundo estivesse desmoronando.

Ainda podia se lembrar da época em que estivera com Amber e se sentia inseguro em relação ao futuro. Relembrava claramente a forma com que se imaginava completamente infeliz ao lado de uma mulher que acreditara amar. Mas, definitivamente, aquilo não fora amor. Tratara-se de capricho por parte dele, apenas para não precisar admitir que não queria deixá-la partir.

Deixar partir era necessário, ele entendia agora. Pois com a ausência era possível compreender melhor os próprios sentimentos e crescer. Simplesmente crescer.

Sem dúvidas estava crescendo, concluiu. Crescendo não apenas com os próprios sentimentos, mas como homem. E ao mesmo tempo em que havia perdido muitas das coisas mais importantes da vida, conseguira encontrar outras ainda mais importantes. Valorizar outras ainda mais importantes.

Completamente exausto, ele se recostou no sofá ainda sem voltar a vestir as roupas. Logo, ela se juntou a ele e ficaram abraçados. Havia o odor almiscarado de sexo e certa paz interna que inundava o ar.

— Eu amo você, sabia? — sussurrou ele, sentindo-se sublime.

— E eu amo você.

Aqueles eram momentos em que se sentiam tão unidos que quase podiam se imaginar sendo um só.

Coisas assim podiam até soar piegas, mas Tae-il acreditava, de fato, no que estava sentindo. Ao contrário do que sentira por Amber, não tinha nenhuma vergonha de declarar o amor que sentia por Sophie.

Pois aquilo, entre todas as coisas que existiam em seu mundo, era certamente o que havia de mais puro.

Capítulo 17

O lançamento do livro aconteceu meses depois. Sophie conseguiu fazer um trabalho incrível como assessora e impulsionou ainda mais o nome de Tae-il através das redes sociais.

Na semana do lançamento, a ansiedade dos adolescentes e jovens adultos para comprar a obra era latente. Inclusive, o título conseguiu ficar entre um dos tópicos mais comentados no *Twitter* por algumas horas, e aquilo era um feito fantástico para um escritor que estava lançando o seu primeiro livro.

Sophie sabia que investir nos adolescentes era uma boa ideia, afinal eles eram apoiadores fiéis e costumavam divulgar de maneira ferrenha as coisas que gostavam. Logo, a propaganda boca a boca se tornou enorme e transpassou as barreiras de Nova York, atingindo todo o país.

Na medida que os dias iam passando, os convites chegavam para Tae-il em dezenas e Sophie fora obrigada a preparar uma agenda extremamente rígida para que pudessem aproveitar o *buzz* da melhor maneira possível.

Durante os dois primeiros meses após o lançamento, Tae-il ficou completamente ocupado e mal tinha tempo para comer. Entrevistas de televisão, pequenas palestras, visitas às escolas públicas e privadas, eventos em redes de livrarias, participações na rádio e uma centena de outras coisas. Quando, enfim, terminou tudo aquilo, sentia-se consumido e inteiramente exausto.

Obviamente o livro entrou na lista dos mais vendidos. Ficou em primeiro lugar durante três meses e fez-se necessário realizar ao menos quatro novas tiragens, que se esgotavam na mesma velocidade em que chegavam às prateleiras.

Tae-il sinceramente não esperara todo aquele sucesso. Sua obra era lenta e extremamente detalhada, com uma temática que não parecia ter força suficiente para criar um best-seller, mas talvez através do trabalho de Sophie e também de todo o apoio editorial, todas as coisas se encaixaram para levá-lo ao topo.

Logo, a crítica também o elogiou e todos pareciam curiosos para saber quando seria o lançamento de um novo livro. Mas, Tae-il estava tão ocupado com tantos eventos e os estudos no curso de psicologia que realmente não fazia ideia de quando poderia criar outra obra.

Sabia que gostaria de escrever algo novo futuramente, mas não naquele momento. Sentia-se fadigado demais e não queria entregar qualquer coisa aos leitores.

O grande problema era que a editora, vez ou outra, o pressionava,

dizendo que se ele não preparasse algum título em pouco tempo, provavelmente seria esquecido e as vendas iriam cair.

Tae-il definitivamente não acreditava naquele pensamento e preferia fazer o que o seu coração estava mandando. Precisava descansar, arrumar os próprios pensamentos e estudar. Somente depois refletiria sobre a possibilidade de escrever um novo livro.

Naquela noite, ele estava ao lado de Sophie e Seul-ki na festa de apresentação dos lançamentos que aconteceriam no ano seguinte. Autores, editores, agentes e empresários do ramo editorial estavam reunidos para acompanhar as promessas literárias dos próximos meses

— Estou vendo o autor do meu livro de culinária favorito — sussurrou Seul-ki com olhos arregalados ao dar uma cotovelada de leve em Sophie. — Você acha que ele se incomodaria caso eu pedisse um autógrafo? Sinceramente, eu não estou acostumada com esse mundo novo em que Tae-il me inseriu. Estou com vergonha.

Seul-ki sempre fora extremamente reservada e agora que precisava lidar com pessoas que via somente na televisão, sentia-se estranha e deslocada.

— Aparentemente ele está vindo até nós primeiro. — Sophie sorriu e avisou a Tae-il.

Não somente aquele autor, mas vários outros também se aproximaram com o passar da noite para cumprimentar Tae-il, congratulando-o por se tornar um verdadeiro fenômeno de vendas ao se utilizar das redes sociais e fazer baixo investimento em meios antiquados.

Logo, o evento começou e claramente os editores pareciam extremamente animados com os livros que tinham em mãos. O universo literário parecia efervescente, repleto de novos autores prontos para mostrar o próprio talento e esperando pela oportunidade certa.

Apesar dos drinks e de alguns aperitivos, nada daquilo fora suficiente para encher a barriga de nenhum dos três, por isso decidiram que iriam à algum lugar, para que pudessem comer e estender a noite por mais algumas horas. E, quando por fim tudo terminou, os três foram para um restaurante elegante.

— Foi uma noite adorável, não foi? — perguntou Sophie, passando um dos dedos na toalha da mesa. — Realmente adorável. Todos pareciam conhecer Tae-il e respeitá-lo. É claro que eu também percebi alguns olhares de inveja de uns e outros, mas não importa.

— É estranho receber tanta atenção de pessoas desconhecidas — comentou Tae-il, pensativo. — Mas é incrível saber que milhares de pessoas

dedicaram bastante do tempo delas para ler uma história minha.

Seul-ki apenas observou em silêncio e percebeu o quão grata se sentia por estar exatamente ali, com o seu filho e com Sophie. Aquele era um dos poucos momentos da vida em que alguém parava para absorver a beleza do que estava acontecendo e para guardar tudo no coração logo em seguida.

Em silêncio, pediu aos céus que o seu filho continuasse com aquele sorriso imenso no rosto. Sorriso de satisfação e plenitude. Pediu também que Sophie já não saísse da vida dele.

Haviam sido muitos os percalços, muitas as dores. Talvez o destino agora estivesse recompensando Tae-il com coisas boas e alegres. Mas, pensando bem, a vida era exatamente uma mistura de momentos, sendo que alguns não eram tão bons quanto outros. Não havia garantia alguma de que a felicidade seria eterna, mas tudo o que restava era tentar.

E certamente Seul-ki estava disposta a dar tudo de si para ver o filho feliz, com aquele sorriso imenso e ao lado da mulher que amava.

— Você está muito calada, mãe. Aconteceu alguma coisa? — Tae-il levantou uma das sobrancelhas, curioso.

— Sim, aconteceu. Esse seu sorriso enorme no rosto está acontecendo bem na minha frente e eu não estou sabendo como lidar com isso. O olhar alegre de Sophie também está acontecendo bem na minha frente e eu acho que estou perdida. O que posso dizer acerca de tamanha beleza? Prefiro apenas observar. Absorver. — Seul-ki soltou um som lento e suave de satisfação. — Que mais noites sejam tão belas quanto esta. Eu me sinto muito feliz de vê-los assim, plenos. Felizes.

Formou-se certo silêncio na mesa e em seguida Sophie começou a falar.

— Momentos em família sempre me deixam feliz. Momentos assim, em que posso ver que tenho pessoas que se importam comigo ao meu lado. Acho que nunca vou me acostumar com isso. Provavelmente nunca irei perder esse olhar bobo. — Ela ficou um pouco tímida, pensando que um simples jantar não deveria representar tanto, mas representava. Para ela, representava tudo.

Nenhum dos três sabia exatamente o que o destino reservava para o futuro. Acontecimentos bons e ruins certamente estariam na lista, alguns mais dolorosos e outros extremamente felizes. Mas, apesar do caminho não ser tão fácil, esperavam que pudessem estar juntos para transcorrer as batalhas que surgiriam.

Pois, no final, um final feliz não era uma vida perfeita e repleta de momentos eternos de felicidade. Na verdade, um grande e verdadeiro final feliz

era poder ter a oportunidade de escrever a própria história sem temer estar sozinho. Sem temer a escuridão.

Obviamente, Tae-il ainda teria um milhão de desafios a enfrentar. Precisaria se adaptar, lutar contra preconceitos, cair e levantar, mas, quando se sentisse cansado, estava inteiramente consciente de que Sophie e Seul-ki estariam ali para segurar a sua mão, para garantir que a vida podia ser leve.

— Eu adoraria poder ver o seu olhar bobo — respondeu Tae-il. Trajava um smoking caro, tinha os cabelos penteados em uma tentativa de parecerem um pouco menos rebeldes e parecia mais vivo do que nunca.

— Use a sua imaginação, filho. — Seul-ki sorriu e tocou uma das mãos dele, dando-lhe dois tapinhas.

— A minha imaginação tem me surpreendido ultimamente. — Ele pousou os talheres em cima da mesa. Era o último a terminar de comer.

Vez ou outra tinha ideias para escrever um livro novo, mas resistia. Precisava descansar a mente antes de começar a investir em uma nova história. Sentia-se tão cansado que sua produtividade, no momento, seria praticamente nula.

Às vezes relembrava da época em que fotografava, mas já havia aceitado que aquela era uma realidade que não fazia parte de sua vida. Contentava-se com as outras milhares de coisas que apareciam diariamente.

— E certamente continuará surpreendendo. — Sophie passou um dos guardanapos nos lábios após bebericar um pouco do vinho.

Os três se sentiam cansados depois das longas horas no evento, por isso decidiram que era hora de ir embora. Seul-ki já não tinha tanta energia e se cansava logo. Apesar da alegria de poder usufruir de noites como aquela, todos sabiam que precisavam ir embora.

— Acho que deveríamos fazer uma foto. Guardar o momento. — Sugeriu Tae-il antes de se levantarem, seu espírito de fotógrafo falando mais alto.

— Sim! — Sophie levantou uma das mãos e chamou o garçom, que veio prontamente. — Poderia fazer a gentileza?

Ambos fizeram as mais diversas poses. Sophie também estava elegante, com um vestido salmão com saltos negros e os cabelos presos em um coque quase desfeito, dando-lhe um ar que ficava entre a sofisticação e o poder.

Seul-ki, por sua vez, decidira usar um vestido negro, com detalhes perolados. Seus cabelos lisos estavam soltos e ela tinha pouca maquiagem no rosto. Estava bela em sua simplicidade.

Assim, a foto foi feita. O momento eternizado. Não que aquele fosse um dia excessivamente especial, pois não era. Tratava-se apenas de uma noite onde os três saíam para jantar. Mas, aquele simples fato, já era grandioso o suficiente para que existisse gratidão.

Por fim, depois de pagarem a conta, saíram do restaurante. Tae-il andava de braços dados com ambas, sentindo-se completo.

E assim, numa história onde cada um dos personagens tinha motivos para desistir, todos eles encontraram verdadeiros motivos para sorrir.

Sophie descobriu que família não era apenas a de sangue, mas também a que o coração escolhia.

Tae-il compreendeu que o amor precisava começar nele para se estender nas outras pessoas, e que apesar das quedas, sempre valia a pena recomeçar.

E Seul-ki, por sua vez, nunca deixou de agradecer pela possibilidade de ter o filho bem e vivo outra vez. De poder ter saúde para usufruir dos maiores e menores detalhes que existiam e existiriam.

A noite estava fresca e agradável. Enquanto caminhavam, passaram por uma vendedora de flores.

— Compre rosas para estas belas damas, meu rapaz! — exclamou ela, bem-humorada.

— É uma boa ideia, não é? — Ele parou de caminhar e, com a bengala, se aproximou da loja minúscula. — Quero as mais bonitas.

Segundos depois, a vendedora entregou um conjunto de rosas vermelhas e brancas, além de petúnias e gerânios. Com cuidado, Tae-il as pagou e agradeceu.

— Eu amo vocês — disse ele ao entregar uma parte das flores para Sophie e a outra para Seul-ki. — As duas mulheres da minha vida. Eu amo vocês.

Seul-ki simplesmente não resistiu, pois já se sentia emocionada desde que a noite começara. Lágrimas se avolumaram em seus olhos e ela puxou Sophie para que dessem um abraço triplo.

— Eu amo vocês — repetiu Tae-il, sentindo o abraço que inundava a sua alma e o fazia acreditar em um futuro belo e repleto de possibilidades. — Obrigado por estarem comigo.

Tae-il perdeu a visão, mas encontrou a paz, a plenitude e descobriu o poder da família.

E isto, bem, era como submergir. Mas não nas águas dessa vez.

Era como submergir no amor.

Epílogo

Anos depois, Tae-il concluiu o curso de psicologia através da Nova York University. Não fora fácil no início e por muitas vezes pensara em desistir, mas com o apoio de Seul-ki e de Sophie, aprendera a confiar na própria força e a seguir em frente.

Foram tempos complicados. Ele não se sentira confortável para fazer amigos e muitas vezes excluía a si mesmo durante quase todo o início do curso. No entanto, logo os outros alunos demonstraram ser extremamente receptivos e o ajudavam no que era necessário. Simplesmente não se importaram com o fato de que Tae-il era um pouco mais velho do que quase toda a turma.

Portanto, após o choque inicial, o curso se tornou mais agradável, mas não menos desafiador. Lá, Tae-il criou grandes amizades e conheceu pessoas espetaculares. Além disso, o lado bom de estudar psicologia era que os professores, sendo psicólogos, tratavam de enxergar os alunos com uma ótica menos aleatória, transformando o indivíduo em indivíduo, tentando levar em consideração cada detalhe que havia guiado os estudantes até ali.

Já formado, Tae-il decidiu atuar na área da psicologia clínica, pois sentia que o seu destino era exatamente o de trabalhar com as redescobertas dos pacientes. Inclusive, crescia com eles e acreditava ser uma pessoa melhor com o próprio trabalho.

Com o passar do tempo, também aprendeu que a cegueira não era um fator que podia defini-lo, ou pará-lo. Em realidade, nada tinha o poder de detê-lo, caso assim ele pensasse. Quando por fim compreendeu verdadeiramente aquele fato, libertou-se de muitos medos e se permitiu muito mais do que se imaginara capaz.

Não que fosse fácil dar novos passos, pois viver não era fácil. Arriscar não era fácil. Nunca seria. E idealizar uma vida perfeita era uma das piores maneiras de se frustrar, por isso, preferia aceitar as coisas boas e enfrentar as ruins, sempre com a cabeça erguida e com a consciência de que somente ele era o responsável pelo próprio final feliz.

Apesar de dedicar boa parte do seu tempo à psicologia, também escrevia. Obviamente já não era possível escrever com a mesma velocidade com que escrevera a primeira obra, mas tentava lançar um novo romance a cada dois anos. Suas histórias já eram reconhecidas como intrincadas, repletas de sentimentos e emoção.

Entre todas as atividades diárias, Tae-il ainda encontrava tempo para

viajar o país, dando palestras sobre a arte de recomeçar diariamente, lutando contra todas as probabilidades e vencendo os próprios medos. Usualmente, os ingressos dos eventos esgotavam em poucas horas e multidões faziam questão de ouvir o que ele tinha a dizer.

As memórias do relacionamento com Amber já não passavam de memórias antigas, que quase nunca voltavam à superfície. Ele não tinha nenhuma razão para reavivar o assunto e parecia extremamente satisfeito com a vida que estava levando.

Sem dúvidas, recomeços eram dolorosos. Precisara morrer para poder valorizar a vida, e agora que enfim havia descoberto um caminho repleto de luz, simplesmente não lhe parecia justo relembrar as sombras que ficaram no passado. No final, o passado devia ficar exatamente no passado, e não retornar.

Por outro lado, Sophie deixou de assessorar Tae-il diretamente e abriu a própria empresa de assessoria com filiais em Nova York, Houston, Washington e Los Angeles. Grandes profissionais foram contratados e o retorno financeiro estava sendo espetacular. Estrelas do esporte, do cinema e da televisão contratavam os serviços sem pensar duas vezes, e a propaganda se espalhava através do país.

Sophie vencera. Ao invés de aceitar a própria realidade e de acreditar, de fato, ser a menina órfã e pobre que não teria futuro algum, decidira que mudar o próprio destino estava em suas mãos. Com isso, tornou-se uma mulher inteiramente independente, com investimentos em diversas áreas e que planejava crescer ainda mais nos anos seguintes.

É óbvio que nada daquilo seria possível sem o apoio inicial de Tae-il. Quando ela perdera o emprego na revista, ele apostara nela sem pensar duas vezes e investira grandiosamente em seus serviços de assessora. Ambos, juntos, cresceram de mãos dadas, cada um em seu meio, mas nunca se esquecendo do real significado de família.

E, sem dúvidas, não havia nada mais importante do que família para Sophie. Não tivera a oportunidade de usufruir de familiares de sangue, mas descobrira que existiam laços ainda mais fortes do que qualquer sobrenome.

Tae-il e Sophie se casaram assim que ele terminou o curso de psicologia. A cerimônia aconteceu na Coreia do Sul, com pouquíssimos convidados e uma decoração simples, mas extremamente delicada. Ali, fizeram os votos e prometeram estar juntos até o fim dos dias, e até mesmo quando os dias já não existissem.

Seul-ki vez ou outra ainda se emocionava sempre que via as fotos do

casamento. Seu filho nunca deixara de ser o maior tesouro que havia em sua vida, e agora, desde que Sophie aparecera, tudo parecia ainda mais completo.

A partir do dia em que se conheceram no hospital, Seul-ki criou um laço especial com Sophie. A amava como uma verdadeira filha, e certamente ela era um dos melhores presentes que surgiram em sua vida nos últimos anos.

A doce senhora sempre tentava ir aos eventos do filho e se emocionava cada vez que ele narrava as próprias batalhas. E, para a surpresa de todos, decidira dar uma nova chance ao amor exatamente durante uma das palestras de Tae-il.

Ela estivera sentada, com lágrimas nos olhos, quando um dos ouvintes, que também vivia em Nova York, se aproximara para oferecer um lenço.

Coisas como aquela simplesmente não tinham explicação e aconteciam de forma natural. Logo, Seul-ki aceitara jantar com Edward Waters e, em poucos meses, se apaixonara.

Inicialmente, sentira medo. Muito medo. Não queria ter o coração destroçado outra vez, odiava a ideia de amá-lo e perdê-lo logo em seguida, mas, seguindo as lições do próprio filho, aceitara que não podia reprimir os sentimentos apenas por estar insegura.

Assim, se entregara de forma natural e intensa. Edward a pedira em casamento dois anos depois e agora viviam juntos em um apartamento confortável em Tribeca, no centro de Manhattan.

O homem era apenas alguns anos mais velho do que ela, com cabelos grisalhos, olhos azuis intensos e um belo sorriso no rosto. Tinha três filhos e duas netas, e, assim como Seul-ki, estava completamente disposto a aproveitar aquela fase da vida em que sentiam-se livres para fazer qualquer coisa.

Naquela noite, Tae-il estava preparando uma festa surpresa para Sophie, pois era o seu aniversário. Seul-ki, Edward, seus filhos e netas também estavam presentes. O apartamento tinha todas as luzes apagadas e todos faziam total silêncio quando ela chegou.

Estava exausta e até mesmo irritada. Depois de passar um dia inteiro entre centenas de reuniões, seus pés doíam e seu coração também, afinal Tae-il não telefonara para desejar-lhe um feliz aniversário. E ele nunca, nunca esquecia.

Sophie até estranhou o silêncio e deu um pulo para trás quando as luzes se acenderam em um rompante e toda a família gritou:

— Surpresa! Feliz aniversário!

Ao avistá-los, Sophie soube que nunca deixaria de ser grata por fazer

parte daquela família. Por ser aquela família. Certamente, aquele simples gesto representava muito mais do que qualquer outro presente.

No mesmo instante em que saiu do torpor inicial da surpresa, ela literalmente se jogou nos braços de Tae-il para abraçá-lo, permitindo-se enfeitiçar no poder de sua presença. Tê-lo ao seu lado já era suficiente para fazê-la sentir-se completa, quase como um bálsamo que melhorava o seu dia inteiro.

— Obrigada — disse ela, voltando-se para ele uma vez mais depois de cumprimentar todos os outros. — Eu amo você, sabia?

O cachorrinho Ed, que já não era um cachorrinho e sim um verdadeiro cão-guia adulto, balançava o rabo, animado e ansioso. Adorava estar cercado de outras pessoas e adorava ainda mais quando notava que Tae-il estava feliz.

— De nada. Não, acho que eu não sei. Pode dizer de novo? — Ele abriu um sorriso e encheu o coração de Sophie de ternura. Daquele sentimento que parecia surgir cada vez que ele sorria, levando paz à sua alma.

— Não sabe? — Ela soltou um falso suspiro. — Acho que não estou fazendo um bom trabalho, então. Eu amo você, Tae-il. Sempre.

— E eu amo você, minha Sophie. — Ele a abraçou com força.

A cada abraço, Sophie se sentia cada vez mais amada. Mais pertencente. E assim, dentro do calor dos braços de Tae-il, ela tinha a mais completa certeza de que aquele era o seu final feliz. Tae-il era o seu porto seguro, assim como ela era o dele. Juntos, estavam preparados para escreverem um longo caminho juntos. Em uma história que se baseava no verdadeiro significado de gratidão.

Fim.

Table of Contents

[PARTE I](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[PARTE II](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Epílogo](#)